



## Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

### Diário da Sessão

VII Legislatura

Número: 58

II Sessão Legislativa

Horta, Quinta-Feira, 17 de Outubro de 2002

**Presidente:** *Deputado Fernando Menezes*

**Secretários:** *Deputados António Loura e Raúl Rego*

### SUMÁRIO

*(Os trabalhos tiveram início às 10 horas e 15 minutos)*

#### **Período de Antes da Ordem do Dia**

Leitura da correspondência.

Apresentação, pelo Grupo Parlamentar do PS, de um **Voto de Pesar** pelo “**falecimento do Sr. Fraga Pimentel**”.

A apresentação do referido voto coube ao Sr. Deputado Óscar Rocha, tendo de seguida proferido intervenções os Srs. Deputados Paulo Valadão (*PCP*) e José Manuel Nunes (*PSD*).

Submetido à votação, o voto em apreço foi aprovado por unanimidade.

Intervenções de Interesse Político Relevante para a Região.

Usaram da palavra, a diverso título, os Srs. Deputados José Nascimento Ávila (*PS*), João Cunha (*PSD*), Manuel Avelar (*PS*), Paulo Valadão (*PCP*), Lizuarte Machado

(PS) José Decq Mota (PCP), Sérgio Ferreira (PS), José Humberto Chaves (PS), Nuno Amaral (PS), Alvarino Pinheiro (PP), Joaquim Machado (PSD), Cabral Vieira (PS), Paulo Messias (PS), José San-Bento (PS), Paulo Gusmão (PS), bem como os Srs. Secretários Regionais da Habitação e Equipamentos (*José Contente*), da Agricultura e Pescas (*Ricardo Rodrigues*) e Adjunto da Presidência (*Francisco Coelho*).

### **Período da Ordem do Dia**

#### **- Continuação da discussão da Proposta de Decreto Legislativo Regional – “Conselho Regional da Água”.**

Usaram da palavra os Srs. Deputados Paulo Gusmão (PP), José Decq Mota (PCP), Joaquim Machado (PSD) e Hernâni Jorge (PS).

Submetido à votação o diploma foi aprovado maioria.

#### **- Interpelação ao Governo Regional sobre Agricultura pelo Grupo Parlamentar do PCP.**

Proferiram intervenções os Srs. Deputados Paulo Valadão (PCP), Luís Paulo Alves (PS), Luís Medeiros (PSD), Paulo Gusmão (PP), José Decq Mota (PCP), Duarte Freitas (PSD), Hernâni Jorge (PS), José Decq Mota (PCP) e o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas (*Ricardo Rodrigues*).

*(Os trabalhos terminaram às 20 horas)*

**Presidente:** Srs. Deputados, bom dia.

Vamos dar início aos trabalhos com a chamada dos Srs. Deputados.

*(Eram 10 horas e 15 minutos)*

*Procedeu-se à chamada à qual responderam os seguintes Deputados:*

#### **Partido Socialista (PS)**

**Andreia Martins Cardoso** da Costa

**António das Neves Lopes Gomes**

**António José Tavares de Loura**

**Fernando** Manuel Machado **Menezes**  
**Francisco** Cardoso Pereira **Oliveira**  
**Francisco** Couto de **Sousa**  
**Francisco** Sérgio Frade Frota Tavares **Barros**  
**Henrique** Correia **Ventura**  
**Hernâni** Hélio **Jorge**  
José António **Cabral Vieira**  
**José** Carlos Gomes **San-Bento** de Sousa  
**José** de Sousa **Rego**  
**José Humberto** Medeiros **Chaves**  
**José** do **Nascimento** de **Ávila**  
**Lizuarte** Manuel **Machado**  
**Luís Paulo** de Serpa **Alves**  
**Manuel Avelar** da Cunha Santos  
**Manuel** Fernando Soares de Oliveira **Campos**  
**Manuel Soares da Silveira**  
Maria da **Natividade** da **Luz**  
**Nuno** Alexandre da Costa Cabral **Amaral**  
**Óscar** Manuel Valentim da **Rocha**  
**Paulo** Manuel **Ávila Messias**  
**Renato** Luís Pereira **Leal**  
**Vasco** Ilídio Alves **Cordeiro**

***Partido Social Democrata (PSD)***

António **Bento** Fraga **Barcelos**  
**Clélio** Ribeiro Parreira Toste **Meneses**  
**Duarte** Nuno D'Ávila Martins de **Freitas**  
**Humberto** Trindade Borges de **Melo**  
**João** Manuel Bettencourt **Cunha**  
Jorge Alberto da **Costa Pereira**  
**José Francisco** Salvador **Fernandes**

**José Joaquim Ferreira Machado**

**José Manuel Cabral Bolieiro Dias**

**José Manuel Avelar Nunes**

**Luís Henrique de Aguiar Sequeira de Medeiros**

**Mark Silveira Marques**

**Raúl Aguiar Rego**

**Sérgio Manuel Bettencourt Ferreira**

***Partido Comunista Português (PCP)***

**José Eduardo Bicudo Decq Mota**

**Paulo António de Freitas Valadão**

**Presidente:** Estão presentes 41 Srs. Deputados.

Estão abertos os nossos trabalhos. Pode entrar o público.

Vamos dar início à leitura da correspondência que entretanto chegou à Mesa.

**Secretário (António Loura):** Da Câmara Municipal da Horta, envio de um ofício dando conhecimento de uma recomendação aprovada na Sessão de 3 de Outubro de 2002, remetida ao Governo da República e ao Governo Regional dos Açores, sobre o processo da reconstrução.

**Secretário (Raúl Rego):** Do Sindicato dos Professores da Região Açores, moção aprovada por unanimidade relativa a questões de formação contínua.

**Secretário (António Loura):** Do Secretário Regional Adjunto da Presidência, resposta ao requerimento nº 237/VII, apresentado pelo Sr. Deputado Francisco Sousa, do PS, sobre o “estudo de crescimento somático de aptidão física, de actividade física e capacidade de coordenação corporal de crianças do 1º ciclo do ensino básico da Região Autónoma dos Açores” e diz:

“Em resposta ao requerimento em epígrafe, cumpre-me enviar a V. Exa. um exemplar do estudo solicitado.

Com a mais elevada consideração e estima também pessoais.

**O Secretário Regional Adjunto da Presidência, Francisco Manuel Coelho Lopes Cabral”.**

*(O exemplar supramencionado, encontra-se arquivado no respectivo processo)*

**Secretário** (*Raúl Rego*): Da Presidência do Governo, remessa de despacho e diz: “No dia 17 de Outubro de 2002, as funções de Presidente do Governo Regional dos Açores serão asseguradas pelo Secretário Regional da Agricultura e Pescas, Dr. Ricardo Manuel Amaral Rodrigues.”

**Secretário** (*António Loura*): De um grupo de Deputados das diversas bancadas, deu entrada um pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão relativo ao Projecto de Decreto Legislativo Regional que “adapta à Região a Lei nº 92/95, de 12 de Setembro, alterada pela Lei nº 19/2002, de 31 de Julho”.

**Secretário** (*Raúl Rego*): Pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão para o Projecto de Decreto Legislativo Regional – Republicação do Decreto Legislativo Regional nº 11/2002/A, de 11 de Abril, assinado pelos líderes parlamentares.

**Presidente:** Terminada a leitura da correspondência, a mesma encontra-se ao vosso dispor.

Deu entrada na Mesa um Voto de Pesar sobre o falecimento de um antigo Deputado desta Casa, o Sr. António Fraga Pimentel.

Para apresentar o Voto, tem a palavra o Sr. Deputado Óscar Rocha.

**Deputado Óscar Rocha** (*PS*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional:

### **Voto de Pesar**

No passado dia 14 de Outubro, com 66 anos de idade, faleceu no Hospital de Angra do Heroísmo, vítima de doença prolongada, o Sr. António de Fraga Pimentel.

Natural da Ilha do Corvo, onde sempre residiu, exerceu durante cerca de 30 anos, como funcionário público, os cargos de Auxiliar de Sanidade Vegetal e Auxiliar Técnico de Pecuária.

Como dirigente associativo durante vários anos fez parte dos Corpos Sociais da Santa Casa da Misericórdia, Associação Agrícola e Cooperativa Agrícola da Ilha do Corvo.

Eleito pelo círculo Eleitoral do Corvo, foi deputado desta Assembleia no período de Novembro de 1980 a Fevereiro de 1985.

Das várias intervenções que proferiu nesta Casa é de salientar nos seus conteúdos o entusiasmo, as preocupações que colocava tendo sempre como objectivo primeiro a defesa intransigente da sua Ilha do Corvo, consequentemente de todos os corvinos que tanto amava.

Foi também vereador da Câmara Municipal e Deputado da Assembleia Municipal do Corvo de 1983 a 1989.

Nos termos regimentais aplicáveis, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista, propõe a aprovação deste Voto de Pesar, pelo falecimento do antigo deputado desta Assembleia, António de Fraga Pimentel.

**Horta, Sala das Sessões, 16 de Outubro de 2002**

**Os Deputados Regionais,** *Vasco Cordeiro, Francisco Sousa, Francisco Barros, Hernâni Jorge e Óscar Rocha.*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional:

O momento da morte é sempre um momento difícil. Mais difícil se torna quando se trata de uma pessoa com a qual tivemos uma profunda relação de amizade. É o caso que se passava entre mim e o António Fraga Pimentel.

Ele foi deputado desta Casa, foi funcionário da Secretaria Regional de Agricultura e Pescas e durante alguns anos, fui eu chefe de divisão dos serviços ao qual ele pertencia.

Muito mais do que qualquer hierarquia, houve sempre entre mim e o António Fraga uma relação fundamental de amizade.

Por isso é com alguma emoção que vou dizer duas ou três palavras sobre este Voto de Pesar, o qual o Grupo Parlamentar do Partido Comunista Português se associa.

Segui com muita preocupação, desde Agosto, o último período que o António Fraga, profundamente doente, esteve internado no Hospital de Angra do Heroísmo. Vi, principalmente, o desejo e a esperança que ele teve e tinha de poder encontrar melhoras e fundamentalmente de poder ser socorrido por outro Hospital, na esperança de melhores condições para a doença de que padecia.

Infelizmente isso não aconteceu e o António Fraga, depois de passar o mês de Agosto, Setembro e parte de Outubro internado naquele hospital, viria a falecer no serviço onde foi internado em Agosto.

Foi, sem dúvida nenhuma, um período muito longo, tanto para a família, como para o António Fraga ou até mesmo para os seus amigos.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Como disse há pouco, é com profundo pesar que vimos partir o António Fraga, no entanto, a obra dele com certeza vai continuar e vai ser lembrada pelos corvinos, porque ele, acima de tudo, desejava o desenvolvimento e progresso da sua ilha e isso pôs em primeiro lugar, às vezes com o sacrifício da sua própria actividade, o desejo de ver a sua ilha progredir e avançar.

Obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Manuel Nunes.

**Deputado José Manuel Nunes (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O PSD associa-se a este Voto de Pesar apresentado pelo Partido Socialista, tendo em conta as qualidades humanas do ex-deputado António Pimentel.

Foi uma pessoa exemplar, tanto na política como a nível profissional e esteve sempre disponível a qualquer hora do dia ou da noite.

António Fraga Pimentel ficará para frente na memória de quem o conheceu.

**Presidente:** Não havendo mais intervenções, antes de passar à votação, gostaria de deixar registado o meu pesar relativamente à morte do Sr. Fraga Pimentel, velho amigo, com quem passei muitas horas de conversa e convívio.

Portanto, gostaria de manifestar também à família, em meu nome pessoal, o meu pesar por este falecimento.

Posto isto, vamos passar à votação.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** O Voto de Pesar foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Passamos às intervenções de interesse político relevante para a Região. Informo os Srs. Deputados que este período decorrerá até às 13 horas e os tempos disponíveis são os seguintes:

**PS – 65 minutos**

PSD – 40 minutos

CDS/PP – 13 minutos

PCP – 13 minutos

Governo – 19 minutos

Para uma intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado José Nascimento Ávila.

**Deputado José Nascimento Ávila (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Nos passados dias 12 e 13 de Julho do ano em curso, visitou a ilha Graciosa o Governo Regional dos Açores, com todos os seus membros, fazendo-se acompanhar de vários Directores Regionais.

Esta foi a 2ª visita em que o Governo imprimiu a nova metodologia de trabalho, dando assim oportunidade a que não só os responsáveis governamentais mas também os Directores Regionais contactassem directamente com os respectivos serviços, inteirando-se das diversas problemáticas da ilha criando-se assim uma descentralização executiva e, conseqüentemente, a aproximação de Governo e governados.

Neste contexto, é de salientar a segunda reunião do conselho de ilha, após a sua reformulação, criada pelo Decreto Legislativo Regional de 21/99/A, de 10 de Julho, o qual, para além dos membros Autárquicos, integra representantes das diversas forças Sindicais bem, como das organizações representativas dos sectores económicos e sociais.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Membro do Governo:

Falar-se de uma visita do Governo a uma ilha poderá **parecer a priori** conversa banal e consagrar o feito como um mero cumprimento estatutário. Contudo, tal não é a nossa **perspectiva** porquanto, não obstante pese sobre o executivo o dever



quotidiano de ter todas as ilhas e os seus respectivos problemas em mente, é nesta oportunidade que, com a sua deslocação ao terreno, o Executivo tem a possibilidade de se inteirar dos problemas que, quer os Autarcas, quer os Parceiros Sociais têm para resolver. O Executivo, em contacto directo com os mesmos, melhor possa solucioná-los.

Pese embora o facto de a alguém poder parecer descabido as afirmações que passo a proferir, as mesmas valem pelos seus números e tem incidência no Círculo Eleitoral por que estou eleito, a ilha Graciosa.

Registe-se então o seguinte:

No período compreendido entre 1993 e 1996, período em que foi responsável o último Governo do PSD, este despendeu para a ilha Graciosa, um montante global de 1.493.382 contos. No período compreendido entre 1997 e 2000, período da responsabilidade **Governativa** do PS o Governo despendeu para a mesma ilha uma verba no montante global de 3.063.699 contos, o que representa, numa análise comparativa, um aumento percentual de 105% ou seja mais do dobro.

A Governação do PS nos Açores decorre há cerca de 6 anos, contudo, é tempo suficiente para que se possa fazer alguma história, tal como a oposição refere. Podemos, com muito orgulho, falar do passado presente que, no caso vertente, os números falam por si. Neste caso é uma história com história que se consubstancia numa boa história para a Graciosa.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Antes de voltarmos ao tema inicial, apraz registar breves palavras sobre o futuro no que se prende com o P.M.P. 2001/2004 que prevê investimentos para a ilha Graciosa no montante de 4.603.717 contos, o que resulta numa média anual de 1.150.920 contos, mais do dobro do que foi investido em 1993 e 1994 respectivamente 540.871 contos e 520.159 contos pelo Governo do PSD, isto já para não falar nos 266.572 contos em 1995 e mais ainda na irrisória quantia de 165.780 contos em 1996 também pelo Governo da responsabilidade do PSD.

Voltando ao tema inicial desta minha intervenção, sempre se dirá que “Roma e Pavia não se fizeram num dia”.

Temos a verticalidade de assumir que algumas das obras só entraram em execução naquela ilha, já haviam sido projectadas no ano anterior. É com todo o prazer que registamos o início das obras de grande reparação e ampliação da Escola 2,3/S.C.G., pelo preço base de 700 mil contos, que transformará profundamente a qualidade física daquela Escola colocando-a ao nível das melhores dos Açores.

Obra de grande mérito e carácter Social, a qual o Governo do PSD nunca decidiu encetar, finalmente teve início, o Lar de Idosos da Santa Casa da Misericórdia da Vila da Praia da Graciosa cujo montante deverá atingir os 500 mil contos.

É, pois, com prazer que nos podemos congratular com a recente visita do Governo Regional à ilha Graciosa a qual vem trazer frutos há muito desejados e criar melhores condições para que todos se possam sentir bem nesta pequena ilha.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Outras medidas há muito ansiadas pelos Graciosenses foram também, nesta visita, alvo de resposta positiva, como seja os casos da instalação de uma grua no Porto de Pescas da Folga, da contratação de mais um Veterinário em parceria com a Câmara Municipal, de apoiar a inseminação artificial de bovinos, com vista ao melhoramento genético, o abastecimento de água à lavoura e o apoio à associação de Caçadores da ilha Graciosa, com a atribuição de um subsídio destinado à aquisição de sede própria, adquirir um novo equipamento de raio X para o Centro de Saúde, continuar a apoiar o restauro da Igreja Matriz de Santa Cruz, lançar a 2ª fase do loteamento das Dores, diversas intervenções em Estradas, Parques e Miradouros, bem como montar uma estação de monitorização e segurança na Furna do Enxofre, na Caldeira, de modo a que a visita àquela nossa ex-libris se façam sem sobressaltos e na maior segurança.

Este pacote de medidas concretas, aliadas às obras e outros projectos já realizados ou em curso demonstram, sem margem para dúvidas que é, de facto, aquele que mais se preocupou e preocupa com o desenvolvimento da segunda ilha mais pequena da Região, constatando-se que este Governo mantém intacta a determinação de desenvolver todas as ilhas por igual e não apenas as de maior expressão.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Para os mais esquecidos, lembro e relembro que foram os governos do PS que realizaram investimentos fundamentais, como obra de reparação profunda e consolidação do Porto Comercial da Praia, que custou mais de 1 milhão de contos, a construção da nova aerogare, considerada actualmente uma das melhores dos Açores, a pavimentação de estradas e de caminhos agrícolas, bem como a correcção de curvas perigosas, a construção do Matadouro, com equipamento moderno, apoio de largos milhares de contos a todas as Juntas de Freguesias da Ilha, apoios significativos a diversas entidades culturais, recreativas e desportivas, participou com 85% a obra de ampliação da Escola Básica de Santa Cruz, cuja ampliação era reivindicada há mais de uma década e procedeu a um apoio sem precedentes à recuperação de habitações degradadas e à construção de casas novas.

De salientar ainda a construção da nova Fábrica de Lacticínios, que deverá ascender a mais de 1 milhão e 200 mil contos, desejada há muitos anos pela lavoura Graciosense, obra que está em curso e em bom ritmo. Não obstante ser uma obra do sector privado, mas fortemente participado pelo Governo, seria injusto da minha parte, como conhecedor profundo deste processo, não dirigir uma palavra de muito reconhecimento e apreço à pessoa que foi o principal responsável pelo êxito do acordo que tornou possível a construção desta obra de grande relevância para a economia da Graciosa. Refiro-me ao então Secretário da Agricultura e Pescas Prof<sup>o</sup> Doutor Fernando Lopes, em cujo acto de assinatura pelas partes envolvidas, Pronicol, Lactogal, Associações de Agricultores e Cooperativa Agrícola da Graciosa, foi dito publicamente e com alguma emoção pelo Presidente da referida Cooperativa “que era uma data histórica para a lavoura da Graciosa.”

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Como fica amplamente demonstrado, e contra todos os profetas da desgraça, a verdade irrefutável é que os governos do PS são responsáveis pelo enorme salto de progresso e desenvolvimento que a Graciosa conhece nos últimos anos: basta pensar no que a Graciosa tinha há meia dúzia de anos e no que hoje já tem.

Até o último Governo da República da responsabilidade do PS, de quem a maioria dos portugueses já tem saudades,...

*(Risos dos Deputados da bancada do PSD)*

... tendo em conta os resultados das diversas sondagens publicadas na comunicação social continental, contemplou a Graciosa com a construção do Palácio da Justiça pedido pela Câmara Municipal há cerca de 40 anos, onde serão instalados todos os serviços do Ministério da Justiça, nomeadamente os judiciais e os da conservatória do registo civil e predial.

Há quem se entretenha a falar mal e a tentar denegrir quem apresenta obra feita, e há quem trabalhe de facto para o bem da Graciosa e dos Graciosenses.

Disse!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Para uma intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado João Cunha.

**Deputado João Cunha (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Nesta vinda à tribuna as minhas primeiras palavras são para, em nome dos Graciosenses que represento com muito orgulho, congratular-me com o início das obras de remodelação e ampliação da Escola Básica Integrada e Secundária de Santa Cruz da Graciosa,...

**Deputado Mark Marques (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** ... depois de muitas vezes terem sido pedidas e de outras tantas ter sido, pelos Governos Socialistas, anunciado que as obras iriam arrancar.

Agora só desejamos que a obra decorra a bom ritmo, sem os atrasos que normalmente acontecem com as obras do Governo naquela parcela da nossa Região. Mas, infelizmente, e ao que já ontem ouvimos na comunicação social falada do nosso Arquipélago, os primeiros imbróglis já estão a acontecer e os ditos atrasos poderão mesmo acontecer.

Essa obra, pelas razões que todos conhecem e que me escuso de frisar, é imprescindível à população da minha Ilha, em especial à sua Juventude.

O lançamento da primeira pedra, da referida obra, fez parte do programa da visita Estatuária que o Governo Regional fez à Graciosa nos dias 12 e 13 de Julho passado. É, pois, dessa visita que vou continuar a falar.

Depois de há uns anos atrás o Governo Regional “rosa” ter ficado 3 dias na Graciosa, em acções que chamaria de campanha partidária, agora poucas mais horas do que aquelas que tem 1 dia, esteve o Governo na denominada Ilha Branca.

A razão dessa curta estadia Governativa é simples:

É que o tempo do “show off” passou.

Agora é tempo dos Graciosenses cobrarem ao executivo, as promessas feitas. Mas como essas promessas tardam em concretizar-se, há que passar rapidamente na Graciosa dando-se, assim, apenas cumprimento àquilo que estipula o Estatuto Político-Administrativo da nossa Região Autónoma.

Foi uma visita que se assemelhou em tudo “à passagem de gato por brasas”, já que muitos dos problemas que afectam quem ali vive continuam sem solução.

Na falta de obra feita, chegou o Governo ao cúmulo de se “pavonear” e preencher o programa da visita com obras feitas pelos Governos PSD.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, vejamos então:

Do programa constava a inauguração do Caminho Rural dos Vímiais.

Fizeram mesmo essa inauguração com pompa e circunstância contando com a presença do Senhor Presidente do Governo Regional, de alguns dos Senhores Secretários Regionais, de convidados e da comunicação social.

Mas manda a verdade dizer que essa estrada foi feita, há já alguns anos, pelos Governos do PSD.

O que lá fez este Governo, foi só pavimentar alguns pequenos troços inclinados que se encontravam quase intransitáveis, à semelhança de muitos outros caminhos de penetração daquela Ilha, exactamente porque os senhores deste Governo não cuidam convenientemente dos referidos caminhos.

Depois, ainda fazia parte do programa a assinatura de escrituras de cedência de lotes no loteamento das Dores.

Aqui está uma acção bem demonstrativa da forma desleixada de como os Socialistas governam, ou melhor dizendo, desgovernam esta Região.

Sabem, Sras. e Srs. Deputados:

Em 1996, quando o Governo do Sr. Carlos César iniciou funções, os terrenos já lá estavam à sua disposição, deixados também pelos executivos do PSD!

Quase 6 anos depois fazerem a entrega dos primeiros lotes, de um terreno que é marginado com a via pública e que não precisa de ser infraestruturado, é obra.

Não sentem vergonha de coisas destas, Srs. Membros do Governo? – infelizmente e à excepção do Sr. Secretário Regional da Agricultura, mais uma vez abandonam a Sala.

E já que falamos de habitação, que soluções deixaram para diversos casos de habitações degradadas que continuam a existir naquela Ilha?

Por que, mais uma vez, não ouviram e reuniram com as Juntas de Freguesia, já que os autarcas, com certeza, com a maior das franquesas, lhes forneceriam a lista desses casos?

Mas como gostam de inaugurações, bem poderiam ter inaugurado o belo exemplar, de uma recuperação inacabada, que decorre ali para os lados das Almas, há longos anos, e essa sim é uma obra vossa.

Porque não foi o Governo às Termas do Carapacho?

Se o tivesse feito, com certeza, teriam tomado nota de que é preciso substituir algum equipamento deteriorado e que também faz falta uma conservação geral do edifício, já que ela não se faz, convenientemente, desde 1993.

Assim, poder-se-ia abrir a próxima época balnear sem os atrasos que aconteceram este ano, os quais são sempre incómodos e até prejudiciais a quem ali pretende tratar-se.

Mas já que falamos do Carapacho pergunto:

1 - Que é feito do projecto de remodelação das Termas que, em vésperas de eleições, o Sr. Secretário Regional da Economia, de forma tão propagandeada na comunicação social, foi apresentar à Graciosa?

2 - Em que resultaram os furos de pesquisa feitos pela firma “A CAVACO” durante a época balnear e que tanto ajudaram a “relaxar” quem procurou aquela zona de lazer para fazer as suas Férias?

Passemos agora às Estradas Regionais para perguntar ao Governo o seguinte:

1 - Por que não visitou a recente obra de pavimentação da estrada Guadalupe/Santa Cruz, a qual, no dizer do Sr. Secretário Regional de Habitação e Equipamentos, apresenta uma alta qualidade, mas ao que já se vê, essa alta qualidade é para se desfazer?

2 - Foi pelo Senhor Secretário Regional da Habitação e Equipamentos apreciada a grande qualidade técnica posta na implantação das “eficientes” placas divisórias de trânsito que em tão curto espaço de tempo já provocaram 3 acidentes?

3 - Será que naqueles “4 macacos” se vão consumir as verbas previstas no Orçamento Regional de 2002, para a Graciosa, no tocante a Estradas Regionais?

Também se esperava nesta visita o lançamento da primeira pedra do Porto de Pescas e Recreio Náutico, obra importante ao crescimento e desenvolvimento dos sectores das Pescas e Turismo naquela Ilha, eleiçoeiramente apresentado há anos, mas que por teimosia do Governo continua a não avançar.

Pensei ainda, que pudesse ser este o ano de se resolver os problemas da defesa da Orla Marítima no Degredo, nos Fenais e no Carapacho, depois de ver e ouvir, o Sr. Presidente do Governo Regional ter afirmado em 1997, que a questão teria uma solução para breve.

Mas, infelizmente, a solução continua a ser “embalar” o problema.

Outra obra, tantas vezes prometida, mas ainda e sempre em fase metamorfósica, é a nova Central Termoeléctrica que vai substituir a velha e incómoda, localizada na Barra.

Ficará com certeza para o ano, já que o Senhor Secretário da tutela informou, no último Plenário, que a obra está em fase de adjudicação!

E o arranjo Urbanístico do Largo da Vitória?

E o já tantas vezes prometido arranjo do Miradouro da Senhora da Saúde?

E as casas de aprestos para o porto de pesca da Vila da Praia?

E o transporte aéreo aos Domingos, durante todo o ano?

E a correcção do Ramal da Estrada Regional de Santo António da Vitória?

E a melhoria dos Caminhos de Penetração e Florestais?

E os atrasos nos pagamentos dos apoios referentes às casas da zona classificada de Santa Cruz?

Todos estes e outros velhos problemas não obtiveram respostas positivas apesar de alguns nem terem elevado grau de dificuldade na sua resolução, e de já terem sido prometidos em anteriores comunicados das visitas dos Governos Socialistas à Ilha Graciosa.

Vou terminar, mas antes, porque já sei que este Governo gosta muito de inaugurações, vou-vos contar que estive para pedir ao Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Guadalupe para aproveitar esta passagem do Governo Regional, pela Graciosa, para inaugurar as obras de reconstrução do Cais do Porto Afonso e da sua estrada de acesso, feitas por aquela Autarquia, obras essas que tantas vezes foram pedidas ao Governo Regional, chegando mesmo a ser prometida, essa reconstrução, no comunicado da visita do Governo em 1998.

Só que para a inauguração dessa obra haveria 2 placas.

Uma dizendo:

“Cais do Porto Afonso. Obra inaugurada por quem prometeu mas nada fez – Governo Regional dos Açores, da responsabilidade do Partido Socialista”;

A outra placa diria:

“Cais do Porto Afonso. Obra feita por quem não tem essa obrigação, mas que fica para servir quem dela precisa – Junta de Freguesia de Guadalupe, da responsabilidade do PSD”.

Não se fez na recente visita.

Mas se os Senhores do Governo concordarem, meterei uma “cunha” ao Presidente daquela freguesia para que se faça essa cerimónia na próxima visita estatutária.

No entanto, desde já vos aviso de que não sei se será aceite, já que aquele Sr. Presidente de Junta, ao contrário do Governo Regional de Carlos César, gosta mais de fazer obras do que fazer inaugurações.

Disse.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*



**Presidente:** Para esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado José Nascimento Ávila.

**Deputado José Nascimento Ávila (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado João Cunha:

Em relação a todas as obras que enunciou que faltam fazer, gostaria de lhe lembrar que este Governo do Partido Socialista está há 6 anos no poder.

O seu partido esteve 20 anos no poder e não fez tudo, obviamente porque fez outras obras e, portanto, não conseguiu fazer tudo ao mesmo tempo.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Ah! Então sempre fizemos alguma coisa?

**O Orador:** Francamente, quis fazer esse desabafo, mas isso é comum a todos os governos. Há sempre atrasos e nenhum governo foge a essa regra.

Quanto a promessas ainda não cumpridas, elas serão cumpridas neste mandato ou no próximo.

**Deputado João Cunha (PSD):** Já não é para si, não se preocupe!

**O Orador:** Não é para mim, porque eu posso não estar aqui, mas o Governo do Partido Socialista vai continuar no poder e disso eu não tenho a menor dúvida.

Quanto à questão das inaugurações das estradas, que eu saiba, o Governo do Partido Socialista inaugurou apenas a pavimentação de estradas rurais. Pode haver aí um erro.

**Deputado João Cunha (PSD):** Ah! Pode haver um erro! O senhor não tem o programa?

**O Orador:** O Governo do Partido Socialista foi lá inaugurar pavimentações em estradas, mas se tem a memória curta, em 1990, 91 e 92, era eu então Presidente da Junta de Freguesia de Santa Cruz da Graciosa e o Prof. Cavaco Silva foi lá na qualidade de Primeiro-Ministro. Neste caso, também podia dizer que foram lá inaugurar uma estrada do Pontal...

**Deputado João Cunha (PSD):** Pontal? Caminho de Cima. Isso foi uma obra!

**O Orador:** Deixe-me falar e depois fala.

Foi no Carapacho, junto à Igreja, que se inaugurou uma estrada que no mínimo dos mínimos, tem centenas de anos.

**Deputado João Cunha (PSD):** Foi inaugurar a pavimentação!

**O Orador:** Pois também o Governo do PS foi lá inaugurar a pavimentação.

O Governo do Partido Socialista só se esqueceu de uma coisa, foi de levar a fita, como aconteceu na estrada que o Sr. Primeiro-Ministro foi inaugurar.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):**O Sr. Secretário não levou uma placa?

**O Orador:** Não, não tinha placa.

Quanto às casas de aprestos dos portos de pescas, eu, por lapso, não mencionei que foi este Governo do Partido Socialista que fez as casas de aprestos do porto da Folga e do de Santa Cruz. Não fez no da Praia, mas o Sr. Deputado sabe muito bem por que razão, ou seja, há um problema em termos de legalização dos terrenos e enquanto eles não forem legalizados não se pode fazer a construção.

A obra já tinha sido adjudicada e teve que ser reformulada, porque há grandes dificuldades em resolver o problema dos terrenos e isso não pode ser imputado de maneira nenhuma ao Governo do Partido Socialista, mas alguém que estava a tratar desse assunto.

Quanto à estrada de Guadalupe, que já se nota que há alguma deterioração, é verdade, mas a culpa não é do Governo.

**Deputado João Cunha (PSD):** Não, é minha!

É da alta qualidade que o Sr. Secretário diz que tem!

**O Orador:** A culpa é da empresa que a fez. Ela tem 5 anos de garantia e o Governo pode reivindicar e exigir da firma que executou a obra a reposição como deve ser.

Obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Avelar.

**Deputado Manuel Avelar (PS).** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Deputado João Cunha:

Apenas para alertar que em termos de habitação degradada nunca se investiu tanto como nos últimos anos. O senhor sabe isso melhor do que eu, até porque faz parte da Secretaria da qual depende.

As situação das casas do sismo de 80, em colaboração com o INH, com a Direcção Regional da Habitação e com a Câmara Municipal, este ano e no próximo será resolvida.

Em relação ao porto de pescas sabe muito bem que o atraso derivou do abaixo-assinado.

**Deputado Manuel Campos (PS):** Encabeçado pelo PSD!

**Deputado João Cunha (PSD):** O senhor deve estar maluco!

**O Orador:** O senhor sabe quem é que assinou...

**Deputado João Cunha (PSD):** Eu não estou a falar com o senhor, mas sim com o seu colega!

**O Orador:** Se calhar está por detrás das pessoas que assinaram em primeiro lugar, mas isso não interessa agora.

Havia um estudo em ciências ambientais, que passou para um estudo de impacto ambiental que está pronto e aguarda parecer na Secretaria Regional do Ambiente para depois passar à discussão pública.

O senhor sabe muito bem a urgência que aquele porto tem em termos de pescas na Graciosa.

Em relação à central termoelétrica o senhor conhece muito bem a situação. Já foi dito aqui pelo Sr. Secretário que em 2003 ela vai avançar e sabe que no tempo do PSD ela estava para ser inaugurada em 95. O Sr. Deputado que é histórico nesta Casa, sabe isso muito melhor do que eu. Espero que em 2003 ela esteja pronta.

**Presidente:** Parecendo não haver mais intervenções sobre a Graciosa, passamos a outra ilha.

Para uma intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A Assembleia Regional em 1983 aprovou o Decreto Legislativo Regional 2/84/A, no qual se legislava sobre a atribuição de incentivos para a deslocação e fixação de funcionários na Região.

No preâmbulo desse decreto referia-se então “a grande carência em determinadas categorias de pessoal na administração regional autónoma e nas autarquias locais”.

Também nesse preâmbulo se dava relevo “a grandes dificuldades no recrutamento e, principalmente, na fixação de certas categorias de pessoal qualificado”.

O referido decreto determinava que os incentivos para a fixação ou deslocação de pessoal dependiam, na sua atribuição, da existência de dificuldades no recrutamento, tendo em conta as profissões e as áreas geográficas. De entre os muitos incentivos previstos criavam-se os subsídios de fixação, de deslocação, de instalação, a atribuição gratuita de casa, facilidades no crédito à habitação, contagem acrescida de tempo de serviço para promoção e aposentação, etc. Muitos destes incentivos nunca foram regulamentados, outros nem o puderam ser, mas pela Resolução 65/86 foi regulamentado o subsídio de fixação atribuído aos técnicos e técnicos superiores que em efectividade de funções exercessem a sua actividade nas Ilhas de Santa Maria, Graciosa, São Jorge, Pico, Flores e Corvo. Nesse dispositivo legal esse subsídio tinha por base uma percentagem sobre o vencimento ilíquido, que era de 25 e 30% nas Ilhas de São Jorge, Graciosa, Pico e Santa Maria e 30 e 40% para as Ilhas das Flores e Corvo, e atribuído conforme o funcionário tivesse até 3 anos ou mais de 3 anos de serviço.

Em 11 de Abril do corrente ano foi publicada a Resolução 61/2002 que revogou a Resolução 65/86, a qual reduziu a partir de 01 de Julho 20% do subsídio de fixação, e a partir de 01 de Janeiro de cada ano determina a redução de 20% do subsídio de fixação existente com a Resolução 65/86, até à sua total extinção.

A Resolução 61/2002, no seu preâmbulo, refere-se a profundas modificações no contexto sócio-profissional que se verificaram desde a criação do subsídio de fixação até ao presente, e ao crescente número de indivíduos possuidores de curso superior, concluindo que já não se verificam dificuldades no seu recrutamento.

Mas esta análise do Governo Regional não é exacta, nem correcta, pelo menos no que se refere às Ilhas onde os técnicos e técnicos superiores auferiam maior subsídio de fixação – as Flores e o Corvo. É evidente que vou pormenorizar esta realidade no que respeita à Ilha das Flores, porque conheço as suas necessidades no passado e no presente.

Neste momento os Serviços de Habitação e Equipamentos, vulgo obras públicas, não possuem um único técnico ou técnico superior. No passado estes serviços tiveram um técnico e num passado longínquo chegaram mesmo a contar com um técnico superior. Talvez se estes serviços pudessem contar com um técnico ou com um

técnico superior, as estradas das Flores não tivessem chegado à degradação hoje existente!

Os serviços de Economia, quando iniciaram a sua actividade, contaram com um técnico superior, o qual perderam e nunca foi substituído.

Os serviços de ambiente têm um técnico, não tendo qualquer técnico superior.

Quanto aos serviços de agricultura, tanto os Serviços Florestais como os Serviços de Desenvolvimento Agrário têm falta de técnicos superiores, na medida em que os que são funcionários destes serviços têm uma sobrecarga de tarefas que é do conhecimento público.

Quanto às Câmaras Municipais não têm qualquer técnico ou técnico superior nos seus quadros de funcionários.

Quanto à Ilha do Corvo a situação é bem pior; bastará referir que apesar de possuir instalação para abate de espécies pecuárias, a Ilha não tem qualquer médico veterinário e as inspecções de carne são só efectuadas quando lá se desloca aquele técnico, ou que para a recepção de algumas candidaturas aos apoios à agricultura e à pecuária, é necessário lá deslocar-se o competente técnico.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Pelo exposto fácil é concluir que as Ilhas das Flores e do Corvo, hoje, como no passado, continuam muito deficitárias em técnicos e técnicos superiores. Por isso, considerámos errada a revogação da Resolução 65/86, até porque não são exactos os considerandos que fazem parte da Resolução 61/2002. Antes pelo contrário, o Governo Regional tinha e tem o dever e a obrigação de continuar a fazer um esforço sério e empenhado no sentido de se fixarem técnicos e técnicos superiores nas Ilhas mais pequenas e mais afastadas, porque eles são absolutamente necessários ao cabal desempenho das funções que estão cometidas aos diversos serviços públicos regionais, e a fixação de técnicos nessas Ilhas só será conseguida com incentivos, dos quais o subsídio de fixação foi apenas uma das medidas implementadas e que teve um efeito útil na fixação de técnicos e de técnicos superiores, mas não foi o suficiente, nem a sua eficácia está esgotada, porque há muitos e imprescindíveis técnicos e técnicos superiores que ainda são absolutamente necessários nessas Ilhas.

Receamos mesmo, que com a eliminação do subsídio de fixação, estas ilhas, a curto prazo, venham a ficar ainda mais depauperadas dos seus técnicos e técnicos superiores.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** *Muito bem!*

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Habitação e Equipamentos.

**Secretário Regional da Habitação e Equipamentos (José Contente):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Gostaria apenas de prestar um esclarecimento ao Sr. Deputado Paulo Valadão, em relação à Secretaria Regional da Habitação e Equipamentos, nomeadamente em relação à Delegação.

Este ano já foi autorizado o descongelamento de uma vaga de um técnico para aquela delegação. Aliás, esse técnico já está a trabalhar em regime de contrato e nós temos a esperança de que a delegação tenha esse concurso preenchido.

De resto, nós concordamos que a Delegação da Secretaria da Habitação e Equipamentos, no caso das Flores, nunca foi uma delegação muito dotada de técnicos, mas nós esperamos que este concurso, que vai ser aberto ainda este ano e que corresponde à vaga que foi descongelada para lá, dê pelo menos um *apport* positivo a essa necessidade que sentimos nessa ilha.

Muito obrigado.

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional da Habitação e Equipamentos:

Obrigado pelo seu esclarecimento.

De qualquer modo este problema atravessa transversalmente todos os serviços públicos regionais da Ilha das Flores.

Em relação ao seu caso específico, eu tenho conhecimento, se não me engano e se a memória não me falha, que foi descongelada a vaga de técnico profissional, na sua Secretaria. Não foi descongelada nem posta a concurso qualquer vaga nem para técnico nem para técnico superior. É preciso que nos entendamos e é preciso que falemos a única linguagem possível nesta matéria.

Eu acho muito bem que os serviços tenham os seus quadros técnico-profissionais completos. Mas acho fundamental que os serviços, no caso das ilhas mais pequenas e mais afastadas, tenham um quadro técnico e um quadro técnico superior capaz de orientar, mobilizar e pôr os serviços em funcionamento.

O Sr. Secretário diz que a ilha nunca foi bem dotada. Gostaria de lhe lembrar que ela nunca foi bem dotada desde que o Partido Socialista é Governo,...

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** ... porque anteriormente tinham um técnico, mais precisamente um engenheiro técnico e no passado – os da minha idade recordar-se-ão – teve um técnico superior, concretamente um engenheiro civil, nos serviços da Junta Geral, na Ilha das Flores. O grande problema que temos hoje nos Serviços do Ambiente, como praticamente em todos os serviços das Flores, é a falta de pessoal habilitado, licenciado e capaz de mobilizar os serviços.

A medida tomada de extinção do subsídio de fixação, põe em risco os poucos técnicos superiores que há naquela ilha, porque se havia alguma coisa que os prendia era um aumento de vencimento em relação às ilhas mais centrais, concretamente, São Miguel, Terceira e Faial.

Com a extinção do subsídio de fixação, muitos deles, a curto prazo, vão procurar as suas transferências para os serviços das ilhas principais, porque neste momento não têm qualquer benefício em viver, em trabalhar, em dar os seus conhecimentos técnicos e profissionais a ilhas mais pequenas e afastadas.

**Presidente:** Para uma intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Lizuarte Machado.

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Segundo um estudo apresentado, em Fevereiro deste ano, num encontro da Associação Americana para o Avanço da Ciência, as águas do Atlântico Norte estão a ser sobreexploradas e os recursos piscícolas podem entrar em colapso em 2025. As espécies de maior valor comercial diminuíram mais de 80% em relação às existências em 1900 e as capturas em 50 anos diminuíram para metade, apesar do crescimento exponencial do esforço de pesca.

Segundo os autores do estudo, a única forma de inverter esta tendência é fazendo a gestão dos “stocks” numa perspectiva global, abrangendo todas as espécies com interesse comercial no Atlântico Norte. Impõe-se assim a delimitação de zonas interditas em simultâneo com a redução da frota.

Como na situação actual a palavra “menos, em pesca, significa mais, ou seja se se pescar menos, tem-se mais peixe”, não podemos continuar a aumentar o esforço de pesca para obter mais lucros sob pena de a médio prazo o colapso acontecer mesmo.

*Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

Embora a situação nos Açores seja diferente tem contudo alguns pontos em comum. Se por um lado se impõe a aplicação urgente de medidas restritivas e de uma gestão adequada dos “stocks” das espécies demersais, o que poderemos fazer, tal nunca será possível relativamente aos pelágicos oceânicos cujas capturas, nos últimos três anos, foram as piores desde 1978. As capturas de demersais cresceram até 1995 e entraram a partir daí em declínio, não só em termos de quantidade mas também de qualidade. Até o palangre-de-fundo se tornou pouco rentável porque, dada a natureza dos nossos fundos rochosos, rapidamente ficaram cobertos de milhares de milhas de palangre e de milhões de anzóis.

Embora não haja sobreexploração generalizada (em algumas espécies parece existir), há efectivamente um declínio generalizado e significativo. Na última década o total de pescado descarregado em lota sofreu uma redução de cerca de 50% tendo passado de dezassete mil toneladas para cerca de oito mil toneladas em 2000 o que obriga a que se faça uma profunda reflexão e se tomem, repito, medidas generalizadas de protecção.

O mar não é a dispensa da humanidade, como se constatou a partir da década de setenta, altura em que o nível das capturas mundiais diminuiu, devido à sobreexploração das principais áreas de pesca, por falta de uma gestão adequada. Ao contrário do que o homem imaginava, os recursos vivos marinhos são esgotáveis se não forem adequadamente geridos.

Neste cenário é tarefa, não direi impossível mas seguramente gigantesca, manter a estabilidade económica e social das comunidades piscatórias, manter um sector



empresarial forte e activo, melhorar a fiscalização e reforçar a capacidade de intervenção na defesa dos interesses regionais junto das entidades nacionais e, internacionais reguladoras da pesca no Atlântico Norte.

*Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

Em 2001 a frota de pesca da Região era constituída por cerca de 1000 embarcações. Trata-se de uma frota envelhecida onde apenas cerca de trinta embarcações têm menos de quatro anos, correspondendo 80% a embarcações com menos de 9 metros de comprimento fora a fora, registadas na pesca local/artesanal, sendo que 28% tem menos de 10 dias/ano de operação e 57% menos de 2.400 contos/ano de rendimento. De uma análise simples dos números poder-se-á concluir tratar-se de uma frota obsoleta e desajustada porém, tal só é, em rigor, verdade numa análise desenquadrada da realidade ilha.

Não quero com isto dizer que se não deva manter o ritmo de renovação da frota porém, a mesma só fará sentido se assentar na diversificação com base em conhecimentos científicos, com o objectivo de dirigir o esforço de pesca sobre novas espécies e não sobre as tradicionais. Nenhuma diversificação/renovação da frota poderá deixar de ter em conta a frota artesanal/local, constituída pelas embarcações tradicionais as quais, possuem excelentes características náuticas e são as únicas que operam na generalidade dos pequenos portos, garantindo centenas de postos de trabalho, assegurando o abastecimento às comunidades rurais e pescando quase tanto como a frota costeira.

A exigência de um valor mínimo de pescado descarregado em lota para atribuição da licença de pesca não se devia aplicar a estas embarcações. A pesca artesanal/local funciona, para muitas famílias, como complemento de outras actividades e não deixa por isso de ser igualmente importante. Não podendo ter a licença, muitas embarcações passaram para a pesca desportiva, exercendo na prática a mesma actividade mas agora fora do circuito normal e sem pagar qualquer imposto. Embora não estando contabilizada, a pesca não autorizada tem em algumas ilhas quase a mesma expressão que a pesca licenciada. Creio que será mais eficaz se for livre, embora sempre sujeito a licenciamento, o acesso à actividade sendo que, neste caso,

deverá haver mínimos elevados para ter acesso a apoios para equipamentos e melhoria da embarcação.

*Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

No que respeita a eventuais medidas de conservação dos recursos, seria aconselhável rever a Portaria n.º 35/94, de 21 de Julho, respeitante à utilização de redes de emalhar de superfície, redefinindo as espécies alvo e definindo distâncias mínimas à linha de costa. As redes de emalhar constituem-se como artes altamente predadoras, sendo que as de superfície devem ter como espécies alvo unicamente os pelágicos. Deverá assegurar-se escrupulosamente o tempo máximo de permanência das redes no mar. Não se conhecendo com rigor o estado actual dos “stocks” de demersais seria aconselhável o não licenciamento de artes assassinas como as redes de emalhar de fundo.

No que aos moluscos univalves – vulgo lapas – diz respeito e sendo certo que os respectivos “stocks” estão claramente sobre-explorados, não pode o poder político, em face da presente indefinição científica, deixar de adoptar novas medidas de gestão, que terão que passar, designadamente, pela redefinição das áreas de reserva integral e até mesmo pela alternâncias dessas reservas.

Importa igualmente implementar medidas ao nível da primeira venda e quanto ao controlo da comercialização, durante todo o ano, com especial incidência nas épocas de defeso. Em circunstância alguma, exceptuando fins científicos devidamente fundamentados, a apanha excepcional de lapas deve ser autorizada.

No domínio da pesca lúdica importa garantir a participação da Região no Grupo de Trabalho que estuda a revisão do regime constante do Decreto-lei n.º 246/2000, de 29 de Setembro, por forma a que os interesses da Região sejam devidamente salvaguardados, designadamente suprimindo a obrigatoriedade de licenciamento da pesca lúdica de lazer exercida a partir de terra.

Ainda no âmbito do Decreto-lei n.º 246/2000, de 29 de Setembro importa regulamentar os artigos 9º, 10º e 11º e redefinir as competências regionais de acordo com o ponto 2 do artigo 20º, de modo a que fique sujeita a licenciamento toda a pesca desportiva, praticada em embarcações, e fiquem também claramente definidas

as artes de pesca a utilizar, as espécies sobre as quais será possível dirigir o esforço de pesca e as capturas máximas diárias por homem.

Quanto à caça submarina, o regime constante do Decreto Legislativo Regional n.º 5/85/A, de 8 de Maio, tem-se revelado manifestamente desajustado no que respeita aos mecanismos de controlo e quanto às quantidades de captura permitidas, devendo adoptar-se uma solução de compromisso entre o número de exemplares e o peso total capturado.

*Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

A eficácia das medidas que venham a ser adoptadas, quer ao nível da frota quer ao nível da gestão dos recursos, reivindica uma maior responsabilização dos profissionais do sector e das respectivas organizações de produtores. A existência de dirigentes de organizações que se fazem perpetuar nos seus cargos com motivos pouco claros e que em alguns casos não cumprem as regras relativas às organizações de produtores no que diz respeito à distribuição de recursos financeiros distribuíveis, não garantem a necessária credibilidade, essencial ao desejado desenvolvimento sustentado das pescas nos Açores.

Disse.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS, dos Membros do Governo, do Deputado José Decq Mota e de alguns Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Lizuarte Machado:

Ouvi a sua intervenção com muita atenção. Penso que é importante e a propósito dela queria pedir um esclarecimento genérico.

A sua intervenção assenta em problemas que tocam muito de perto esta Região. Para além de estar estruturada e de fazer um diagnóstico de problemáticas muito importantes, insere-se numa outra filosofia e numa outra realidade, que é a realidade que nos enquadra, porque a posição desta Região, desta Assembleia e do seu

Governo, perante um determinado posicionamento face à revisão da Política Comum de Pescas, parte de um pressuposto que o Sr. Deputado coloca, ou seja, o pressuposto de que vamos continuar a gerir o melhor possível os stocks que ainda temos.

Nós pretendemos fazer determinada reivindicação em relação à nossa zona de pesca, na base desse pressuposto. Evidentemente que se o seu entendimento está correcto, e penso que está, é evidente que todas as questões que são postas sequentemente no que respeita a essa gestão, são oportunas, necessárias e concretas.

Também está muito bem informado, pela realidade concreta e merece o meu especial apoio, sobre a questão da frota artesanal local e dos licenciamentos para ela, dado o seu papel social, económico e de equilíbrio da sociedade, das ilhas, freguesias e concelhos onde essa frota existe em grande quantidade como sabemos.

Penso que o esclarecimento que importa colocar aqui, ao mesmo tempo que todas as reflexões e propostas tenham que ficar para análise de quem de direito, – neste caso, o Governo Regional – perante discussões anteriores e aprofundadas, prende-se com o facto de se saber em que ponto se encontra as questões que nos têm preocupado relativamente à revisão da Política Comum de Pescas e ao estatuto que nós pretendemos para a nossa zona pesca. Colocava esta questão directamente ao Governo.

Muito obrigado.

**Presidente:** Para prestar esclarecimentos tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas.

**Secretário Regional da Agricultura e Pescas (Ricardo Rodrigues):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Caros Colegas:

A intervenção do Sr. Deputado Lizuarte Machado levanta muitas questões e algumas delas, em 3 minutos, que é o tempo regimental para dar a resposta, não me poderei esclarecer.

Eu estou de acordo com algumas delas e discordo com outras, mas é salutar e visível que, nesta Casa, alguns Deputados do Partido Socialista ou mesmo todos, se for o caso, discordem das políticas efectivas. É perfeitamente natural, salutar e desejável em democracia.

O Sr. Deputado Lizuarte Machado teve a amabilidade de me facultar cópia da sua intervenção antes de a proferir, o que agradeço.

Eu concordei, em absoluto, com essa intervenção. Nós achamos que a democracia é isso e achamos que as diversas opiniões são salutares.

Mas vamos ao que interessa para que eu possa responder às questões que foram suscitadas.

Ninguém desconhece que está em curso a revisão da Política Comum das Pescas. Naturalmente, que as posições políticas da Região têm que se integrar nessa revisão. Portanto, nesta fase estrutural para a pesca a nível europeu, não é razoável que nos Açores se mexa em todo o sistema sem esperar que a estrutura da Política Comum de Pescas fique definida em termos da Europa. Aquilo que para nós foi a posição comum e é a posição comum dos Açores junto da União Europeia, a ser deferida, como se espera, tem implicações nas políticas concretas da Região Autónoma dos Açores e na regulamentação que temos que fazer.

A não ter acolhimento, mais uma razão para podermos regulamentar aqui, eventualmente de forma diversa.

Contudo, devo dizer que neste momento, no que diz respeito a licenciamentos e a todas as artes, esta é uma área a ser elaborada em parceria com as organizações de produtores relativamente a todos os licenciamentos e a todas as artes de pesca. Devo dizer que esta semana assinei uma portaria relativamente à regulamentação de uma delas, depois de consensualizada com os parceiros sociais.

Gostaria de dar nota da pergunta concreta que o Sr. Deputado José Decq Mota me colocou, a qual tenho todo o gosto em responder.

Há dois dias atrás teve lugar o Conselho de Ministros da Agricultura e Pescas, em Luxemburgo.

Ao contrário do que diz a Constituição, ao contrário do que eu esperava pessoalmente, não fui convidado para estar presente nesse Conselho de Ministros.

Eu participei em vários Conselhos de Ministros do Governo da República anterior e o meu antecessor, hoje Deputado Fernando Lopes, também participou. De resto, a Constituição refere expressamente que quando se tratam de questões do interesse

específico da Região Autónoma dos Açores, a Região deve estar presente nessas negociações.

Este foi o primeiro Conselho de Ministros em que a Região Autónoma dos Açores, através do Governo, não foi convidada a estar presente na análise dessas matérias.

Isto motivou um requerimento do Sr. Deputado da Assembleia da República José Apolinário, onde questionava o Governo da República por que é que não tinham dirigido um convite ao Governo Regional para estar presente nessas negociações.

Contudo, em abono da verdade, tive acesso ao documento que o Sr. Secretário de Estado Frazão Gomes levou para esse conselho. Esse documento reflecte toda a posição que, em uníssono, a Região Autónoma dos Açores apresentou na União Europeia.

A nível do conteúdo, tenho razões para ter alguma tranquilidade, porque esse documento foi apresentado e reflecte a posição dos Açores. No entanto, estou um pouco intranquilo porque acho que a Região devia estar representada neste fórum importantíssimo para os Açores.

Muito obrigado.

**Presidente:** Não havendo mais inscrições para sobre esta matéria, tem a palavra o Sr. Deputado Sérgio Ferreira para proferir uma intervenção.

**Deputado Sérgio Ferreira (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Um dos factores que condiciona de forma determinante o desenvolvimento e bem-estar das populações das ilhas dos Açores é a política de transportes.

Sem uma política que dê resposta às necessidades de cada ilha, não é possível garantir o bom funcionamento da economia das mesmas.

Se por um lado o transporte de passageiros está mais ou menos assegurado, apesar de existirem algumas correcções a introduzir, principalmente no que respeita ao transporte marítimo, por outro, existem neste momento algumas condicionantes no tocante ao transporte de carga aérea.

A SATA não tem conseguido, nas épocas altas, corresponder às necessidades de transporte de carga de e para as diversas ilhas.

Desta situação decorrem imediatamente prejuízos para os comerciantes, para os exportadores de peixe e para toda a população que se vê praticamente impossibilitada de receber ou mandar qualquer carga via aérea.

Ninguém reclama que nessas épocas o transporte seja assegurado a cem por cento, mas também não deixa de ser verdade que um pouco mais de sensibilidade e principalmente de boa vontade, poderia muitas vezes resolver a situação.

A SATA presta um serviço público, como tal tem que assegurar minimamente esse mesmo serviço, não pautando a sua actuação por critérios pura e simplesmente economicistas.

Lembro que dentro em pouco tempo entraremos novamente na quadra natalícia e que, por exemplo, o que aconteceu no ano transacto, na Ilha de Santa Maria, não pode voltar a acontecer.

Basta dizer que grande parte da carga de natal, chegou num voo extraordinário à 21.00H do dia 24 de Dezembro e que nesse mesmo dia a SATA cancelou o voo das 08.00H da manhã por motivos que nunca se chegaram a esclarecer.

Situações como esta têm que ser revistas e a SATA tem também que pensar no papel que tem no desenvolvimento de cada ilha e no bem-estar das suas populações.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Nos dois anos que dura esta legislatura, já foram aqui aprovadas várias propostas de resolução, recomendando ao Governo a adopção das mais variadas medidas.

Muitas destas propostas foram aprovadas por unanimidade o que mais as legitima.

Mas ao que realmente se assiste é que estas recomendações tardam a ser postas em prática.

No caso específico da Ilha de Santa Maria, a proposta de resolução apresentada pelo P.S.D. e votada por unanimidade que visava recomendar ao Governo a sua intervenção no sentido de se proceder à limpeza e requalificação do Aeroporto de Santa Maria, continua sem ter reflexos práticos.

Ou seja, o Aeroporto continua como uma lixeira a céu aberto com a particularidade de ser uma lixeira com quase 10 km<sup>2</sup>.

Quanto mais tempo se adiar a resolução deste problema, mais cara e mais difícil será a obra.

Além disso é preciso não esquecer que estamos a falar da porta de entrada em Santa Maria, e sendo o turismo uma das grandes apostas para a Região, não é compreensível que situações como estas possam existir.

Há que acelerar este processo, a bem de Santa Maria e dos Açores e há que principalmente começar desde já a pensar em como se vai requalificar aquela zona, caso contrário corremos o risco de se proceder à referida limpeza e daqui a dois ou três anos estar tudo como dantes.

Se há problemas cuja solução é urgente, este é certamente um deles.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Dentro de cerca de um mês será apreciado e votado nesta Assembleia o Plano para o ano de 2003.

Bom seria que chegados a esta altura, a nossa preocupação fosse tão só analisar o referido documento e que novos investimentos este continha.

Mas infelizmente e tendo em conta a execução que se tem verificado nos últimos anos, mais uma vez o plano será uma repetição de obras eternamente adiadas e mais uma vez os açorianos ficarão na expectativa de que as mesmas se venham a concretizar.

Este adiar contínuo de promessas que figuram em todos os planos, que são anunciadas com pompa e circunstância nos comunicados do Governo após as visitas estatutárias às ilhas, só tem servido para agravar a descrença, que já de si é muita, dos eleitores no poder político.

Seria de bom tom que de uma vez por todas se tentasse pelo menos cumprir minimamente aquilo que se promete.

Mas esta, não tem sido, infelizmente a política deste Governo.

Os resultados do não cumprimento sistemático dos planos de investimento, principalmente nas ilhas mais pequenas, são bastante maus:

- agravam-se as assimetrias a nível regional;
- as economias das ilhas mais pequenas, sofrem uma grande desaceleração provocada, por um lado, pela quebra do investimento público e, por outro, pela falta de confiança dos agentes económicos locais.



Como se este cenário pouco animador já não bastasse, anuncia o Governo agora, uma reprogramação do Plano a Médio Prazo, com os consequentes cortes no investimento.

Uma pergunta nos surge. Vão cortar o quê?

Será que são os projectos que vêm sendo adiados sistematicamente nos últimos dois anos?

Meus senhores, cortar em investimentos que já deveriam estar realizados e que eram compromissos eleitorais deste Governo é obviamente um principio muito mau.

Por outro lado, há que ter conta que existem ilhas cuja a execução dos Planos 2001 e 2002 foi paupérrima e essas não podem, como é óbvio, voltar a ser penalizadas.

O Governo defende-se agora que tem que efectuar esses cortes devido à falta de solidariedade nacional. Pergunta-se: e em 2001 e 2002 o não cumprimento daquilo que estava planeado, foi devido a quê?

Mais, já em Abril deste ano se falava dessa reprogramação e nessa altura ainda não tinham sido aprovados nem o Orçamento Rectificativo, nem a Lei de Estabilidade Orçamental, logo, parece que as dificuldades são mais devidas a problemas de gestão aqui nos Açores do que propriamente devido a qualquer falta de solidariedade da parte do governo central.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Até somos capazes de entender as dificuldades financeiras existentes, mas também é necessário que o Governo explique aos açorianos os reais motivos das mesmas, não se escudando só na falta de dinheiro proveniente de Lisboa.

Aliás, se a crise existe, é de certeza desde 2001, uma vez que a execução financeira desde aí tem sido sempre bastante abaixo daquilo que estava previsto no Plano a Médio Prazo.

Poderão ter prometido de mais!

Poderão ter feito mal as contas!

Poderão não ter tido uma perspectiva correcta da evolução da economia!

Seja como for o que é importante é que agora avaliem correctamente o que está mal, evitando as desculpas fáceis e principalmente não penalizando demasiado aquelas ilhas que já tiveram cortes mais que suficientes no seu investimento

Há que inverter esta tendência, há que manter alto o nível de expectativa e de satisfação das populações e isto só se consegue com investimentos potenciadores de desenvolvimento, com uma política correcta e que principalmente tenha em conta as reais necessidades de cada ilha dos Açores.

É preciso não esquecer que os Açores só serão uma região desenvolvida se todas as ilhas o forem, ou seja, não podemos pensar, nem por um momento, que o desenvolvimento de uma ou duas ilhas se traduz no desenvolvimento global da Região. Só estatisticamente é que esse pressuposto é verdadeiro.

Os critérios de solidariedade que reclamamos tanto do Governo Central como da União Europeia, também têm que ter tradução na política do Governo Regional relativamente às ilhas mais desfavorecidas do arquipélago.

Disse.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD e do PP)*

**Presidente:** Para esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado José Humberto Chaves.

**Deputado José Humberto Chaves (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Para prestar alguns esclarecimentos sobre duas questões que foram aqui colocadas.

Em relação à carga aérea estou inteiramente de acordo com a exposição feita pelo Deputado Sérgio Ferreira. Nos últimos anos tem-se assistido a um atraso nas encomendas e isso põe em causa a situação dos comerciantes porque têm que receber a mercadoria a tempo. Às vezes, e como se viu o ano passado pelo Natal, recebem na véspera.

No que se refere à limpeza e qualificação do aeroporto, eu gostaria de informar o Sr. Deputado Sérgio Ferreira que, por aquilo que eu sei, foi colocado a concurso público e as empresas apresentaram preços superiores a 20%, o que não é possível, segundo o preço base estipulado.

Eu sei que neste momento vai ser enviada novamente a diversas empresas, uma pretensão para se saber quais são os custos que podem baixar, ou então serão

convidadas empresas das que existem em Santa Maria. O assunto não está de forma alguma esquecido. Portanto, vai ser resolvido.

Quanto às obras a realizar em Santa Maria, haviam obras que desde há muitos anos o Partido Socialista reclamava. Refiro-me concretamente ao abastecimento de água à lavoura, que já se iniciou, como se sabe.

Em relação ao matadouro municipal, que vai ter o seu início de obra no próximo ano, foi feita a aquisição de um terreno, devido a dificuldades por parte do Governo da República em lançar o terreno onde era para ser instalado, que era no polígono da costa submarina para a Região. Aliás, é preciso que se diga que este terreno onde está instalado o polígono da costa submarina, foi um “duche” que foi colocado à venda.

Para informação da câmara, não foi vendido. Não houve aquisição, mas foi um dos tais que o Governo da República colocou à venda.

Em relação ao porto do Anjos, que é uma obra importante para Santa Maria, o projecto já está concluído e na próxima visita do Governo eu espero que seja colocado a concurso.

Na área da agricultura gostaria de ressaltar – e o Sr. Deputado certamente não referiu por esquecimento – aquilo que ia acontecendo com o antigo Grémio da Lavoura, que ia para hasta pública. Graças à actuação do Governo Regional, evitou-se que tal acontecesse.

Esta situação foi criada pelo anterior Governo, na altura em que se tinha comprometido a encontrar verbas suficientes para pagamento dos silos e de moinha. Não o fez e levou a empresa à banca rota.

**Presidente:** Sr. Deputado agradecia que concluísse.

**O Orador:** Então eu termino por aqui e voltarei a inscrever-me.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Sérgio Ferreira.

**Deputado Sérgio Ferreira (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado José Humberto Chaves:

Duas questões muito rápidas:

Primeira: eu sei que o Governo está a tratar da questão da limpeza do aeroporto. A única coisa que eu disse aqui é que era necessário acelerar o processo. Mais nada!

Segunda: na minha intervenção, não falei em obras. Apenas falei na necessidade das ilhas que têm sido penalizadas nas execuções orçamentais de 2001 e de 2002, não o sejam novamente.

Como ainda não estamos a analisar o Plano de 2003, obviamente que irei discutir essa situação em Novembro e não agora.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado José Humberto Chaves.

**Deputado José Humberto Chaves (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

É interessante verificar o seguinte:

Quando o Partido Socialista tenta dizer nesta câmara o que é que se está a fazer, da parte do Partido Social Democrata é dito que não se está a discutir obras.

As obras estão a realizar-se e são as que nós pretendíamos há muitos anos e que o PSD não conseguiu realizar. É isto que o Partido Socialista está a fazer, por isso eu sinto-me na obrigação de o dizer.

Acho muito bem que, tanto de uma parte como da outra, digam o que é que está feito e o que é que não está feito. É natural, eu não tenho qualquer problema.

Em relação ao terminal de cais de ferry, uma obra importante para Santa Maria, sei que já se conhece qual a empresa que vai ficar com esta obra e a mesma será adjudicada no decorrer da próxima visita.

Em relação à construção da escola, há aqui um assunto que nós também temos falado muito e que se prende com o Centro Comunitário.

Como este assunto tem vindo aqui diversas vezes, era bom informar esta câmara que a Direcção Regional da Segurança Social já fez uma visita ao local. Já houve uma reunião com a Santa Casa da Misericórdia que, por sua vez, vai iniciar as obras dentro de muito pouco tempo.

Da parte da Secretaria Regional e do Governo Regional, o assunto está definitivamente arrumado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Sérgio Ferreira.

Dispõe de 3 minutos.

**Deputado Sérgio Ferreira (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado José Humberto Chaves:

Se reparar ou se tiver o cuidado de ver as intervenções que fez aquando do Plano de 2001 e do Plano de 2002, verificará, com certeza, que disse mais ou menos aquilo que disse aqui hoje.

A minha preocupação não é o facto das obras estarem ou não no Plano, ou se estão a iniciar-se, mas sim se vão ou não concretizar-se.

Elas já andam nos Planos há 6 ou 7 anos. Algumas delas até já vêm dos Planos do PSD.

A minha preocupação é se elas se vão concretizar ou não.

Termino por aqui, porque acho que não vale mais a pena continuar.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** *Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Humberto Chaves para mais esclarecimentos. Dispõe de 3 minutos.

**Deputado José Humberto Chaves (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Eu não posso terminar, porque há coisas aqui que é preciso chamar a atenção.

O abastecimento de água à lavoura já começou, Sr. Deputado.

**Deputado Sérgio Ferreira (PSD):** Eu sei.

**O Orador:** Então se sabe, por que é que...

**Deputado Sérgio Ferreira (PSD):** Não começou mais nada. Começou mais alguma coisa, Sr. Deputado?

**O Orador:** Já está resolvido o problema do porto de recreio.

O Sr. Deputado vai ver que em 2004, quando acabar esta legislatura, aquilo que o Governo Regional prometeu estará cumprido.

**Presidente.** Penso que não há mais esclarecimentos, sobre esta matéria.

Vamos suspender os nossos trabalhos por 10 minutos.

*(Eram 11 horas e 45 minutos)*

**Presidente:** Srs. Deputados, vamos retomar os nossos trabalhos.

*(Eram 12 horas)*

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Nuno Amaral.

**Deputado Nuno Amaral (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A discussão à volta do défice das contas públicas deixadas pelo Governo de António Guterres, que este Governo, pela voz da Ministra das Finanças e do Primeiro-Ministro não se escusam de salientar e vincar, com algum dramatismo, que as contas estão descontroladas e não se sabe, sequer, qual é o valor, quantitativo e percentual, do défice.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** A União Europeia e o Banco de Portugal fazem a mesma coisa, Sr. Deputado!

**O Orador:** Muito bem! O banco de Portugal! Só se é o que está fechado no Faial.

Nisso pegou a Ministra para afirmar de que ele ultrapassará os 3%, e a partir de agora teremos que nos sujeitar a penalizações duras.

O Comissário da Europa dos Assuntos Financeiros, não foi tão longe e declarou que o défice rondará os 3%, mas não passará deles.

Estamos perante um cenário em que um comissário europeu foi mais cauteloso, mais benevolente e um governo, mais incauto e mais seco. Não se percebe bem para quê? Para justificar as medidas duras que está a tomar e preparar para elas quem irá ser mais afectado?

É tática que revela receios e impotências para fazer o que se deve, como se tem verificado.

Se tanto se criticou, o governo anterior pelo descontrolo das contas, para que serve, agora, ao novo governo, usar sempre a mesma cassete,...

**Deputado Humberto Melo (PSD):** CD!

**O Orador:** Os senhores utilizam sempre, a mesma cassete!

**Deputado Mark Marques (PSD):** Não, é DVD!

**O Orador:** ... com ares de raiva e vindicta, bem escusados. Não foram eles que prometeram resolver todos os problemas ?

O que interessa é avaliar a realidade das finanças públicas.

Já toda a gente sabe que, neste domínio das contas do Estado, o Partido Socialista foi um “mãos largas”, mas o governo de agora esquece-se que só agora começou e ninguém nos garante que não fará o mesmo ou pior, nesta ou noutras matérias do poder, como já se começou a verificar.

Vai sendo tempo do Governo da República, parar de se lamuriar e fustigar os anteriores, e tratar de mostrar que é melhor, o que duvido, pois a arrogância, a mentira, o não cumprimento com os compromissos eleitorais e a falta de alternativas, é o que temos tido deste governo de direita.

E depois pedem e esperam uma oposição responsável. Com este comportamento de permanente atrito e conflito com o governo anterior e o seu partido, temo que as relações parlamentares e partidárias venham a ser tensas e crispadas. Quem paga é o país e o “zé povinho”!

Como parêntese, é interessante referir os que tanto apregoavam os “jobs for the boy”, o caso da contratação pelo Ministro das Cidades, do Ordenamento e Ambiente, de uma assessora de imprensa, pela módica remuneração de 4.450 euros (890 contos mensais),...

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Isso é o preço do mercado regional!

**O Orador:** ... ou o caso da deputada do PSD, Maria Elisa, que auferia 1200 contos por mês dos cofres da RTP, ou melhor do dinheiro de todos nós e não desempenhava qualquer função na televisão de todos os portugueses, o que demonstra, pelo menos nestes casos, já divulgados – outros talvez apareçam a seguir – um esforço sério de contenção de despesas.

“Bem prega Frei Tomás...”

E, como medida também de algum impacto, o fim do crédito à habitação.

Por falar de habitação, gostaria de aproveitar esta oportunidade para me solidarizar com todos os jovens e suas famílias, que há bem pouco tempo a aquisição de habitação era uma realidade e agora com a passagem do furacão chamado PSD/PP, que atingiu todo o país, viram a sua casa nova ir por água a baixo.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Isso é demagogia, Sr. Deputado!

**O Orador:** O senhor Raul, o senhor Manuel, o senhor Azevedo, o senhor Alvarinho, o senhor Bento, o senhor João, o senhor Cunha, a senhora Conceição, a tia Maria, a

tia Berta e outros mais que foram atingidos pelo sismo no Faial e no Pico, que tanto gostavam de ouvir o deputado Paulo Portas, mas desde que entrou para o governo está mais preocupado com coisas mais modernas, sabem que o Governo Regional do Partido Socialista os vai continuar a ajudar no arranjo das suas casas ou dar-lhes casa nova se for o caso.

**Deputado João Cunha (PSD):** Então por que é fazem tanto barulho?

**O Orador:** Barulho está a fazer o senhor.

*(Risos dos Deputados da bancada do PS)*

Agora o Paulo, o Gusmão, o Mark, o Clélio, o José Joaquim, o José Manuel, o Victor, o Cruz, a Sónia, a Dora, a Andreia e outros tantos milhares de jovens deste país, viram adiado o sonho de ter um espaço seu para iniciar a sua vida, pois com o salário que têm não vão poder ir ao banco fazer um empréstimo, que era o que outros milhares de jovens faziam até a direita insensível chegar ao poder.

**Deputado João Cunha (PSD):** Isso era uma boa peça para ser encenada na inauguração do Teatro Faialense!

**O Orador:** Ganhando eles 150 contos por mês se comprassem um apartamento no valor de 14 mil contos, com os juros bonificados pagariam 59 contos mensais. Agora com o governo do PSD/PP, em que eles acreditaram, vêm a sua prestação subir para 84 contos, o que é totalmente incomportável para quem está a começar a sua vida.

Muito sinceramente não esperava outra coisa deste governantes, que na campanha eleitoral se armaram em Robin dos Bosques, mas assim que se apanharam no poder começaram a assaltar à luz do dia os mais pobres. Mas, esta não foi a única desilusão.

**Deputado João Cunha (PSD):** Pois não, o senhor também é mais uma!

**O Orador:** Não esperava que o Senhor Deputado Victor Cruz, ex-líder da juventude social-democrática (tenho pena de ele não estar aqui)...



**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** O Sr. Presidente do Governo também não está!

**O Orador:** ... e líder do PSD/Açores, que diz conhecer tão bem a Região, que diz conhecer os problemas da juventude açoriana, que gostaria de ser Presidente do Governo Regional, concorde e vote ao lado daqueles que estão a comprometer o futuro dos mais jovens e desta Região.

Como é possível fazer-se um discurso nos Açores e chegar ao Continente tomar decisões contra o que se apregoa aqui?

O povo diz e tem razão “Há males que vêm por bem”. Assim ficámos a conhecer aquele que queria ser Presidente do Governo, mas já não nos deixamos levar em promessas de céu e depois atiram connosco no inferno.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Noticiava, há dias, a informação escrita do continente, que desde logo que o novo governo chegou ao poder, começou a dança habitual das mudanças dos gestores e quadros superiores de empresas, organismos, direcções e administrações públicas.

Os que lá estavam, vão sendo exonerados, sendo nomeados os afilhados laranjas e PPs Lda. Que o digam os 18 directores regionais da Segurança Social e respectivos adjuntos, ao todo 36 demitidos ou saneados, ainda por cima através de um fax.

É o maior saneamento político da nossa democracia.

O Governo Socialista, em seis anos, colocou ou fez à volta de 5 mil nomeações. Este governo, em seis meses, já mudou e empossou mais de 1300 simpatizantes. Aqui gostaria de pedir desculpa ao PSD e ao PP porque esta intervenção já foi feita há dias e, segundo consta, já não são 1300 mas à volta de 2000.

*(Risos dos Deputados da bancada do PS)*

**Deputado João Cunha (PSD):** Faça as contas e veja quantos é que faltam substituir ainda!

**O Orador:** A vida muitas vezes não nos permite trazer os números exactos. Por isso, mais uma vez peço desculpa. Na próxima intervenção, talvez poderei trazer números mais exactos que poderão chegar aos 2 mil e tantos.

Nalguns casos, nem sequer deixou que os anteriores executivos terminassem o tempo de serviço, obrigando-se a pagar avultadas indemnizações, tal é a pressa de “premiar” os amigos e afilhados, que nem se cuidam os interesses do Estado.

Pagam-se ordenados a dobrar – recebem os que saem e os que entram.

E o que é pior é que, por vezes, são exonerados ou afastados quadros de qualidade e competentes, porque a ânsia de satisfazer apoiantes interesseiros e carecidos, é cega e néscia.

**Deputado João Cunha (PSD):** E a prova disso é o cartão cor-de-rosa!

**O Orador:** Este critério de subalternizar a competência e privilegiar a militância é uma perversão totalitária. Enquanto subsistir, mais difícil e problemática é a mudança nas mentalidades e nas reformas do Estado.

Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O trabalho em equipa promovido pelo Centro de Saúde do Nordeste, numa concepção aberta e flexível, adaptando os seus modelos aos utilizadores, bem como os projectos inovadores, de sua iniciativa, tem contribuído para a melhoria do acesso, da qualidade e da eficiência dos cuidados que presta, contrariando assim o discurso de que nada está bem, da recém-nascida direita a necessitar de acompanhamento médico, tendo em conta os problemas dos seus progenitores.

Um Centro de Saúde que tem inscritos 5699 utentes, distribuídos por 3 equipas multidisciplinares de saúde, constituídas por um médico, um enfermeiro e um administrativo, prestando um atendimento personalizado e humanizado, tendo assim toda a população o seu médico de família!

Os Nordestenses têm no seu Centro de Saúde um serviço de atendimento permanente e enfermaria a funcionar durante 24 horas, acesso a consultas de Fisiatria, Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Psicologia, Saúde Oral, realçando a recente contratação de uma Estomatologista responsável por um programa de prevenção e tratamento de cáries dirigida à população infantil e juvenil, gratuito. A recolha de produto biológico para análise duas vezes por semana.

Usufruem também de consultas de Saúde Infantil, Saúde Materna, Saúde Escolar, Saúde do Adulto, Planeamento Familiar e de Acções de promoção da saúde e prevenção da doença, colectivas ou personalizadas, nas áreas da

Toxicodependências, Tabagismo, Sida, Saúde Oral, Diabetes e Hipertensão Arterial. A nível de vacinação a taxa de cobertura é de 98%, onde se inclui a adesão ao Plano Nacional de Vacinação da Hepatite B, 6.676\$00 a vacina, que é dada a todos os recém nascidos e crianças entre os 11 e 13 anos, assim como a vacina da Meningite cuja dose custa 15.000\$00.

A pílula começou a ser distribuída gratuitamente,...

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Devia ter sido mais cedo!

**O Orador:** Se tivesse sido mais cedo, tínhamos mais escolas a fechar, Sr. Deputado.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Alguns é que não estavam aqui!

**O Orador:** ... os diabéticos passaram a fazer a sua auto-vigilância em casa, pois todo o equipamento é fornecido gratuitamente no Centro de Saúde.

Passo a citar alguns números do trabalho realizado no ano de 2001, pelos profissionais que ali trabalham e que muitas vezes são insultados, pelos novos ditadores da democracia.

Urgências efectuadas - 6256

Consultas de clínica geral - 3779

Consultas de saúde infantil – 869

Consultas ao domicílio – 1152

Tratamentos fisiátricos – 20.409

Análises- recolha de sangue – 25.238

Pensos – 5357

Injectáveis – 3401

Exames radiográficos – 1716

Vacinação – 1438

Terapêutica – prolongada – 9382

Refeições fornecidas a doentes – 23.882

Gostaria de realçar o programa pioneiro na área da reabilitação de crianças deficientes ou em risco, desenvolvido neste Centro de Saúde, que foi distinguido com o Prémio Azevedos – Humanização da Medicina – o maior galardão do género em Portugal.

Por isso quando se afirma nesta Casa que não se verificam melhorias na Saúde, apesar do aumento dos gastos, o conselho que lhes dou, é dirigirem-se ao Centro de Saúde mais próximo e tomar a vacina contra a partidarite convulsa.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Gostaria de felicitar o Sr. Deputado Nuno Amaral por essa simpática intervenção, mas gostaria de lhe dizer que grande parte do seu conteúdo não pode deixar de merecer o nosso reparo.

Primeiro, V. Exa. parte de um grande equívoco, mesmo no que se refere ao exemplo que deu aqui em relação à pretensa evolução dos custos do crédito à habitação, na sequência das medidas a nível nacional.

V. Exa. refere que quem estava a suportar prestações na ordem dos 56 contos, essa mesma prestação neste momento passa para 80 e tal contos.

Sr. Deputado, como V. Exa. devia saber, a legislação que foi aprovada não teve quaisquer efeitos retroactivos, por conseguinte, ninguém viu os custos do seu crédito à habitação elevados por força da legislação existente. Isso é uma questão de rigor.

Eu percebo que a sua intervenção foi muito à base de “pílulas”,...

*(Risos dos Deputados da bancada do PSD)*

... não sei o que é que toma particularmente, mas devia ter acautelado algo que introduzisse mais rigor nas contas que fez.

O Grupo Parlamentar do Partido Popular compreende os motivos de índole orçamental que levaram o Governo da República a tomar medidas em termos de cessação das bonificações ao crédito à habitação.

Gostava de dizer, Sr. Deputado, que as próprias leis de economia muitas vezes desmentem as análises simplistas de alguma esquerda, sobretudo daquela que menos conhecimento tem do funcionamento do mercado. De resto, nem sequer está minimamente preparada para agir e actuar no seio desse mercado.

Dou-lhe um exemplo: o senhor certamente já deve ter lido e ouvido, da parte de peritos nessa matéria, que há zonas do país neste momento, em que os custos com o crédito à habitação já são inferiores aos praticados quando existia a bonificação. Eu não tenho tempo para lhe explicar isso, mas há um aspecto que tem que ser referido, ou seja, uma bem concebida engenharia financeira que vai ser aplicada, que tem a ver com a dilatação dos prazos da contracção dos empréstimos.

**Deputado Lizuarte Machado (PS).** E isso vai resolver muito!

*(Aparte inaudível do Secretário Regional da Habitação e Equipamentos)*

**O Orador:** Sr. Secretário Regional da Habitação e Equipamentos, em termos de engenharia financeira, eu sou um aprendiz ao pé de V. Exa..

Se V. Exa. quiser falar nessa matéria, eu e os empreiteiros dos Açores somos todos ouvidos. Nós aceitamos tudo o quanto o senhor desenvolver nessa matéria.

Gostaria de dizer que, para nós Partido Popular, democratas-cristãos, a introdução das bonificações tiveram razão de ser e isso já foi explicado.

Elas tiveram um valor muito significativo quando os juros andavam em alta, como todos sabemos, mas é sempre uma anomalia.

Eu percebo que há aqui uma concepção distinta: os senhores são socialistas, nós não somos. Nós acreditamos no mercado e os senhores tentam perceber essas fraudes.

**Deputado José San-Bento (PS):** Nós não acreditamos é em si!

**O Orador:** Tratando-se de uma medida que tem uma primeira base orçamental, na prática, felizmente, os nossos jovens e as nossas famílias vão poder continuar a ter acesso ao mercado de habitação, nalguns casos com encargos mensais menores, embora com um custo global maior. É preciso saber fazer contas.

Em relação a este ponto estamos perfeitamente salvaguardados.

**Presidente:** Sr. Deputado, agradecia que terminasse.

**O Orador:** Já termino, Sr. Presidente, abordando muito ao leve uma outra questão baseada num outro erro de cálculo pelo Sr. Deputado.

O Sr. Deputado disse aqui que o Partido Socialista tinha nomeado 5 mil e tal “boys e girls” durante a sua gestão. Referiu que o novo governo só tinha limpado 1500. Isto só prova que o novo governo andou muito devagar nesse domínio.

Eu estou muito preocupado. Temos que andar mais depressa para limpar tanta “boiada” que realmente andou por aí.

Espero que o Governo da República também tenha em conta algumas requisições, alguns destacamentos de membros do Governo para pôr fim a alguns abusos típicos do Partido Socialista. Também aí aguardo uma intervenção mais firme, rápida e moralizadora do Governo da República nesse domínio.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Nuno Amaral.

**Deputado Nuno Amaral (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado e novo líder do PP:

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** E em forma!

**O Orador:** Não sei o que anda a tomar para estar em forma.

*(Risos dos deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

Quanto à questão da habitação eu não vou entrar nela, porque melhor do que eu, sabem os jovens casais o que está a acontecer desde que a direita foi para o poder.

Admira-me muito que o Sr. Deputado tenha estado anteontem e continua hoje a fazer a defesa do Governo do Continente e quem devia estar a fazer essa defesa continua caladinho.

O Sr. Deputado ainda há bem pouco tempo – ontem ou anteontem – esteve em congresso nesta ilha. Admira-me não ter uma posição contra o PSD, como há bem pouco tempo tinha.

Eu tenho aqui o recorte de um jornal que diz:

“Jardim quer mandar na RTP da Madeira

Alberto João Jardim ficou irritado por a RTP/Madeira não ter comparecido na inauguração da sede do PSD no Estreito Câmara de Lobos.

Furioso com o que considera ser uma discriminação em favor da oposição, Jardim partiu ao ataque da televisão do Estado.

Durante o discurso prometeu vingança, garantindo que está a negociar com o Governo a tutela conjunta do canal público”.

Qual a reacção que temos do PP?

“O Presidente do PP/Madeira conhece bem as intenções do Governo Regional a entrar no capital da futura sociedade anónima. Uma possibilidade que teme.”

E diz:

“Alberto João Jardim é responsável por algum saneamento e perseguições que ocorrem na Madeira, nomeadamente na Administração Regional e na Comunicação Social.”

Denuncia: “o líder do executivo do arquipélago está a exercer uma pressão inaceitável sobre os jornalistas. As ameaças de saneamento são mais um disparate de Jardim e isso só demonstra uma vez mais o autoritarismo com que exerce o poder”.

Admira-me o senhor não estar solidário com o seu colega da Madeira.

Por outro lado, já que se fala dos “boys”, todas estas alterações que se deram na RTP estão bem camufladas.

Outro dia vinha numa revista o seguinte: “... é que agora o que foram ganhar os novos gestores da RTP encontra-se no absoluto segredo dos Deuses. Para evitar que a folha dos ordenados seja fotocopiada e salte para os jornais, o pagamento dos novos administradores passou para a esfera da Portugal Global, só que há sempre fugas de informação. Na RTP já se sabe quanto ganha por mês o administrador Gonçalo Reis (2.500 contos por mês). Diz que é o mais mal pago da equipa de Alvarino Marques.”

Sr. Deputado, é como lhe digo: “bem prega Frei Tomás”!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Joaquim Machado.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Sr. Deputado Nuno Amaral está para o Grupo Parlamentar do Partido Socialista mais ou menos como uma conhecida figura medieval estava para a corte, com uma

diferença, é que aqui a corte é menos exigente, porque se tivesse mais um bocadinho de critério já a dita figura medieval estava desempregada.

Infelizmente algumas das coisas que aqui foram ditas pelo Sr. Deputado Nuno Amaral são sérias.

Primeiro traz o elogio a algumas coisas que estão a ser feitas no concelho do Nordeste. Não discuto, nem sequer questiono se estão ou não a ser feitas, mas o que é certo é que quando se traz assuntos do Nordeste a esta Casa, o senhor vota contra. O senhor sabe do que é que eu estou a falar.

Vamos a outras matérias mais importantes que referiu aqui.

Há uma questão que preocupa muito o Partido Socialista e que faz questionar todos os portugueses: a que pântano se referiu o Eng. Guterres, numa noite de Dezembro de 2001? Qual era esse pântano? Era apenas o Partido Socialista ou era o Partido Socialista e o resto do país?

Por que razão fugiu o Eng<sup>o</sup> António Guterres?

Meus amigos, o Eng. António Guterres não perdeu as eleições, ele fugiu do cargo para que tinha sido eleito.

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** E o Dr. Mota Amaral também!

**O Orador:** Há aqui uma diferença e passo a explicar: o Eng<sup>o</sup> Guterres cessou funções públicas e nem sequer assumiu o seu lugar para o qual tinha sido eleito na Assembleia da República. O Dr. Mota Amaral não fugiu,...

**Deputado Renato Leal (PS):** Não. Emigrou!

**O Orador:** ... manteve-se em funções e ainda bem que se manteve nelas, porque hoje prestigia a nossa Região Autónoma.

Afinal que pântano era esse? Era só o Partido Socialista? Infelizmente não era. Era todo o país. Era este estado calamitoso que nós encontramos Portugal.

Aliás, foi o próprio Sr. Deputado Nuno Amaral que o confirmou dizendo que as finanças do país estão em muito mau estado,...

**Secretário Regional Adjunto da Presidência (Francisco Coelho):** Mas agora vai ficar bem!

**O Orador:** ... que em 6 anos foram nomeados 5 mil e não sei quantos “boys”.

**Deputado Nuno Amaral (PS):** Gente competente!



**O Orador:** Pois era. Era a gente que entre outras coisas fez o que fez, como aquilo que é notícia neste momento, relativamente à estação do metro no Terreiro do Paço. Sr. Deputado Nuno Amaral, é preciso ter alguma desfaçatez para vir falar aqui de assessores. Mas quais são esses assessores? Os nomeados pelo Eng<sup>o</sup> António Guterres? Os nomeados pelo Sr. Carlos César?

Sabe que até Setembro do ano passado este Governo já havia feito 121 nomeações?

**Secretário Regional Adjunto da Presidência (Francisco Coelho):** E quantos concursos?

**O Orador:** Eu também não tenho a lista actualizada, porque elas sucedem-se todos os dias.

**Presidente:** Sr. Deputado, o seu tempo já terminou.

**O Orador:** Já termino, Sr. Presidente.

O senhor fala no fim do crédito jovem bonificado? Eu julgava que vinha aqui falar dos 840 mil contos que o Governo Regional pagou para instalar a Direcção Regional da Juventude, em Ponta Delgada. Esse dinheiro era bem empregue em benefício dos jovens dos Açores, ou então o do dinheiro dos dois pianos que foram adquiridos, um deles para o Palácio de Santana, por 14 mil e 500 contos.

**Presidente:** Sr. Deputado, eu não o posso deixar continuar. Já ultrapassou o seu tempo. Facilite o trabalho da Mesa.

**O Orador:** Então para facilitar o trabalho da Mesa, aproveito para me inscrever.

**Presidente:** Sr. Deputado, tenha cuidado com o cumprimento das regras, não é escrever e inscrever. O senhor já ultrapassou o seu tempo, portanto tem que terminar.

**O Orador:** Sr. Presidente, eu apenas disse que para aproveitar essa facilidade que V. Exa. requer para os trabalhos da Mesa, que termino dizendo que me inscrevo para uma segunda intervenção.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Cabral Vieira.

**Deputado Cabral Vieira (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Gostaria de fazer uma breve observação relativamente àquilo que foi dito pelo Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

Devo dizer ao Sr. Deputado que acredito no mercado e tanto assim é que intervenho muitas vezes em alguns mercados que estão disponíveis na Internet, conseguindo interpretar e fazer a sua avaliação.

Relativamente aos prazos de amortização das casas já tive oportunidade de fazer algumas simulações e ver que, ao contrário daquilo que o Sr. Deputado disse, não é verdade que as casas se tornem mais baratas.

O que interessa para avaliar os custos efectivos de qualquer activo – isto é técnico, mas sei que o Sr. Deputado tem alguma capacidade de interpretar o que lhe vou dizer – é o valor actualizado desse activo.

Actualizando os pagamentos ao longo do tempo, a casa vai sair muitíssimo mais cara. Eu convido o Sr. Deputado a fazer qualquer simulação, alterando os prazos de pagamento e verá exactamente isso.

Portanto, não estão facilitando em nada a vida aos jovens, pelo contrário, estão a lhes tirar suavemente, sem que eles se apercebam, dinheiro ao longo do tempo. Como sabe, os jovens e maior parte das pessoas têm uma visão de curto prazo, apercebem-se daquilo que pagam hoje, mas não têm a percepção daquilo que vão pagar ao longo do tempo, mas essas casas vão ficar muitíssimo mais caras.

Eu desafio o Sr. Deputado a ir à Internet, a fazer algumas simulações, alterar os prazos, brincar com as taxas de juro, e verá o que vai acontecer.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Sr. Deputado Cabral Vieira ouviu aquilo que eu referi sobre esse ponto de vista. O que eu disse foi que, graças a novos prazos para amortização do empréstimo e graças a um decréscimo efectivo do custo das habitações, o mercado vai-se adaptar à ausência dos subsídios e o custo global das habitações vai baixar em muitas zonas do país. O próprio juro vai baixar.

Não será difícil que as prestações sejam mais baixas. Eu admiti que o custo da habitação possa ser mais elevado no fim do prazo.

Depois veremos até que ponto a baixa de juros e o baixa do preço da habitação irão condicionar ou não o aumento global. Essa é uma questão objectiva que V. Exa. sabe tão bem quanto eu.

Segunda questão, e permita-me tornar isso relativamente simples:

Todos nós sabemos o que é que tem acontecido, por exemplo, na agricultura e nos efeitos no mercado, com a injeção de determinados subsídios.

Todos sabemos que os bezerros estão a 10 contos e quando aparece um subsídio de 10 contos do Governo Regional para apoiar a valorização dos bezerros, eles passam automaticamente para 18 ou para 20 e há alguém que absorve esse subsídio que não é, na maior parte dos casos, o produtor.

Salvaguardando as situações, esse fenómeno que é simples ao nível do mercado, como é o mercado da carne nos nossos meios, também funciona a outros níveis da administração.

Quanto a isso julgo que fomos claros e há que aguardar atentamente a evolução do próprio mercado.

Aproveito ainda para dar um pequeno esclarecimento na linha do estilo da intervenção do Sr. Deputado que deu origem a este mini debate.

Eu tenho a ideia que o senhor é do Continente. Não é?

**Deputado Nuno Amaral (PS):** Com muito orgulho, da Serra da Estrela!

**O Orador:** Sendo o senhor do Continente acho que devia ter uma noção mais rigorosa...

**Deputado Fernando Lopes (PS):** E não tem nenhum complexo!

**O Orador:** E não há que ter complexos aí. Eu já ouvi uns “dramas” no passado. Comigo o Sr. Deputado não se incomode. O senhor é de Marvilha e eu sou da Praia da Vitória.

**Deputado Fernando Lopes (PS):** Ainda bem que percebeu.

**O Orador:** Não é preciso fazer dramas, nem o que fez a alguns meses atrás, porque eu não entro nesses esquemas.

Eu estava a dizer que os seus conterrâneos do Continente não têm autonomia. Há o governo autónomo dos Açores, o governo autónomo da Madeira, mas não há o

governo autónomo do Continente, porque é uma região sem autonomia. Há um Governo da República.

Era apenas este esclarecimento.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Nuno Amaral.

**Deputado Nuno Amaral (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Para responder, em primeiro lugar, ao Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

Eu li com muita atenção o seu programa que apresentou nas últimas eleições. Nele dizia-se assim:

“Para a mudança que Portugal precisa, não podemos dar lugar a uma maioria absoluta exclusivamente do PSD, o que representaria um indesejável regresso a situações do passado.”

Hoje o senhor defende o regresso ao passado.

Em seguida diz:

“Irradicação dos *jobs for the boy*, sejam rosa ou laranja”. Agora deve haver alguns “jobs” para o PP e por isso está contente com essa situação.

Quanto à fuga, Sr. Deputado Joaquim Machado, acho que o Dr. Mota Amaral fugiu e muito bem e ainda anteontem o Sr. Deputado Renato Leal disse porque o fez. É engraçado que quando falam da limpeza que estão a fazer, gostava de vos ler aqui algumas coisas, porque se calhar os senhores estão a fazer alguma limpeza, mas não estão a ir buscar as pessoas indicadas.

“A multiplicação de trapalhadas no Governo sucedem-se a um ritmo alucinante.

A Ministra das Finanças deu agora, tal como dera na discussão do Orçamento do Estado em Dezembro, prova de uma incompetência política de bradar aos céus e começa a ser inestético assistir à vitimização de que se corre, sempre que tropece.”

Ainda não acabou. Dizem ainda:

“Barroso é mestre na técnica da manutenção do poder. Nós sabemos muito bem porquê. Se calhar é agora uma tomada de posição mais moderna deste Governo em manter a manutenção do poder”.

Quem afirmou isto não foi ninguém do PS, foi Duarte Lima do PSD.

Se se multiplicam as trapalhadas, é porque se calhar estão a correr com pessoas competentes e estão a substituí-las por pessoas que não interessam.

Fico por aqui.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Joaquim Machado.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Aproveito esta intervenção para pedir e para prestar esclarecimentos.

Começando pelo pedido de esclarecimento, gostaria de saber, na opinião do Sr. Deputado Nuno Amaral, se os 840 mil contos que estão a ser pagos para aquisição de instalações destinadas à Direcção Regional da Juventude, não seriam melhor empregues em medidas de política de juventude que, nomeadamente, ajudassem a resolver esta (parece) grave situação que decorre do fim do crédito jovem bonificado.

Prestando esclarecimentos, gostaria de dizer que para além deste tipo de despesas, convirá lembrar que o Governo Regional, em 6 anos, despendeu 1 milhão e 800 mil contos em viaturas, algumas se calhar necessitadas, outras se calhar nem tanto e outras ainda incluídas em empreitadas e o Sr. Secretário Regional da Habitação poderá confirmar.

Relativamente às escolhas dos assessores e de outro pessoal de confiança política que os actuais membros do Governo da República vão fazendo, gostaria de dizer que se acha que não são as melhores, pois, talvez não sejam, mas não acho que o Governo de Durão Barroso tenha a obrigação de vir pedir opinião.

Pergunto agora sobre uma requisição recente: será que concorda com a requisição de uma técnica superior de biblioteca e arquivo para o gabinete técnico da Secretaria da Saúde?

Já agora, acha que está habilitada a ser requisitada para o Ministério da Saúde?

O Sr. Deputado Nuno Amaral sabe qual é o problema?

De facto, o país foi governado, durante 6 anos, por mãos largas e a Região já leva quase outro tanto. Infelizmente, nós vamos pagar duas vezes a factura.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Secretário Regional Adjunto da Presidência** (*Francisco Coelho*): Já começou a pagar com o Madrugada da Costa!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Messias.

**Deputado Paulo Messias** (*PS*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Comparar a bonificação para a habitação com subsídios aos bezerros, penso que é de uma infeliz ocasião.

Os subsídios aos bezerros são atribuídos a todos os bezerros,....

**Deputado Mark Marques** (*PSD*): Não, são atribuídos aos donos dos bezerros. Os bezerros não recebem dinheiro!

**O Orador:** ... sem excepção, sejam eles dos lavradores ricos ou pobres, dos maiores proprietários ou menores proprietários.

A bonificação para a habitação é um programa especial destinado aos pobres. Os ricos não têm bonificação para a habitação. Ela depende dos rendimentos.

A retirada da bonificação foi uma infeliz ideia do Governo da República e o Presidente da oposição, que quer ser um dia Presidente do Governo Regional, disse que se fosse Governo mantinha a bonificação.

A retirada da bonificação é uma injustiça e o senhor sabe que é. Vir agora tentar tapar isso comparando com subsídios para os bezerros ...? Pelo amor de Deus, Sr. Deputado!

A injustiça é tão grande que o Governo da República resolveu tirar o tecto dos 30 anos, passando para 40. Um empréstimo feito por 40 anos sai muito mais caro que um empréstimo feito por 30 anos, sem comparação nalguma. Dou-vos um exemplo: um casal que recorresse ao crédito até 31 de Maio de 2002 e ficasse no primeiro escalão, com a bonificação crescente para um empréstimo de 99.759,58 (cerca de 20 mil contos), a uma taxa de 5.563, no prazo de 30 anos, pagaria no primeiro ano uma prestação mensal de 404,06 (cerca de 81 mil escudos). Se o Sr. Deputado procurar nos jornais da Região, praticamente todas as casas que estão à venda são de 20 mil contos para cima.

A partir do dia 1 de Junho, esse mesmo casal, fazendo o mesmo empréstimo, à mesma taxa e por igual número de anos, mas em regime geral, iria pagar uma prestação de 570,38 (114.350\$00), mais 166 euros (33.344\$00).

Desde o dia 1 de Outubro, o mesmo empréstimo, pelo mesma taxa, mas por um prazo de 40 anos terá uma prestação mensal de 518,82 euros (64.014\$00), menos 51 euros do que se fosse por 30 anos e mais 114 euros pelos mesmos 30 anos, mas no regime bonificado.

Sr. Deputado, um empréstimo de 40 anos melhora em pouco a prestação do regime geral por 30 anos, acresce em muito a prestação do regime bonificado por 30 anos e dá mais 10 anos de juros.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional Adjunto da Presidência.

**Secretário Regional Adjunto da Presidência** (*Francisco Coelho*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Colegas de Governo:

Vou usar da palavra relativamente a duas questões que foram referidas durante este debate, que me parece que têm importância em ser rápida e factualmente esclarecidas:

O Sr. Deputado Joaquim Machado falou, por mais que uma vez, na compra pela Região Autónoma dos Açores de um edifício em Ponta Delgada para a instalação de um conjunto de serviços que neste momento se encontram dispersos, da Direcção Regional da Juventude, Emprego e Formação Profissional.

Falou naquele que me parece ser o pior sentido da demagogia, já que se trata de uma compra para a Região, sem fazer a mínima referência entre aquilo que o Governo paga em rendas, quanto é que vai deixar de pagar e quanto é que se vai ganhar, sem fazer referência a que a compra deste imóvel será, na sua quase totalidade, financiada por dinheiro do Fundo Social Europeu, que tem um destino específico e que nós não podemos pegar nele e fazer um crédito bonificado regional.

Este edifício destina-se a serviços de funcionários e melhor prestação de serviços aos utentes, com grande parte do dinheiro vindo do Fundo Social Europeu e com os ganhos que isto vai ter para a Região numa perspectiva de longo prazo, mas que é aquela que nos deve preocupar. Não é para gabinetes de secretários regionais, como aconteceu em tempos anteriores nesta Direcção Regional.

Em termos eleitorais, se esse dinheiro pudesse ser utilizado, se calhar era melhor pagar rendas e investir 800 e tal mil contos, mas para Região não temos dúvidas que essa é a melhor solução e que esse é um bom negócio.

No que se refere à compra de viaturas, Sr. Deputado Joaquim Machado, por alguma razão os particulares, em regra, ao fim de 5 ou 6 anos, mudam de carro. Se calhar é uma boa gestão, em vez de ter o mesmo carro durante 15 ou 20 anos.

Eu gostava de lhe lembrar que o requerimento que o Governo Regional teve o cuidado de responder sobre esta questão – penso que ao Açoriano Oriental, pelo menos foi lá que veio a resposta – referia um conjunto de carros e de viaturas. No entanto, esqueceram-se de dizer que vinha lá desde os “Follow Me” da SATA, até às máquinas motorizadas que são compradas para os Serviços Florestais, para a Agricultura e Pescas e para a Habitação e Equipamentos.

É bom termos a ideia, quando falamos neste número de viaturas, do que é que estamos a falar, para que haja nestas coisas o mínimo de seriedade, porque estes são dinheiros públicos e por isso o assunto merece seriedade e esclarecimento.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José San-Bento.

**Deputado José San-Bento (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Muito rapidamente para aclarar algumas questões que foram levantadas. Algumas delas já foram esclarecidas por alguns camaradas da minha bancada.

No entanto, a jeito de abertura, gostaria de dizer nesta intervenção que as intervenções que o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro tem feito nesta Casa, ao longo destes dias, fazem-me lembrar uma daquelas anedotas em que um casal, ele muito apaixonado, dizia à suposta namorada e muito interessada em consumir uma união: “querida, vamo-nos divertir hoje à noite?”. E ela respondia: “vamos, vamos, mas



olha, se chegares primeiro do que eu deixa a luz do corredor acesa!”. É isso que parece que está acontecer aqui com esta atitude do PP.

**Deputado Paulo Gusmão (PP):** Mas é preciso saber interpretar!

**O Orador:** A interpretação eu deixo ao critério de cada um, como é óbvio.

Em relação ao crédito à habitação e ao que foi dito aqui, gostaria de referir dois aspectos para que eles fiquem muito claros.

Em primeiro lugar, esta medida de revogação do crédito bonificado à habitação jovem foi perfeitamente injusta. O Governo Central não teve coragem de a apresentar durante a campanha eleitoral e é uma das medidas que faz parte da fraude eleitoral com que o PSD e o PP enganaram os eleitores.

Ao fazermos essa análise, é preciso percebermos uma questão que é grave, ou seja, a Sra. Ministra das Finanças teve a coragem de dizer que a revogação desta medida tinha a ver com a fraude que existia na prática deste modelo, isto é, o Governo demitiu-se da sua obrigação e da sua responsabilidade de criar um quadro de regulamentação e de melhor fiscalização nessa medida, adoptando aquilo que era mais fácil, uma medida injusta e de profunda injustiça social.

Isto só revela que este Governo está impreparado para governar, é um governo sem qualidade e é um governo sem consciência social.

Para terminar, Sr. Deputado Joaquim Machado, as explicações dadas pelo Sr. Secretário Regional Adjunto são lapidares em relação à insinuação que o senhor pretendeu trazer aqui, mas faço-lhe um desafio: faça uma análise comparativa daquilo que são as políticas de juventude deste Governo com as políticas de juventude dos governos do PSD, nomeadamente dos governos que o senhor fazia parte. O senhor vai ver, seja em que critério for, que não há comparação possível.

Aquilo que existe hoje é um verdadeiro quadro de apoio aos jovens, nomeadamente num apoio ao associativismo juvenil, na modalidade juvenil.

Qualquer que seja o parâmetro que o senhor queira analisar, pode estar certo que os governos do PS têm uma óptima política de juventude e são muito melhores do que os governos que o senhor fez parte, que foram os governos do PSD.

Muito obrigado.

**Deputado Humberto Melo (PSD):** Não é o que o povo diz!

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Em 2004 o povo irá julgar!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Gusmão.

**Deputado Paulo Gusmão (PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Não se assustem com a comparação com os bezerros. De uma forma clara, complexa e sem demagogias, dizemos por meia dúzia de razões, como já o dissemos, que não há qualquer problema em ter acabado o crédito bonificado.

**Deputado José San-Bento (PS):** O senhor deixe a luz acesa!

**O Orador:** Dizemo-lo com essa clareza, desde logo, porque, em primeiro lugar, as leis do mercado funcionam mesmo assim, percebam ou não os Srs. Deputados. Não é por perceberem ou não que elas deixaram de funcionar, como foi explicado;

Em segundo lugar, porque foi o vosso Governo que deixou um bom princípio para que esse crédito não pudesse continuar e foram os milhões de contos que o país ficou a dever à própria banca para continuar esse mesmo programa;

Em terceiro lugar, este Governo de uma forma eficaz reforçou o mercado de arrendamento;

Em quarto lugar, e isso é o essencial, continua a haver os programas de apoio aos mais pobres;

Em quinto lugar, a nossa preocupação, sem demagogias, não é o Paulo, não o Gusmão que tem menos de 30 anos e tem que receber alguma bonificação. A nossa preocupação são os mais abandonados, o Francisco, o Sousa, que lá longe, mesmo velhinho, na Maia, bem precisa de uma ajuda. É por isso que o Francisco, o Sousa, figura hipotética, continua a ter apoio para adquirir casa. Mais do que isso, passou a ter melhor acesso ao mercado de arrendamento;

Em sexto lugar, a comparação aos bezerros. É mesmo essa a comparação, porque tal como acontece com os bezerros, é dado de uma forma que não é justa, porque não é dado aos mais pobres, é dado aos jovens indiscriminadamente, mesmo aqueles de famílias abastadas que ainda não trabalham porque estudam, mas seguramente não necessitam. É mais fácil dizer que se quer dar tudo a todos, mas nós continuamos a preferir dar apenas àqueles que precisam.

Quantas casas de veraneio?

**Deputado José San-Bento (PS):** Há legislação! Isso é demagogia!

**O Orador:** Quantos apartamentos de estudantes?

Quantas casas no Algarve? E tudo de famílias ricas.

A nossa diferença é mesmo essa. Os senhores dão tudo a todos. Aliás, se não tivessem usado esse critério ao desbarato, se calhar não era preciso terminar com ele.

Orgulhamo-nos de o ter terminado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD e do Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD e do PP)*

**Presidente:** Srs. Deputados, terminamos aqui os nossos trabalhos. Retomamos às 15 horas.

*(Eram 13 horas)*

**Presidente:** Srs. Deputados, boa tarde.

*(Eram 15 horas e 25 minutos)*

Vamos dar início ao período da Ordem do Dia com a continuação do debate sobre a **Proposta de Decreto Legislativo Regional – “Concelho Regional da Água”**.

Recordo que foi apresentado um texto de substituição da Comissão.

Os dois textos foram votados na generalidade e estamos agora a fazer o debate desta proposta com base no texto de substituição que foi assumido pelo Partido Socialista.

Vamos continuar o debate sobre o artigo 2º para o qual havia uma proposta de alteração do PSD e entretanto deu entrada mais uma proposta de alteração apresentada pelo PP.

Este é o objecto do nosso debate, neste início de trabalhos.

Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Gusmão.

**Deputado Paulo Gusmão (PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A proposta de alteração que apresentamos tem a ver sobretudo com a redução deste megaplenário que vai discutir a água e a sua distribuição na Região.

Entendemos que se for mais reduzido, poderá ser mais eficaz.

Aliás, no próprio interesse do Sr. Secretário do Ambiente, em nosso entender, até poderá levar a sua água ao moinho (entenda-se “a sua água” como o interesse da Região).

Parece que está tudo aqui, só faltaria acrescentar talvez a Direcção dos Desportos, através da rega nos campos; o Sr. Secretário das Finanças, pela água no Orçamento; o Sr. Secretário da Educação pela a água em tudo; talvez alguns representantes dos cobradores da água.

Pedindo desculpa pela brincadeira, a parte séria baseia-se no facto de ser mais eficaz reduzir em matérias que, desde logo, tudo têm a ver, mas que não têm tão directamente a ver. É o caso da Secretaria Regional dos Assuntos Sociais, ou da Secretaria Regional da Economia que, como é sabido, tudo o que toca ao comércio, à indústria e ao turismo tem também a ver com áreas que são das redes autárquicas. Podia-se incluir também a Secretaria Regional das Pescas, até mesmo foi dito na Comissão que a água corre para o mar e quão grande é o oceano. É muito lato justificar esta presença.

Para além disso, temos os representantes da Associação de Municípios. Outra coisa não faria sentido que não fossem representantes, porque em todas as outras alíneas são representantes. Não percebo o porquê de querer-se obrigar a Presidente da Associação de Municípios a estar sempre disponível a discutir os fontanários da nossa Região.

Em segundo lugar, para além dessa redução, a nossa proposta tem a ver com a assunção de que é um concelho consultivo. A responsabilidade é, e bem, de V. Exa., Sr. Secretário do Ambiente.

Entendemos por bem ser V. Exa. a ter a competência de nomear aqueles que entenda serem personalidades de reconhecido mérito que possam colaborar nessa função, mas entendemos que mal não vem ao mundo se for ouvido o próprio conselho.

Da mesma forma, em relação ao regimento, pois se é um órgão consultivo e não tem capacidade de decisão em nada – senão estaríamos aqui a criar uma democracia paralela para decidir – o que se pretende é um contributo.

Portanto, em primeira instância é V. Exa. que deve ter a competência e a responsabilidade do funcionamento do órgão, pois de outro modo até se poderia chegar à situação quase ridícula deste órgão decidir que reuniria todas as semanas ou reuniria de dois em dois anos.

Nem uma, nem outra situação é boa e V. Exa. saberá qual a finalidade do mesmo.

Portanto, a alteração que propomos, em relação às duas matérias, é simplesmente o órgão ser consultado e nada mais do que isso.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Na minha intervenção na generalidade já marquei a posição do Grupo Parlamentar do PCP sobre esta matéria.

Em relação a esta matéria, na especialidade, o problema da dimensão, para nós, tem que ser observado tendo em conta um órgão consultivo e não um órgão deliberativo. A presença da dimensão e da relação com a especialização e com os vários tipos de concurso tem que ser vista nesse âmbito.

Obviamente que não concordamos com a proposta de alteração do PSD e não concordamos com a do PP que agora deu entrada. Não tivemos tempo de ver com muito pormenor, mas a questão de haver apenas um representante das Associações de Ambiente, não se percebe muito bem.

Eu pedi para falar, porque parece-me que é o único ponto relevante nesta discussão na especialidade e gostaria que ficasse assegurado que esta situação anormal ou diferente em relação à Associação de Municípios tem que ser rectificadas. Que isso fique plenamente assegurado, porque é importante. Nos outros há referência ao Presidente ou seu representante. Portanto, acho que também ali tem que haver referência ao Presidente ou seu representante.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Joaquim Machado.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

No debate que ocorreu anteontem sobre esta matéria, inscrevi-me para prestar esclarecimentos na sequência de uma intervenção do Sr. Deputado Hernâni, designadamente para elucidar sobre aquilo que é a nossa proposta de alteração sobre o artigo 2º que não foi percebida pelo Sr. Deputado do Partido Socialista.

Não foi percebida em dois aspectos concretos. O primeiro, mais pontual, foi fruto de uma leitura apressada e menos correcta da nossa proposta, ao dizerem que retirávamos a participação do Sr. Subsecretário para os Assuntos Europeus. Isso não é verdade porque ele continua lá, de resto é a nossa alínea f). Bastaria ter começado a ler a nossa proposta de alteração para constatar que ele lá figurava.

Pretendemos – repetindo para retomarmos de forma mais perceptível o debate – uma redução de 13% da representação governamental do número de membros deste conselho, designadamente da Secretaria Regional da Agricultura que está sobrerrepresentada neste órgão consultivo, o mesmo acontecendo com a Presidência do Governo que, em nosso entender, tem uma participação também muito elevada, o que resulta em última instância de, em vez de ser o Governo Regional a aconselhar-se com entidades não governamentais, é o Governo Regional a ouvir-se a si mesmo. Por outro lado e conectando com esta questão da dimensão, o Sr. Deputado também não terá percebido que a dimensão do órgão não tem a ver com a qualidade da função que ele desempenha.

Isto acontece em muitos domínios, porque não é o tamanho que dá a eficácia. É sim a forma como ele se exerce e o fim para que se exerce.

Neste caso concreto seria melhor que o Sr. Secretário Regional do Ambiente se aconselhasse em conselho do Governo, se é que ainda tem lá alguém que o possa aconselhar.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Hernâni Jorge.

**Deputado Hernâni Jorge (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Para prestar dois ou três esclarecimentos.

Antes dos esclarecimentos gostaria de me penitenciar, perante o Sr. Deputado Joaquim Machado, pelo lapso da leitura apressada relativamente à questão da eventual exclusão, na proposta de alteração do PSD, do gestor do PRODESA, o Sr. Secretário Regional do Planeamento, o que efectivamente não acontece.

No que se refere à proposta do PSD, e deixando o Sr. Deputado Joaquim Machado descansado, devo dizer que percebi perfeitamente as posições do PSD e já tinha percebido em sede de Comissão e na discussão que lá mantivemos.

Nós temos posições diversas e distintas relativamente a esta matéria.

Eu próprio afirmei na minha primeira intervenção sobre esta matéria, anteontem, que não confundo dimensão com eficácia, sublinho e repito.

Relativamente à proposta do PP nota-se alguma evolução desde a reunião da Comissão, até mesmo da posição inicialmente tomada no início do debate anteontem, num evoluir e num encostar para a posição do PSD. É natural, não seria de esperar outra coisa neste momento.

Relativamente à proposta de alteração do PP para os parágrafos 1 e 2 do artigo 2º, naturalmente que os argumentos contra, da parte da bancada do PS, são aqueles que já foram avançados na nossa primeira intervenção. Portanto, não podemos estar de acordo com esta proposta de alteração.

Quanto à proposta de alteração apresentada para o ponto 4 do artigo 2º, recordo parte da minha primeira intervenção, manifestando a nossa concordância, porque fomos nós que, em sede de Comissão e no debate que se gerou, propusemos que fosse aditado a este artigo “*após audição ou ouvindo o Conselho Regional do Ambiente*”.

Recordo e note-se que foi por proposta do PP que a maioria da Comissão acabou entendendo que nem valia a pena ser ouvido o Conselho Regional do Ambiente e que poderia caber exclusivamente ao Sr. Secretário a designação sem qualquer audição prévia.

Não nos opomos a esta proposta de alteração que já tínhamos proposto em sede de Comissão. Portanto, iremos votá-la favoravelmente.

Uma nota final sublinhando aquilo que também foi referido pelo Sr. Deputado Decq Mota para dizer que deverá ser corrigida, em sede de redacção final, a questão

relativa à representação do Presidente da Associação de Municípios da Região Autónoma dos Açores ou seu representante.

**Presidente:** Para esclarecimento da Mesa e para depois não haver problemas em relação à redacção final, a alínea m) fica *dois representantes da Associação de Municípios da Região Autónoma dos Açores?*

Tem a palavra o Sr. Deputado Hernâni Jorge.

**Deputado Hernâni Jorge (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

A alínea m) fica tal qual como está, só que deverá – é um lapso que resulta do facto da redacção que aqui se encontra ser a redacção da proposta do Governo, não sofrendo qualquer alteração em sede de Comissão – dar-se tratamento idêntico àquele que sucede nas alíneas o) e p) em que está definida a representação de presidentes, no caso da Federação Agrícola e da Câmara de Comércio e Indústria dos Açores, ou seus representantes.

Relativamente ao Presidente da Associação de Municípios da Região Autónoma dos Açores, deve manter-se a referência expressa à presença do Presidente da Associação de Municípios da Região Autónoma dos Açores, salvaguardando-se a possibilidade dele se fazer substituir por um seu representante.

**Presidente:** Eu chamava a atenção para a Comissão de redacção porque já fala em representantes atrás. É preciso ser bem feito para não causar equívocos, mas penso que o plenário entendeu, *representantes da Associação, sendo um deles o Presidente ou seu representante*. Em termos de português é preciso acertar bem isto para não haver nenhum equívoco.

Vamos passar à votação.

**Em primeiro lugar, vamos votar a proposta de alteração apresentada pelo PSD.**

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

Os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A proposta apresentada pelo PSD foi rejeitada com 15 votos favor do PSD, 28 votos contra do PS, 2 votos contra do PCP e 2 votos de abstenção do PP.

**Presidente:** Passamos agora à votação da proposta de alteração apresentada pelo CDS/PP.



O Sr. Deputado Paulo Gusmão pede a palavra para...?

**Deputado Paulo Gusmão (PP):** Sr. Presidente, é para requerer a votação separada do nº 4.

**Presidente:** Vamos votar a proposta de alteração dos nºs 1 e 2.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

Os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** Os nºs 1 e 2 foram rejeitados com 28 votos contra do PS, 2 votos de abstenção do PCP, 15 votos de abstenção PSD, 2 votos a favor do PP.

**Presidente:** Passamos à votação do nº 4.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

Os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** O nº 4 foi aprovado com 28 votos a favor do PS, 2 votos a favor do PP, 2 votos a favor do PCP e registou 15 votos de abstenção PSD.

**Presidente:** Vamos passar à votação do corpo do artigo 2º.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

Os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** O artigo 2º foi aprovado com 28 votos a favor do PS, 2 votos a favor do PCP, 2 votos contra do PP e registou 14 votos de abstenção PSD.

**Presidente:** Não havendo qualquer proposta de alteração para os artigos 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º, 9º, 10º, 11º e 12º, perguntaria à Câmara se poderia colocar a debate e posteriormente à votação todos estes artigos?

Tem a palavra o Sr. Deputado Joaquim Machado.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Sr. Presidente, é para manifestar a concordância mas com uma pequena ressalva, é que o texto que vem da Comissão, no artigo 5º, traz uma imprecisão que deve ser previamente corrigida. O seu nº 2 remete para o nº 4 do artigo 9º, quando efectivamente o artigo 9º tem dois números.

**Presidente:** Feita a observação, para onde é que remete?

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Para o artigo 10º.

**Presidente:** Está aberto o debate sobre estes artigos.

*(Pausa)*

Não havendo intervenções vamos votar.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** Os artigos 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º, 9º, 10º, 11º e 12º foram aprovados por unanimidade.

**Presidente:** Passamos à votação final global.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

Os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** O diploma foi aprovado com 28 votos a favor do PS, 2 votos a favor do PCP, 14 votos de abstenção PSD e 2 votos de abstenção do PP.

**Presidente:** O diploma baixa à respectiva Comissão para redacção final.

Vamos passar ao ponto seguinte da nossa ordem de trabalhos, **interpelação ao Governo Regional sobre agricultura**, apresentada pelo Partido Comunista Português.

Conforme foi decidido na conferência de líderes, vou passar a informar a distribuição dos tempos:

O PCP e o Governo dispõem de 10 minutos para uma primeira intervenção e de mais 10 minutos no final, sem contar para o tempo global.

O tempo global ficou assim distribuído:

PS – 65 minutos

Governo – 65 minutos

PSD – 45 minutos

PCP – 15 minutos

PP – 15 minutos.

São estas as regras do jogo. Vamos iniciar o debate.

Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão para introduzir o tema desta interpelação ao Governo.

*Deputado Paulo Valadão (PCP): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

**Cabe ao PCP abrir este debate, como Partido que promove, nos termos regimentais, a presente Interpelação sobre Política Agrícola.**

É, portanto, este o momento de deixar claros os objectivos que pretendemos atingir com o acto político em questão, assim como enunciar sumariamente algumas das matérias que entendemos vital serem discutidas e aprofundadas.

Torna-se desde já indispensável deixar clara uma questão prévia: o PCP pretende, com esta interpelação, contribuir para um debate político sério e profundo sobre o mais importante sector e a mais sólida potencialidade da economia açoriana que constitui a agricultura.

Aceite que seja esta realidade, concentrados no que é e não no que poderia ser, importa que este debate clarifique posições, intenções e práticas, quer do Governo, quer do Partido que o apoia, quer dos restantes partidos.

Mais do que travar um combate, no qual haveria potencialmente vencedores e vencidos, o PCP pretende fazer propostas, apresentar pontos de vista, ajudar à definição de orientações adequadas no presente e no futuro para a agricultura açoriana.

As posições, propostas e pontos de vista que aqui traremos são fruto de reuniões e audições com as Associações de Agricultores, com Cooperativas de Lacticínios, com dezenas de agricultores e lavradores individualmente considerados, que quiseram contribuir com as suas preocupações e anseios para que este debate seja o mais produtivo possível.

É dado este volume considerável de contributos de agricultores açorianos que podemos afirmar não chegarmos aqui sozinhos. É pela urgência e premência da resolução dos principais problemas que afligem a agricultura açoriana que podemos afirmar a esperança de não sairmos daqui sozinhos.

*Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

Como se poderão ultrapassar, na opinião do PCP, os problemas com que se debate nos nossos dias a agricultura açoriana?

Em primeiro lugar, com a expressão de uma vontade política firme e assumida por parte do Governo Regional. Este Governo tem que assumir, sem tibiezas ou hesitações, que a agricultura é o pilar fundamental da economia açoriana e que assim deve permanecer.

Se for esta a plena assunção governamental, então o executivo terá que assumir, igualmente, que o desenvolvimento deste sector depende de meios financeiros, a inscrever nos próximos Planos e Orçamentos, pela criação efectiva de condições que permitam à Agricultura Açoriana desenvolver-se de facto.

Este desenvolvimento passa por diversas medidas, como serão, entre outras, a criação de estruturas para a transformação da carne, a modernização das explorações, o apoio à formação profissional, a diversificação de produções, um regime de reformas antecipadas que permita a revitalização do sector e o pleno aproveitamento da capacidade de produção de leite já instalada e ainda em expansão por via do apuro genético, isto é, as quotas leiteiras.

Não podemos, no entanto, esquecer que o pleno desenvolvimento da agricultura açoriana não depende só de nós. Somos uma Região Autónoma de um Estado integrado na União Europeia. É indispensável, por isso, que se conclua só haver possibilidade de uma política regional adequada às nossas necessidades, adaptada às nossas potencialidades e configurada com as nossas possibilidades reais, se reivindicarmos a aplicação do Estatuto da Ultraperiferia a este sector.

Importa, por isso, precisar com rigor em que consiste este Estatuto da Ultraperiferia, tal como vem definido no artigo 299º, nº 2, do Tratado da União.

É importante relembrar que o texto de tal dispositivo diz claramente:

a) Que os Açores beneficiam, em conjunto com os departamentos ultramarinos de França, com a Madeira e as Ilhas Canárias, do Estatuto da Ultraperiferia;

- b) Que o fundamento de tal benefício assenta no grande afastamento, na insularidade, na pequena superfície, no relevo e clima difíceis e na sua dependência económica em relação a um pequeno número de produtos;
- c) Que estes factores permitem a adopção pela União Europeia de “medidas pertinentes” no domínio da agricultura;
- d) Mas permitem igualmente, a derrogação das políticas comuns – torna-se isto claro quando o artigo refere que o Conselho adoptará “medidas específicas” destinadas, em especial, a estabelecer as condições de aplicação do Tratado a essas regiões, incluindo as políticas comuns”.

Não estão apenas em causa, como por vezes erradamente se pensa, as condições de acesso aos fundos estruturais e aos programas horizontais da Comunidade. Esse é apenas um dos domínios, entre outros, como sejam as políticas aduaneira e comercial, a política fiscal, as zonas francas, as condições de aprovisionamento em matérias primas e bens de consumo de primeira necessidade, os auxílios estatais e as políticas nos domínios da agricultura e das pescas.

*Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:*

Não cremos que todas estas implicações, e sobretudo a natureza jurídica deste estatuto, tenham sido plenamente absorvidas pelos dirigentes máximos dos diferentes partidos e até pelo Senhor Presidente do Governo. Esta conclusão é possível pela análise das declarações daqueles dirigentes partidários e pelas mais recentes declarações do Senhor Presidente do Governo, que dizia nomeadamente que “desafia os responsáveis da União Europeia a passarem da teoria à prática em matéria de ajudas às ultraperiferias, antes que a teoria caia em desuso”.

Não se trata apenas de ajudas. Mas, sobretudo, não se trata de qualquer teoria – trata-se de uma norma jurídica. Uma norma jurídica, com as suas características de generalidade, abstracção, imperatividade e coactividade.

Façamo-nos entender: a grande diferença entre a Declaração Anexa ao Tratado de Maastricht, relativa às regiões ultraperiféricas, e o artigo 299º, é a existência actual de uma norma jurídica específica, que permite a aprovação de medidas legislativas a favor das regiões ultraperiféricas.

Tal norma jurídica tem duas consequências:

- a) Implica as instituições comunitárias na obrigação de agir em relação a tais regiões;
- b) Tais regiões poderão, em caso de omissão dos órgãos comunitários que se traduza num tratamento injusto, recorrer ao Tribunal de Justiça das Comunidades Europeias. Repare-se que o artigo em causa refere que o Conselho adoptará medidas, não *poderá adoptar medidas*. Não se trata portanto de uma faculdade, mas de uma obrigação.

Este o conteúdo e natureza do tão invocado Estatuto da Ultraperiferia, que exige uma acção dos órgãos da Comunidade: decisão do Conselho, sob proposta da Comissão, ouvido o Parlamento Europeu. Mas exige igualmente uma acção, pelo menos uma vigilância atenta por parte das regiões ultraperiféricas e dos Estados nos quais estão integradas. Torna-se assim indispensável uma acção concertada entre o Governo Regional e o Governo da República, que não parece difícil de conseguir neste domínio, dado o bom relacionamento que o Senhor Presidente do Governo Regional diz haver com o Senhor Secretário de Estado para os Assuntos Europeus. Saibamos dar os passos necessários, num futuro imediato que contém, no seu horizonte, actos de tão importantes e previsíveis consequências como sejam a Revisão da PAC e o alargamento da União Europeia.

Mas, para dar os passos necessários, é preciso saber andar e saber para onde queremos ir. Que todos assumamos que a agricultura, pela sua dimensão social e económica, tem uma importância vital na ocupação do território rural, na preservação da paisagem e do Ambiente, necessários para o desenvolvimento do próprio Turismo, sempre tomado este como actividade complementar, embora muito importante.

Saibamos traçar um rumo para a Agricultura Açoriana, tendo todos consciência de que um rumo, sobretudo para quem vive rodeado de mar, não pode ser incerto ou intranquilo. Um rumo, para nos levar a porto seguro, tem de ser estável e, sobretudo, confiante.

Disse.

**Deputado José Decq Mota (PCP): Muito bem!**

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas.

**Secretário Regional da Agricultura e Pescas** (*Ricardo Rodrigues*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Grupo Parlamentar do Partido Comunista Português a oportunidade que dá ao Governo para, de forma concreta e sectorial, explanar durante algumas horas aquilo que constitui uma das áreas de relevante interesse económico para os Açores. Diria mais, de principal interesse económico, como actividade principal na Região Autónoma dos Açores.

Agradeço esta iniciativa principalmente também pelos propósitos anunciados, ou seja, fazermos um debate sério, onde todos darão a sua opinião e eu, naturalmente, como responsável por esse área no Governo, aqui estarei para escutar com atenção as vossas opiniões. Como sempre, o Governo acatará aquelas que pela sua bondade, pela sua eficácia e pela sua natureza podem contribuir para o melhoramento deste sector tão importante nos Açores.

Em segundo lugar, como esta é uma intervenção de fundo e aqui não me compete responder, desde já, a questões que eventualmente sejam levantadas, gostaria de fazer um enquadramento deste sector, começando por referir onde nos inserimos.

Como sabem, a União Europeia tem poucas políticas comuns. Feliz ou infelizmente para nós tem duas que são precisamente aquelas que eu tutelo: a Política Comum de Pescas e a Política Agrícola Comum.

Com sabem, o Tratado de Adesão foi rectificado por Portugal. Todas as regulamentações e directivas emanadas da União Europeia, têm aplicação directa nos Estados-Membros, designadamente na Região Autónoma dos Açores.

Por isso mesmo, existindo uma Política Agrícola Comum, nós, em primeiro lugar, estamos condicionados pela política que na Europa se desenvolve sobre a agricultura.

Nós estamos nos Açores e, infelizmente, até hoje, não temos competência para regulamentar nem regulamentos nem directivas comunitárias. Só depois da República regulamentar e legislar sobre esses comandos da União Europeia, nós os podemos adaptá-los aos Açores.

Como vêem, estamos num sector onde o poder de iniciativa sobre questões fundamentais e imprescindíveis, eventualmente para o sector agrícola, tem um duplo grau de dificuldade. Em primeiro lugar, os comandos emanados da União Europeia; em segundo lugar, a sua adaptação nacional; em terceiro lugar, a sua adaptação regional.

Esta área de intervenção do Governo encontra-se condicionada por esta hierarquia de leis de valor superior.

Este é o enquadramento jurídico em que nos encontramos. Este é o enquadramento em que o sector agrícola, os lavradores e os agricultores açorianos se encontram.

Por isso, grande parte das matérias fogem à competência do Governo Regional e algumas delas, naturalmente, se fossem da nossa exclusiva competência, não estariam como estão.

Gostava de entrar no sector propriamente dito, fazendo uma “radiografia” genérica sobre essa situação – a realidade açoriana sobre a actividade agrícola.

Em primeiro lugar, todos sabemos que a fileira do leite constitui o vector mais importante da actividade agrícola nos Açores.

De facto, desde alguns anos a esta parte, é a área onde existe mais mão-de-obra afectada, onde existe mais produção. Portanto, o sector do leite é aquele que constitui a pedra basilar onde depois se desenvolve todo o sector agrícola.

A mim não me preocupam os adjectivos ou os epítetos que possam chamar ao sector do leite, de monocultura, de peso, etc.. É um facto e nós temos que lidar com ele, porque os lavradores, os agricultores e as suas famílias são pessoas que importa, na actividade regulamentadora do Estado e neste caso da Região, ter em consideração.

Para mim e para o Governo não é questão saber se se trata de monocultura e se é positivo ou negativo. Estamos perante esse facto e ele deriva essencialmente das nossas condições edáfico e climáticas, que é a cultura que mais se adapta à nossa Região.

Por outro lado, a mão-de-obra não abunda, por isso é aquele que na área da agricultura provavelmente exige menos mão-de-obra.

Depois temos alguma diversificação agrícola. Aqui, o Governo Regional motiva essa área da agricultura.



Todos os projectos candidatáveis no III Quadro Comunitário de Apoio, provenientes dessa área da diversificação agrícola, qualquer que ela seja, mesmo que seja da fruta, da horticultura ou da floricultura, têm um apoio a fundo perdido a nível dos 75%, enquanto outros não têm.

Este é o sinal político de que o Governo Regional entende que a diversificação da agricultura açoriana deve ser motivada. Esse sinal está dado e a portaria está publicada sobre esta matéria.

Decorrente da actividade da fileira do leite, temos a fileira da carne.

Esta fileira constitui em algumas ilhas uma área importante do rendimento dos agricultores. Refiro-me concretamente ao Pico, às Flores e um bocadinho à Graciosa.

Nos Açores, na sua globalidade, a fileira da carne é um complemento muito importante dos agricultores, dos lavradores e daqueles que têm produção de leite.

Portanto, esta é uma área em que o Governo Regional, quer o VII, quer o VIII, dedicaram grande importância, não só pela sua necessidade e complemento do rendimento dos agricultores, mas também pelos problemas que conjuntamente vamos vivendo e que têm a ver com a qualidade alimentar e com a qualidade a que os cidadãos têm direito.

Daí que o Governo Regional investiu verbas avultadas do erário público naquilo que se denominou de Rede Regional de Abate.

A Rede Regional de Abate é uma área infra-estrutural. Nos Açores é uma rede pública, ao contrário do que acontece na generalidade dos países europeus, mesmo do Continente Português.

É uma área do domínio público. Foi o Governo Regional que iniciou esse investimento na fileira da carne, nos equipamentos necessários para que essa fileira tivesse uma sustentabilidade eficaz e pudesse ser uma área de complemento do rendimento dos agricultores.

Por outro lado, concluiu-se também o Processo de Certificação da Carne nos Açores. É uma área em que estamos a dar os primeiros passos. Levou muito tempo, mas as coisas por vezes acontecem assim.

A fileira da carne é a segunda área onde pretendemos dar uma mais valia.

Estando concluída a Rede Regional de Abate, avançaremos para salas de desmancha nas ilhas mais adequadas, constituindo naturalmente uma área muito interessante para o rendimento dos senhores agricultores.

Contudo, os nossos lavradores e os nossos agricultores para desempenharem as suas actividades têm problemas específicos, concretos, têm dificuldades no terreno e isso releva aquilo a que nós chamamos o ordenamento agrário.

De facto, a realidade açoriana dos agricultores – explorações agrícolas dispersas por várias parcelas e caminhos sem estarem nas devidas condições como naturalmente qualquer cidadão tem direito – constitui naturalmente uma ordem de prioridades para o Governo Regional e, neste momento, o investimento público nessa área é não só considerável como constitui também nos próximos anos uma prioridade do Governo Regional.

**Presidente:** Sr. Secretário, eu não lhe quero quebrar o raciocínio, mas informo que dispõe apenas de um minuto e meio.

**O Orador:** Muito bem. Sendo assim passo a outra área.

Trata-se tudo de maravilhas, de facilidades?

Não!

Nós temos constrangimentos concretos pelo facto de vivermos em ilhas. Desde logo, os constrangimentos que nos vêm da Europa (a quota), os constrangimentos por estarmos afastados dos centros (os transportes), uma reduzida dimensão (qualquer crise exógena tem influências endógenas), o que se reflecte necessariamente nas nossas actividades.

A questão da BSE e outras questões que tendo origem fora da Região interferem directamente com essa actividade nos Açores.

Por outro lado, na realidade temos uma situação de lavradores com formação menos adequada. Portanto, esta é uma área onde temos que continuar a investir.

Finalmente, o artigo 299º, nº 2 da Constituição. Essa é uma arma que naturalmente temos que fazer mão dela, mas ao contrário do que disse, naturalmente com a desculpa necessária de quem não tem formação nessa área (por acaso até tenho), gostaria de dizer que não se trata de uma norma imperativa. Todas as normas

revelam-se nas características que o Sr. Deputado Paulo Valadão referiu, mas essa é uma norma programática, ou seja, indica o caminho.

Portanto, a imperatividade não é imediata, é uma norma que abre um caminho a várias potencialidades, a várias possibilidades. Concordo com ele. Desde a sua transcrição no próprio Tratado até hoje, se calhar podíamos ter feito mais. É natural, mas não se pense que essa expressão do podíamos ter feito mais depende exclusivamente da nossa vontade. Quem negocia directamente em Bruxelas percebe a dificuldade de pôr em prática o artigo 299º, nº 2. Eu cito um exemplo: o único programa comunitário que é especificamente das Regiões Ultraperiféricas é o POSEIMA.

**Presidente:** Sr. Secretário, já terminou o seu tempo.

**O Orador:** Já termino, Sr. Presidente.

A base jurídica da negociação do POSEIMA não é o artigo 299º, nº 2, o que é, digamos, por si só a configuração do que é que a Europa entende sobre esse artigo. Compete-nos a nós continuar esse trabalho para concretização desse artigo e assim faremos no futuro.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Obrigado, Sr. Secretário Regional.

Estão inscritos 3 Srs. Deputados.

Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Luís Paulo Alves.

**Deputado Luís Paulo Alves (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Para contextualizar este debate sobre Agricultura nos Açores e sobretudo referenciando a sua oportunidade por estar em discussão neste momento uma proposta para a revisão intercalar da PAC é necessário tecer previamente algumas considerações.

Desde logo é necessário ter em conta o Alargamento da comunidade já previsto para 2004 a mais 10 países da Europa Central e Oriental. Este é um referencial que condiciona todos aqueles que pretendem ver corrigidas as fortes penalizações, altamente discricionárias, que a actual Política Agrícola Comum lhes impõe.

Condiciona-os não só na natureza das alterações como na importância decisiva de o fazer no quadro de uma Europa a 15 e nunca depois, numa Europa alargada a 25 Estados Membros.

Ninguém esperaria, se nos detivéssemos apenas no contexto da Política Agrícola Comum uma proposta da Comissão com alterações tão profundas como as que presentemente estão em discussão.

Não foram na nossa opinião, os desequilíbrios preocupantes por todos largamente reconhecidos, provocados por uma PAC há muito desadequada. Não foram as gritantes injustiças relativas dos seus apoios aos diversos Estados-Membros, aos seus produtores ou às suas culturas, que ditaram neste momento esta proposta, que volto a sublinhar, ninguém esperaria agora, ir tão longe. Se fosse apenas isso, estamos certos, que os Países que dela têm largamente beneficiado e que representam no seio da União um peso decisivo teriam como até aqui evitado que o debate se colocasse neste plano, determinando, no essencial, que tudo ficasse na mesma.

Assim teria sido se o Alargamento não colocasse questões incontornáveis como as do financiamento de uma PAC que agora absorve cerca de 48% do Orçamento comunitário e que a manter-se implicaria significativas alterações no actual envelope financeiro que ninguém parece disposto a pagar. Ou questões relacionadas com a ingeribilidade nos actuais moldes, resultante da absorção de mais 74% do volume actual de explorações, ou da duplicação da população activa na comunidade alargada.

São razões como estas que terão certamente provocado o desequilíbrio final numa PAC que se tornou insustentável manter de pé e que marcou de forma indelével o conjunto de propostas apresentadas pela Comissão, para uma revisão que inevitavelmente tinha que acontecer num futuro não muito distante, mas que, se tornou oportuna vir a realizar agora.

Reconhecendo-se este contexto, sabendo-se que no quadro da Organização Mundial do Comércio, o conceito da multifuncionalidade é a base de toda a estratégia de negociação Comunitária (única via de manter consistentemente níveis de subsidiação aos agricultores Europeus) e tendo como aceite por todos, os efeitos nefastos da

actual PAC sobre a segurança alimentar, sobre o ambiente, sobre a desertificação do Mundo Rural, então todos podemos compreender globalmente os principais eixos da Proposta da Comissão:

- Desligamento
- Ecocondicionalidade
- Modulação e tecto de subvenção
- Renacionalização
- Referências históricas
- Reforço do 2º Pilar

Outro elemento que nos parece central e que na nossa opinião não deve deixar de ser tido em conta é o processo de Negociação. Decorre claramente deste que para quem pretende ver desde já alterado a manutenção do actual estado de coisas deverá mover-se com referência no quadro proposto pela Comissão introduzindo propostas que defendam os interesses específicos mas que no essencial não desvirtuem globalmente. Doutra forma todos sabemos que tudo ficará, no essencial, adiado.

Há neste quadro um duplo interesse dos Açores nas matérias agora em discussão. Primeiro no que de bom ou de mau advier para o conjunto do País através das medidas que são comuns a todas as suas parcelas do território. Depois, nas medidas específicas dos Açores.

Não pretendemos, nem isso seria possível no espaço desta intervenção escarpelizar toda a complexidade de aspectos envolvidos nas matérias em discussão. Todavia expressaremos as nossas opiniões sobre alguns daqueles que têm mais claramente indicado os diferentes posicionamentos sobre o sentido das Reformas.

Na mesma linha, aqui também não abordaremos o modelo agrícola subjacente às posições tomadas pelo Governo Nacional face às propostas da Comissão e que em nosso entender assenta em opções referentes a determinada realidade Nacional que pretende servir, mas que entendemos claramente desadequadas para a diferenciada realidade açoriana.

Nesse sentido, se algumas das preocupações que decorrem da Proposta Nacional se enquadram nas nossas, como é o caso da discriminação negativa que o País tem sido alvo por parte da actual PAC, quer ao nível dos apoios aos agricultores ou às

diferentes culturas, quer ao nível dos limites da produção, ou no caso da renacionalização e até mesmo das referências históricas, outros há, que consubstanciando a Proposta da Comissão nos parecem servir melhor os interesses dos Açores, introduzidas algumas ressalvas.

Assim entendemos ser o caso do desligamento dos apoios à produção, passando-o para a exploração, ressalvando-se claramente, o que de outra forma não se entenderia, a exigência da produção. Pelo peso e importância, da ruralidade nos Açores, pela necessidade de a manter ordenada, pela possibilidade de escolhas economicamente racionais e adequadas a cada caso específico e à realidade geográfica em que se insere, assim o entendemos.

Assim o entendemos também quanto à modulação e aos tectos de ajudas com a ressalva de que o POSEIMA se mantenha, como ajuda específica, fora do cálculo das ajudas e introduzindo na forma de cálculo factores sócio-económicos, como por exemplo a população activa no sector, o peso do sector na economia, o seu grau de desenvolvimento, ou o seu grau de centralidade.

Consideramos este ponto importante como meio de combater o incentivo à produção de largos excedentes na Comunidade que afectam os mercados onde nós também pretendemos estar, consomem recursos, subsidiam quem não necessita e têm custos ambientais por todos suportados. Acresce ainda que as verbas eventualmente obtidas com estas regras reforçam o 2º Pilar que no caso dos Açores por questões ambientais, de necessidade de ordenamento territorial e de expressão social da ruralidade, são importantes consolidar.

É nosso entendimento que acautelada com as adequadas e necessárias particularidades que devemos defender, a viabilização da Proposta da Comissão permitiria aos Açores um enquadramento geral na Política Agrícola Comum mais favorável facilitando e potenciando a sua adaptação posterior no quadro das ultraperiferias.

Permitiria também, o que na nossa opinião é da máxima importância, assegurar desde já e antes do Alargamento, consolidar uma posição bem mais favorável, que de outra forma pensamos de resultado e timing bem mais incertos, com todos os prejuízos que daí podem decorrer.

O Governo da República escolheu outro caminho. Tememos que tenha contribuído apenas para o bloqueio das reformas e para a manutenção de uma Política Agrícola Comum que pretende ver alterada pela forma como tem maltratado o nosso País.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Não exagere, Sr. Deputado!

**O Orador:** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

No plano das medidas específicas os Açores devem materializar no quadro das mudanças que se perspectivam na Política Agrícola Comum a protecção das produções tradicionais num quadro de crescimento e desenvolvimento da Região onde para isso os limites devem ser os que decorrem da sustentabilidade ambiental e da natural adequabilidade do equilíbrio das fileiras face aos mercados.

Por último e para generalizar um pouco mais a nossa contribuição neste debate gostaríamos de aqui deixar algumas notas.

1ª Nota – Desde a adesão à CEE registou-se nos Açores uma melhoria estrutural significativa com claros efeitos nas condições de produção e de eficácia económica das explorações e no seu contributo para o desenvolvimento regional. São exemplos a comparação das estruturas fundiárias na última década onde se pode observar que se reduziram significativamente, o número, a área e o peso de todos os escalões de SAU inferiores a 20 hectares, verificando-se no lado oposto também uma diminuição do número, mas um aumento considerável da área e do peso das explorações com mais de 20 hectares.

É necessário continuar a melhorar a estrutura fundiária num quadro adequadamente harmonizado com o desenvolvimento social, económico e ambiental, havendo espaço nesta área para acentuar a sua melhoria. Refira-se a este propósito que cerca de 50% da área agrícola utilizável corresponde à forma de arrendamento.

2ª Nota – Os agricultores açorianos nos últimos anos desenvolveram um significativo esforço de adaptação estrutural, aumentando a sua eficácia produtiva conseguindo no caso da produção de leite também com aumentos significativos nas suas produções, equilibrar a perda de valor acrescentado das suas explorações, decorrentes da redução dos preços reais do leite e do aumento dos consumos intermédios. Este quadro não poderá manter-se nas actuais condições de restrições à

produção, podendo mesmo uma boa parte da registável evolução favorável nas melhores explorações ser mais seriamente abalada. Pensamos que no âmbito da análise já efectuada nesta intervenção se possam encontrar respostas para parte deste problema.

3ª Nota – O sector de transformação de leite e lacticínios tem acompanhado e dado resposta ao desafio provocado pelos elevados aumentos da produção leiteira (cerca de 40% nos últimos 8 anos e 75% desde 1990) a par dos desafios que a ele próprio se colocaram da modernização das suas estruturas.

Em nossa opinião é fundamental que tal rede transformadora modernizada e racionalizada se complete nas fileiras das ilhas que ainda não o fizeram sob pena dessas fileiras virem a ficar comprometidas.

Uma 4ª e última nota vai para o desafio que se coloca a toda a fileira do leite como principal actividade do sector agrícola. Antes de mais importa que se reforce o seu espírito de fileira. Depois é absolutamente necessário melhorar o nível de mais valias em toda a cadeia de valor dos diversos intervenientes.

Nas explorações esses aumentos passam pela melhoria da qualidade do leite (mais qualidade = mais rendimento), pela formação dos lavradores como incremento aos seus desempenhos nas mais variadas vertentes da sua actividade.

No sector transformador esse desafio passa por novas etapas de desenvolvimento. Desde logo ao nível dos produtos, mas também ao nível dos processos – desde a recolha à comercialização, passando pela produção e pela gestão – ao nível das parcerias empresariais, do reforço dos sistemas de qualidade e de formação, tendo como objectivo atingir outro estágio de desenvolvimento e de posicionamento mais elevado para os lacticínios dos Açores.

Algumas destas soluções estão ao alcance dos agentes do sector e dependem do seu nível de iniciativa. Fica também aqui um desafio para eles.

Outras haverá que requerem o envolvimento do Governo. Essas constituirão a sua parte neste desafio.

Disse!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*



**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Luís Medeiros.

**Deputado Luís Medeiros (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo Regional, Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas:

Quando se pensa na agricultura açoriana não se pode fazê-lo sem se encararem, desde logo, as suas especificidades e o meio físico onde se desenvolve.

Um território fragmentado em nove ilhas de dimensões diversas, umas maiores do que as outras mas todas muito pequenas, com uma orografia muito acidentada, acessos difíceis, tudo sujeito a um clima que está longe de ser calmo e ameno.

Por isso, as mudanças no sector agrícola são aqui mais difíceis, as inflexões de sentido requerem mais tempo, as alterações nas políticas que o suportam necessitam maior ponderação.

A superfície útil do arquipélago totaliza 2.391,9 Km<sup>2</sup>, que equivalem a 239.190 ha, dos quais, 140.553 ha são superfície agrícola. Assim, a actividade do sector primário constituirá sempre, apesar de tudo, o principal meio de ocupação do território e de fixação das populações no nosso pequeno mundo rural. São razões bastantes para que a actividade agrícola não possa ser encarada com a ligeireza com que muitos actualmente o fazem.

Da superfície agrícola do arquipélago, 84.8%, ou seja 120.000 ha, são ocupados pela pastagem permanente e pelas culturas forrageiras. Por esta razão, considerada a quase impossibilidade de se encontrarem alternativas viáveis, a produção pecuária, leia-se bovinicultura, deverá continuar a representar a grande fatia do produto agrícola regional.

Julgo, pois, que se enganam aqueles que vaticinam para breve o fim do “ciclo da vaca”, apostando na certeza de uma nova era na economia dos Açores, na qual a agricultura, relegada para um plano secundário, perderá a sua importância.

Há que ter presente também que da correcta utilização da terra, da adequada estruturação fundiária e da racionalidade do ordenamento territorial, resultará a qualidade do ambiente e da paisagem rural que poderemos ter.

Estes são aspectos de primordial importância, não apenas na qualidade de vida dos residentes, mas também no suporte que constituem para o desenvolvimento do turismo. Pretendo assim chamar a atenção para a complementaridade das diversas actividades e para o papel fundamental que a actividade agrícola continuará a desempenhar, o qual nunca poderá ser descurado se se pretender uma ocupação harmoniosa do território e um adequado equilíbrio ambiental e paisagístico.

Mas, é errado pensar que a actividade agrícola deverá existir apenas em função da qualidade ambiental e paisagística e do contributo que poderá dar ao desenvolvimento turístico.

Não! Ela tem de ser atractiva, auto-sustentada e, cada vez mais, garantir a realização pessoal e a retribuição equitativa daqueles que a ela se dedicam, evitando-se a todo o custo a situação frustrante do “produzir para deitar fora” ou de “receber para não produzir”.

Só assim se poderá combater o abandono e a desertificação do espaço rural.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo Regional:

São muitos e bem conhecidos (alguns já foram aqui referidos) os constrangimentos com que se confronta o sector agrícola regional. Resultam da pequena dimensão das produções, da insularidade, do afastamento dos mercados, das dificuldades que representam os crónicos atrasos estruturais a montante, das limitações impostas à produção por disciplinas que nada têm a ver com a nossa realidade, dos problemas da nossa integração em mercados de enorme dimensão onde a concorrência é feroz; finalmente, são também fruto da também já crónica dificuldade de diversificação e da falta de organização da produção, esta limitativa de uma presença no mercado com volume e regularidade.

Para que os efeitos destes constrangimentos sejam atenuados ou ultrapassados, são necessárias estratégias adequadas, fundamentadas, claras, compreendidas e aceites por todos os intervenientes.

Ao que parece, o Governo Regional tem-se limitado a uma gestão do dia a dia e não evidencia grandes preocupações nem com a fixação de metas sectoriais de médio e

longo prazo, por um lado, nem, por outro, com a estruturação de políticas consentâneas com o rumo a seguir.

É a “navegação à vista” da qual é paradigmático o afirmar-se há algum tempo atrás “ser um imperativo não reduzir a produção de leite, para não comprometer a negociação do aumento da quota em Bruxelas”, para, passados poucos meses, vir-se alertar para a necessidade de se conter a produção para evitar a ultrapassagem da quota estabelecida.

Há pois todo um conjunto de questões que seria bom ver esclarecidas:

Desde logo, qual o peso que deverá ter a agricultura no modelo económico que se pretende para a Região?

Quais os objectivos de médio e longo prazo que tem este governo para a agricultura regional, designadamente para os sectores da carne e do leite, seus principais suportes?

As propostas para a reforma intercalar da PAC, actualmente em curso, manifestam claramente uma tendência para privilegiar a extensificação das produções e os agora chamados “ecocondicionalismos” (alimentos seguros, protecção do ambiente, saúde e bem-estar animal, etc..).

Até que ponto poderão estar assim comprometidos os sistemas intensivos de produção que se desenvolveram em algumas ilhas dos Açores?

Que efeitos terá a extensificação que agora se preconiza no volume das produções e na viabilização dos sectores da transformação e da comercialização?

Nesta perspectiva, qual deverá ser o objectivo a defender para os Açores?

Todas estas questões constituem matéria que deverá ser objecto de consenso regional alargado e este só poderá ser obtido se o Governo as debater abertamente com todos os parceiros envolvidos e com os Partidos com assento parlamentar.

Pensa o Governo dar algum desenvolvimento a este assunto?

No que diz respeito à carne, já aqui o disse e repito: os Açores, por enquanto, não são produtores de carne!

Continuamos a ser exportadores de gado vivo e continuamos também sem nos apetrecharmos com o “know-how” necessário, quer na produção, quer na transformação e no comércio, para nos reconvertermos em exportadores de carne.

Diga-se de passagem que a expedição de gado vivo, nos moldes em que se processa, está totalmente e a breve trecho condenada pelas regras do bem-estar animal; não poderá pois continuar tal como está e terá de ser totalmente repensada e isso trará com certeza um agravamento substancial dos seus custos, conseqüentemente perda de competitividade.

A experimentação que vinha sendo desenvolvida com vista ao estudo do melhor tipo de bovino destinado a abate, bem como dos sistemas de cria e de alimentação mais eficientes, foi abandonada. Há seis anos parámos no tempo e, a este respeito, nada mais se desenvolveu.

Não se tem estimulado também a organização da produção nem se acompanha a evolução dos mercados, onde se inclui também a busca de canais de escoamento para os nossos excedentes em vacas de refugio do circuito leiteiro.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** É lamentável!

**O Orador:** Nesta matéria e pelo que vem a público, aparecem como únicas preocupações do Governo a implementação da indicação geográfica “Carne dos Açores” e a melhoria das estruturas de abate. São aspectos muito importantes, sem dúvida, mas, em nosso entender, insuficientes para que os Açores possam aproveitar o seu potencial de produção de carne e usufruir de todas as mais valias que ele representa.

Por isso, pergunto: pensa o Governo implementar outras medidas com vista a estimular a referida reconversão da expedição de gado vivo para expedição de carne? Quais e quando?

Como será incentivada e apoiada a organização da produção e da comercialização? No sector leiteiro, a principal questão põe-se actualmente nos aumentos da produção que se verificam, nas quotas e na sua gestão, que continuam a ser as preocupações imediatas dos produtores.

Aqui, mais uma vez, não podemos deixar de referir que a situação que se vive resulta exclusivamente da falta de visão e de um incompreensível erro de avaliação dos governos socialistas da Região e da República.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Não se pode esquecer que o Ministro Capoulas dos Santos sempre tranquilizou os açorianos em matéria de quota leiteira e que, depois, nada foi feito a tempo e horas. Enquanto outros o fizeram com sucesso, não se sensibilizou Bruxelas para a necessidade do aumento da Quantidade Global Garantida portuguesa, aquando da negociação da Agenda 2000.

Depois de um ligeiro decréscimo na campanha de 2001/2002, as entregas de leite estão novamente a subir. A ameaça latente do pagamento de multas volta a surgir. Os temores são agravados pela carta enviada pelo INGA a todos os produtores de leite e estes, apreensivos, interrogam-se sobre o que lhes irá acontecer.

Por outro lado, e talvez noutra perspectiva, a indústria transformadora, apesar das limitações que a quota nos impõe, realiza um investimento notável na sua reestruturação e modernização. Este, com certeza e naturalmente, exigirá um maior volume de matéria prima. Mais uma vez há que por uma interrogação sobre se a quota de que dispomos será suficiente para garantir a viabilização destes empreendimentos.

Em Março e Outubro de 2001 e Junho de 2002, solicitei ao Governo Regional, através de três requerimentos apresentados a esta Assembleia, um conjunto de esclarecimentos relativos a esta matéria, designadamente: qual o somatório das quantidades de referência distribuídas nos Açores; quais os volumes de entregas e de vendas directas verificados; qual o valor percentual que representam as 73.000 t do autoconsumo e quando será comunicado individualmente aos produtores; com que critério será feita a redistribuição da parte não utilizada das 73.000 t; finalmente, perguntava o número de candidaturas aos fundos comunitários a aguardar a atribuição de quota para obterem financiamento.

Até hoje o Governo Regional não se dignou a dar qualquer resposta às questões que formulei nem tão pouco informou os compradores e produtores dos critérios a seguir na utilização das 73.000 t do autoconsumo!

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Por isso, mantenho as perguntas.

O Governo, sem nada escrever sobre a matéria, continua a afirmar que a nova referência para a quota leiteira é a produção de 99/2000, mas a verdade é que a única referência oficial são as quotas anteriormente estabelecidas.

Esta posição do Governo Regional não é clara nem parece encontrar suporte em qualquer disposição legal; no terreno cria confusão nos produtores, muitos a gerir a sua vida tendo por segura a nova quota; poderão ocorrer surpresas desagradáveis. Daí parecer-me essencial que o Governo, de uma vez por todas, esclareça estas questões.

Finalmente, algumas questões resultantes da integração europeia a merecerem atenção.

A proposta de revisão intercalar da PAC obriga a uma nova abordagem da nossa problemática agrícola.

O POSEIMA atribui montantes complementares a diversos prémios instituídos no âmbito da Organização Comum do Mercado da Carne de Bovino. O Governo Regional deixou cair o complemento ao prémio especial à engorda de bovinos machos, responsável por um apporto financeiro anual médio da ordem dos 270.000 contos, mas mantêm-se ainda os complementos do prémio à manutenção das vacas aleitantes e do prémio ao abate.

Se forem extintos estes prémios, como está previsto na revisão intercalar da PAC, que acontecerá aos complementos do POSEIMA, estabelecidos para fazer face aos custos acrescidos com a nossa insularidade e afastamento? Será que vamos perder esses benefícios, destinados a atenuar a nossa desvantagem em relação aos nossos parceiros continentais?

Ainda na perspectiva criada pela proposta de revisão intercalar da PAC, que nos é desfavorável em muitos outros aspectos (e não vou agora referir aqui), as soluções para muitas das questões que se têm vindo a levantar só poderão encontrar acolhimento no desenvolvimento que se conseguir dar ao nº 2 do artº 299º do Tratado. É o caso, por exemplo da manutenção, readaptação e reforço das ajudas à produção instituídas no âmbito do POSEIMA, ou até mesmo (porque não?) da autonomização de uma sub-reserva regional para a quota leiteira, o que seria a todos os títulos vantajoso.

Que posições tem o Governo Regional defendido junto das instâncias nacionais e comunitárias relativamente a esta matéria?

Qualquer medida a adoptar pelo Conselho terá que partir de propostas originárias dos Açores.

Que posições já assumiu ou pensa vir a assumir relativamente à revisão intercalar da PAC?

Em suma, quais as estratégias para enfrentar as alterações que se perspectivam?

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo Regional:

As questões que aqui levantei estão longe de esgotar o tema desta interpelação.

Contudo, poderão ser incluídas naquelas que, na presente conjuntura, são das mais prementes. Daí julgar importante o seu esclarecimento.

São as respostas a estas questões que os agricultores dos Açores aguardam.

Disse.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD e do PP)*

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Gusmão.

**Deputado Paulo Gusmão (PP):** Sr. Presidente da Assembleia Legislativa Regional dos Açores, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Secretário Regional da Agricultura:

Analizamos sob a forma de interpelação a mais antiga e mais actual actividade económica dos Açores: a agricultura.

É a área económica açoriana que mais pessoas abrange, quer naqueles que nela trabalham, quer nas tantas e tantas famílias que dela vivem. É sem sombra de dúvida a fonte de rendimento com maior justiça social, onde o equilíbrio entre quem trabalha e a distribuição de receitas é maior.

Infelizmente, nos últimos anos, nunca como hoje, esteve a agricultura açoriana tão abandonada do espírito de confiança, de certeza e até mesmo de esperança no futuro.

Desde o comércio aos serviços, até ao turismo, toda a nossa economia e equilíbrio sociais estão, e bem, interligados com a agricultura.

Aliás, ocupando a agricultura 75% da área das nossas ilhas, é a agricultura um factor decisivo, sem o qual não há condições para o turismo.

Não é fácil imaginar que algum dia a beleza das nossas ilhas seja a mesma se o abandono dos campos e das terras se tornar uma realidade.

É certamente por esta razão que já em alguns países da Europa, os agricultores participam nas receitas do turismo, pelo importante papel que desempenham nesta matéria.

Hoje a estagnação e a incerteza a médio prazo são o cenário no qual se movimentam a medo os agricultores.

Na produção leiteira não há novas perspectivas desde o aumento transitório da quota em 73000 toneladas.

E no resto é o que sabemos: regressão na produção da carne; concentração dos agentes que comercializam os produtos lácteos; falta de coragem política e reais incentivos para a diversificação agrícola; precariedade nos acessos aos terrenos agrícolas; falta de electrificação; reduzido abastecimento de água; a actual política de transportes; a não assunção das actuais exigências ambientais; e uma legislação de arrendamento da terra desenquadrada e desadequada.

A concentração do esforço agrícola na produção leiteira, embora criticada, tem certamente razões para acontecer.

Desde logo, foi este o sector que mais se reestruturou, desde a produção, ao processamento e até à comercialização. Mesmo com a rentabilidade por unidade de leite produzida estar a diminuir, o acréscimo de produtividade permitiu numa primeira fase aumentar o rendimento das explorações.

Não menos importante será a aptidão nata do nosso agricultor para a agro-pecuária e até da erva às nossas condições de clima e solos.

Conhecida que é a desvalorização da carne, cujo circuito comercial não teve a remodelação que se impunha, assim como os problemas de sanidade animal que suscitaram fortes dúvidas sobre a qualidade, outro caminho não restou que não a produção leiteira.



Mesmo assim, nem com a falta de habilidade com que o governo conduziu todo o processo da carne, na alternativa do leite continuamos no mesmo caminho.

Mesmo com a responsabilidade deste governo de não ter acautelado atempadamente o fim da importação indiscriminada quando tantos e tantos, há tanto tempo o alertavam para isso; mesmo com a responsabilidade deste governo de não ter agido de forma eficaz quando o problema se levantou, tendo anunciado um exagero de medidas em que depois deu o dito por não dito; mesmo com a responsabilidade desde governo de ter dito aos lavradores de forma directa que era preciso não baixar a produção leiteira para haver condições actuais para negociar a quota em Bruxelas; mesmo com a responsabilidade deste governo em saber que há milhares de homens nos Açores que esperam um sinal de esperança; mesmo assim falar em nada ou pouco já é mais do que aquilo que foi conseguido.

Infelizmente a estagnação que se vive no sector começa a dar passos para passar à fase seguinte: a recessão. Enfim, será certamente por estas e por outras que o PS se orgulha de estar “a mudar os Açores”.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**O Orador:** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

É tempo de agir e encontrar novas soluções:

Desde logo, **a diversificação do produto acabado**. Passar da quase exclusividade da produção de leite em pó e queijo flamengo para produtos alternativos, quer nos queijos, quer na introdução de novas apresentações que possam fazer a diferença da nossa produção. Conciliar a imaginação e a criatividade com aquilo que é tipicamente açoriano.

**Diminuir os custos de produção**. Certamente que ainda não atingimos o limiar da técnica. Aproveitar as resmas de técnicos que há nesta Região para desenvolver experiências de cariz prático e de qualidade.

**Assumir uma política agrícola de longo prazo nos Açores**. Agir na Europa para saber de facto qual o futuro. A adaptação aos novos desafios por vezes demora anos, como por exemplo a renovação do efectivo animal, e seria tempo de fazermos um esforço de passarmos de meros seguidores de políticas alheias a proponentes das nossas próprias perspectivas de futuro.

**Diversificar a agricultura.** Mesmo na agro-pecuária terminar a rede de abate de **carne** homologada, para que seja mais fácil a colocação dos nossos produtos fora da Região.

**Produtos hortícolas, frutícolas e florícolas:** temos duzentos anos de experiência nesta área, como foi exemplo a laranja ou o ananás e como vem sendo o próprio vinho. Hoje a própria floricultura é certamente um caminho alternativo, como o mostram as esterlícias ou os antúrios, podendo mesmo ser complementar dos rendimentos de uma determinada exploração.

**Outros produtos animais:** seja como forma de valorizar a nossa produção leiteira (ovelhas e cabras) seja como fonte de sistemas alternativos de lazer (cavalos e touros).

**Melhorar as redes de electricidade, de distribuição de água e até mesmo de transportes:** melhorar a rede eléctrica nas zonas rurais garante a melhoria da qualidade das explorações e da própria qualidade da produção leiteira; melhorar a distribuição de água é sairmos do primitivismo de em muitos dos nossos concelhos no Verão ainda existir muitas restrições que não se compadecem com uma região que se quer desenvolvida e que são geradoras de gastos a que a necessidade obriga, como seja o recurso a fontanários e tanques públicos; melhorar os transportes, no caso marítimos.

**Arrendamento Rural:** infelizmente ainda é o CDS/PP o único a ter coragem política para abertamente levantar esta questão, mas a verdade é que enquanto a demagogia de esquerda vai reinando, são os agricultores que muitas vezes ficam arredados de apoios europeus e são os grandes rendeiros os únicos beneficiados, esquecendo a maioria: os pequenos rendeiros e os donos da terra, legítimos proprietários daquilo que a lei os impede de usufruir. Não vale a pena tapar o sol com a peneira: é o mercado negro da terra que vai florescendo dia após dia, enquanto a esquerda se passeia feliz por ainda vigorar a última réstia da reforma agrícola.

Mesmo assim, e ao contrário do que às vezes se quer fazer crer, têm os nossos agricultores aderido facilmente às novas tecnologias, a novos sistemas de produção,

tendo-se renovado quase por completo o efectivo animal, tendo-se duplicado a produção leiteira e tendo a sua qualidade progredido de forma que merece a nossa admiração.

Mas como podem os agricultores ir mais além, ou pelo menos não voltar para trás, se em cada decisão que tomam, enquanto empresários, têm de conciliar a melhoria da sua qualidade de vida com a certeza de que não estão a arriscar a sua sobrevivência actual. Os homens que trabalham a terra bem sabem que para crescerem foi a pulso, com trabalho e dedicação, mas para se perder tudo o que se construiu é tudo muito mais fácil.

Mas mesmo com um governo que assiste impávido e sereno sempre que há mais um que vê a sua vida a regredir, contentando-se com os frutos da grande economia: um género – que importância terá haver mais uma família a viver mal se ainda este mês abriu mais um hotel na Região? – mesmo assim, não poderíamos deixar de aqui apresentar soluções que nos parecem poder ir ao encontro do que ainda resta: a capacidade de iniciativa individual dos próprios agricultores e da indústria.

Disse.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** *Muito bem!*

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas.

**Secretário Regional da Agricultura e Pescas (Ricardo Rodrigues):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Caros Colegas:

Na minha primeira intervenção tive oportunidade de dizer que considerava este debate importante, que os objectivos anunciados pelo Partido Comunista pareciam-me sérios (e são, até prova em contrário!) e que todos devíamos fazer um esforço no sentido de dar um contributo para o sector agrícola nos Açores.

Na segunda intervenção tenho que rever a posição de que essa boa fé inicial se começa a desvanecer logo nas segundas e primeiras intervenções.

Demagogia é fácil, Srs. Deputados!

Se querem que eu faça aqui um choradinho para a televisão ou para os órgãos de comunicação social, em que os lavradores (coitadinhos!) levantam-se às 5 da manhã e trabalham muito, eu também sei fazer esse papel.

Vamos às questões sérias.

Sr. Deputado Sequeira de Medeiros, “navegar à vista”?!

O que é que os senhores fizeram?

Repare, no Plano de Investimentos de 96, o vosso último Plano de Investimentos! Atribuíram 276 mil contos para fazer face ao saneamento financeiro das sucessivas insolvências que os senhores provocaram na Região. Isto é que é navegar à vista!

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Por isso é que estivemos 20 anos!

**O Orador:** Deixaram que os lavradores e que as explorações agrícolas se metessem para um fundo sem saída, por isso tiveram que pôr no Plano 223 mil contos para as insolvências que os senhores (e o senhor como alto responsável da agricultura) tinham. Foi navegar à vista durante 20 anos.

Nós sabemos para onde vamos.

Atitudes demagógicas, de que o problema da quota está resolvido pelo Governo da República, como disse o líder do seu partido ontem na comunicação social do Faial (“Victor Cruz garante que a República vai resolver o problema da quota de leite nos Açores, em visita à Associação Agrícola ...”), meus caros amigos, isto são assuntos sérios, não é para fazer demagogia, não é para brincarmos às escondidas.

Repito para alguém que não tenha ouvido com ouvidos de ouvir, que aquilo que disse relativamente ao abate, à diminuição da produção – afirmaram que eu disse “produzam mais ou não produzam” – foi o seguinte:

Estávamos a abater nessa altura nos Açores milhares de cabeças de gado. Foram muitos milhares. As reuniões com os dirigentes associativos iam todas no sentido de abater mais dezenas de milhares de vacas.

A conjuntura não permitia que tal acontecesse, quer porque não tínhamos forma legal de ter um tratamento adequado para esses milhares de cabeças de gado que foram abatidas, quer porque era um problema efectivo na diminuição da produção, quando se negociava em Bruxelas a integração das 73 mil toneladas.

Em Bruxelas, aquilo que nos perguntaram foi por que é que vem pedir 73 mil toneladas de intervenção da quota, quando a vossa produção está a baixar?

O que é que um governante diz? A minha produção está a baixar mas eu quero mais quota.

Meus caros amigos, temos que ter um discurso interno, coerente e consciente.

De facto, este discurso interno foi um aviso à navegação. Não queiram abater mais dezenas de milhares de vacas, não é comportável para esse sector.

Abater aquilo que se abateu em poucos meses, não era comportável para manter o sector sustentável.

A tantas dezenas de milhares de vacas abatidas, correspondia tantas dezenas de milhares de novilhas entradas nas mesmas explorações, cujo resultado era o aumento da produção exponencial que já se percebia. Ou seja, eu abato 20 mil cabeças de gado, de vacas velhas, e estou a introduzir no espaço de um a dois anos, novas cabeças de gado iguais, a produzirem muito mais do que aquelas que abati.

Uma coisa é abater gado velho outra coisa é introduzir na exploração leiteira gado novo e novilhas com uma capacidade de produção muito mais elevada.

Meus amigos, os sinais foram dados na altura certa com a consciência do dever cumprido e de estar a orientar convenientemente o sector.

Depois era aquilo que se esperava. Se se introduziu as novilhas a produção cresce. Depois tive que anunciar essas cautelas devidamente.

As perguntas que o Sr. Deputado Sequeira de Medeiros fez e com razão – eu já respondi a esses requerimentos do Sr. Deputado sobre a quota, da quantidade, etc., se calhar estão no correio – eu já tive oportunidade de responder aqui verbalmente e a si directamente.

Respondi esclarecendo, independentemente da resposta escrita. Tive oportunidade de responder aqui a todas as perguntas e hoje até faço a entrega de todas as cópias, de todos os documentos que o Sr. Deputado quiser. Não me custa nada. A administração regional é transparente, Sr. Deputado, e não tenho nada a rezear relativamente a nenhum partido da oposição, porque aquilo que fazemos é com transparência e sempre no desejo de melhor servir quem governamos nesta conjuntura.

Se o senhor quiser eu posso facultar-lhe cópia de todos os documentos que tenho aqui.

Quanto ao complemento dos bovinos machos, eu também já expliquei isso, Sr. Deputado Sequeira Medeiros, mas volto a explicar.

O que havia no seu tempo, Sr. Deputado, era complemento aos bovinos machos. Não havia o número efectivo da Região.

Se o país apresentasse uma candidatura de bovinos machos de 100 mil animais e o número nacional correspondesse a 80, tinha que haver um rateio para todas as candidaturas de cada animal. O Sr. Deputado sabe muito bem que esse rateio conduzia a uma diminuição do prémio que os agricultores recebiam.

A quantidade de animais efectivos era mais ou menos de 30 mil animais. Nós garantimos uma quota para os Açores de 40 mil animais que não estão submetidos a nenhum rateio nacional e essa foi uma vitória para os Açores, porque trouxe mais rendimento aos agricultores.

Eu já tive oportunidade de fazer essas contas, pessoalmente, ao Sr. Deputado e o senhor continua a insistir que nós tivemos uma derrota. Nós tivemos uma vitória, Sr. Deputado.

No seu tempo havia rateios. No nosso tempo nós pagamos o prémio integral aos agricultores. Essa é a diferença.

Quanto à reforma da PAC, eu gostaria de ouvir as opiniões dos partidos da oposição. Eu gostaria de saber, concretamente no que se refere ao PSD, neste momento, em que lado é que está. Está do lado do Governo da República? Ou está do lado dos agricultores açorianos?

Nesta matéria, ultimamente não temos percebido de que lado é que está, ou melhor, temos percebido, o PSD dos Açores está sempre do lado do Governo da República. Espero que nesta situação concreta esteja do lado dos agricultores açorianos, porque a diferença é abismal. O Sr. Deputado Luís Paulo Alves já teve oportunidade de tecer algumas considerações da errada política do Governo da República relativamente à reforma da PAC.

Esperemos que hoje tenhamos oportunidade de concretizar aqui com maior eficácia, oposição, por oposição, a situação do Governo da República em mudar e rever a Política Agrícola Comum, porque é inevitavelmente um erro para o país juntar-se à França, que é o país que maior número de apoios recebe da Comunidade Europeia – para estar contra a revisão da Política Agrícola Comum. Mesmo para quem nada percebe de agricultura, pelo menos suspeita.

Então o país que menos recebe apoios da Comunidade Europeia vai juntar-se à França que é o país que recebe mais apoios da Comunidade para estar contra a divisão da Política Comum? Há aí qualquer coisa que nós desconfiamos.

Mesmo não percebendo nada de agricultura devo dizer que, mais que não fosse por uma questão de estratégia, o país que recebe menos apoios da agricultura (1,8% do Orçamento da União Europeia) não se pode juntar ao país que recebe mais apoios.

Vamos ver o que é que vai dar a estratégia do Governo da República quanto à divisão da Política Comum, mas os sinais são péssimos.

O Deputado Luís Paulo Alves já disse e eu repito: nós temos que alterar alguns critérios e não podemos continuar a ficar na ajuda directa à produção. Percebe-se imediatamente. Se esse for o critério essencial do apoio ao rendimento, nós estamos sempre em desvantagem relativamente aos países desenvolvidos. Há aqueles que podem produzir mais do que nós. Há aqueles que têm mais facilidade e mais técnica para produzir em quantidade.

Quando for essa a Política Agrícola, nós estamos no comboio errado, nós não podemos ir por aí.

Ouçó alguns agricultores e alguns responsáveis políticos falarem da Política Agrícola Comum, como se o desligamento da produção significasse a não produção. Não é disso que estamos a falar.

De resto, convenhamos que tenhamos algumas certezas em matéria de revisão da Política Agrícola Comum. A certeza é de que esta matéria foi anunciada – e tive o prazer de ter o Sr. Deputado ao meu lado – no Parlamento Europeu quando o Comissário Fischler fez a apresentação da comunicação da revisão.

Como sabe não há uma proposta concreta consubstanciada numa proposta de regulamento de alteração das medidas da revisão. Isso pode implicar algumas complicações na percepção do que é a proposta.

Assustar os agricultores e dizer-lhe que não é por aí que vamos? Não. Primeiro devemos reflectir, saber o que é que estamos dizendo para chegarmos a conclusões.

Naturalmente que terei oportunidade, relativamente ao Sr. Deputado Sequeira de Medeiros de continuar este interessante diálogo.

Relativamente ao Sr. Deputado Paulo Gusmão, gostaria de lhe dizer que V. Exa. é o cúmulo da demagogia! - eu não posso ter outra expressão para si.

Desculpar-me-á, até porque somos amigos, a minha expressão, mas em política é assim, V. Exa. está de um lado e eu estou do outro e tenho que lhe dizer: é uma demagogia barata, infundada e com falsos argumentos! Dizer que há regressão na produção da carne dos Açores, é não ter a mínima noção da estatística dos Açores deste ano.

Nós estamos a progredir na fileira da carne. Nós exportámos mais 25% de animais do que o ano passado. O preço subiu 26% e o senhor veio dizer aqui que na fileira da carne estávamos a regredir? Não, o senhor está enganado. Nós não estamos a regredir.

Depois fez algumas considerações – eu até achei piada – no sentido de dizer que importou-se de mais, deve-se respeitar a sanidade, a qual não foi tida em conta. Essa é uma opinião que eu respeito, embora compreenda quem importou, por outras razões.

Agora vem-me dizer que as alternativas são outros animais. Que outros animais? Os importados? V. Exa. quer que importamos animais? É isso que quer para as alternativas no mercado dos animais? Não percebo. V. Exa. decida o que é que pretende.

Se pretende ter importação de animais e não termos problemas sanitários, chamo-lhe a atenção que quando se importa está-se de boa fé. O problema é o futuro, é quando os problemas sanitários surgirem depois da importação. Essa é uma área muito arriscada.

Depois refere as alternativas, que temos imensas alternativas, como por exemplo, a floricultura. Mas a floricultura é um caminho alternativo a quê? À fileira do leite?

Não sei de que agricultura é que está a falar.

A floricultura é um sector verdadeiramente importante na diversificação. Não é uma alternativa a nada. É uma produção interessante que pode obter rendimentos e ganhos, mas não é alternativa.

Tal como estamos todos de acordo, nós temos uma grande área de produção, a leiteira. Essa é a produção principal da nossa actividade do sector primário da



agricultura. Não se fala em alternativas ao sector leiteiro, porque neste momento e nesta conjuntura não há nenhuma alternativa que garanta rendimentos ao mesmo nível que ao sector leiteiro.

Temos que tratar do sector leiteiro e para este temos constrangimentos e nós estamos de acordo com eles. Temos que lutar para ultrapassar esses constrangimentos.

Eu tenho boas notícias da reunião do Sr. Presidente do Governo, na intervenção dos Presidentes das Regiões Ultraperiféricas, no sentido de darmos força a esse conceito da ultraperiferia e de conseguirmos que as produções tradicionais e as especiais de cada uma das regiões ultraperiféricas possam ter um tratamento diferenciado pela positiva, ou seja, possam encaminhar-se no sentido em que nós, açorianos, devemos propor. É uma boa expectativa mas não chega.

A quota é uma limitação para a qual temos que arranjar alternativas. O Governo Regional propôs – essa não era a solução, mas um apoio – um resgate, embora por razões ambientais para as zonas vulneráveis, mas estamos convencidos que pode ser um apoio aos agricultores, porque ao comprarmos quota, estamos a diminuir no mercado a introdução dessa quota. Esse é o apoio que o Governo Regional pode dar nessa área e no curto prazo.

Todos temos que ter um diálogo de responsabilidade e expressões como essa, de que “Victor Cruz garante que o problema da quota está resolvido nos Açores”, desgostam e muito o Governo. Isso é o facilitismo, é levar os agricultores a continuar a produzir e não vislumbrar um palmo à frente dos olhos de que as multas podem eventualmente ser a próxima estação.

Temos que ter respeito pelos agricultores. Temos que compreendê-los e ajudá-los.

Há uma proposta que irei transmitir ao longo deste debate aos Srs. Deputados daquilo que é a posição do Governo Regional relativamente a essa matéria.

A semana passada realizei o Conselho Regional da Agricultura e tive oportunidade de consensualizar com todos os parceiros, incluindo os industriais. Aqui temos uma ligeira diferença, por aquilo que eu percebi do anúncio público é que o Partido Comunista defende a liberalização da quota nos Açores.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Não!

**O Orador:** Não? Então é erro da comunicação social. Talvez estamos de acordo nessa matéria.

Aquilo que nos preocupa é que nós temos que ter um crescimento sustentado e temos que encontrar essa solução para os Açores.

A última carta que escrevi ao Sr. Ministro da Agricultura foi mais ou menos nesse sentido. Nós, nos Açores, temos o autoconsumo. O autoconsumo é um conceito que não deve ser estático. A procura dos produtos lácteos aumenta anualmente, ou seja, o conceito de autoconsumo deve ser um conceito dinâmico, porque aumenta-se a procura dos produtos lácteos, logo não podemos ficar arreigados às 73 mil toneladas. Eventualmente é possível, pelas regiões ultraperiféricas, actualizar esse conceito de autoconsumo. Pedimos ao Sr. Ministro da Agricultura, através de carta, e enviámos também ao Sr. Secretário de Estado dos Assuntos Europeus, que esse conceito fosse actualizado.

Por outro lado, achamos que o Sr. Ministro da Agricultura tem razão. Eu também acho que o Estado deve pedir e reivindicar um aumento da quota.

Na mesma carta que enviei ao Sr. Ministro, afirmei que nós solidarizamo-nos com esse objectivo do Estado, ou seja, do aumento da quota da produção de leite. Por isso – e passo a citar – “nessas circunstâncias, deve V. Exa. compreender que o peso relativo do sector dos Açores deve estar contido nesse aumento de quota para o Estado”.

Assumindo o Governo da República a posição de que vai renegociar com os Estados-Membros o aumento da quota, naturalmente que os Açores serão beneficiados.

Nós podemos ter alternativas. Eu tenho esperança e fé – neste caso, na quota leiteira – que possamos naturalmente dar alguma tranquilidade aos senhores agricultores, mas nunca por nunca, dizer que o problema está resolvido. Esse é o caminho da demagogia e do facilitismo.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Gostaria de abordar directamente nesta intervenção a questão da quota do leite. A quota do leite é um dos problema mais importantes neste momento e o que mais contribui para uma situação de perda de confiança que se sente no sector e funcionamento do mesmo,

Em primeiro lugar, gostaria de dizer que o PCP/Açores defende a existência do regime de quotas. Nós não defendemos o seu desaparecimento.

Em segundo lugar, e desde há muito tempo defendemos – digo isto sem nenhuma intenção especial, mas suponho que corresponde à realidade – no que respeita à produção de leite que se devia encontrar, ao abrigo do estatuto da ultraperiferia, uma medida excepcional que permitisse aquilo que nós chamamos e parecemos que é, o aproveitamento da nossa capacidade produtiva e instalada.

Não defendemos mais área para a produção de leite, nem maior encabeçamento. Defendemos uma política que permita levar ao aproveitamento da capacidade produtiva potencial, real, dessa que existe e que ao longo dos anos 90, por iniciativa da lavoura, se desenvolveu muito fortemente por via do puro genético.

Quando colocamos este problema, pensamos que há várias maneiras de o encarar.

Se bem percebi a intervenção do Sr. Secretário e o que disse outro dia em declarações à RTP/Açores, o Governo terá proposto ao Ministro da Agricultura que seja considerada, para ser apresentada à União Europeia, uma solução do género de uns 4 ou 5% de aumento ao ano, sobre aquilo que é o valor considerado de autoconsumo, como medida excepcional. Isto é uma referência ao mercado em termos de consumo.

Coloco agora uma outra questão. De facto, há um crescimento do mercado de leite e lacticínios na ordem dos 4 a 5% ao ano. Por que é que não se age, ao abrigo da ultraperiferia, independentemente da quota, propondo que haja uma quantidade acrescida de produção que corresponda a essa nossa capacidade instalada e que podia ser 4 ou 5% sobre a quota, eventualmente com um tecto pré-estabelecido?

Parece-me que esta questão, que é uma medida de excepção sustentada, não súbita, podia dar resposta àquilo que é a nossa capacidade instalada. É esta a nossa ideia sobre este problema, Sr. Secretário.

Quando ouvimos dizer que não é possível falar muito nisto e, de acordo com a imprensa que o Sr. Secretário já citou, o Sr. Presidente do PSD/Açores, ausente deste debate, disse que não é possível mexer agora, só mais para diante, embora o problema esteja em vias de resolução ou resolvido, eu coloco a seguinte questão:

Independentemente do momento isto tem que ser resolvido o mais depressa possível?

Eu tenho ideia de que nunca é cedo, do ponto de vista interno, do ponto de vista das relações com a República e do país com a União Europeia, para se começar a criar as condições para podermos evoluir para uma situação destas.

Esta reunião dos Presidentes das Regiões Ultraperiféricas, em que o Sr. Presidente do Governo participou, pode eventualmente ter interesse, mas era bom ter uma informação – acho que esta Assembleia merece isso – pormenorizada dos termos em que o problema está posto, dos termos em que o Sr. Comissário Barnier se referiu a ele e da evolução que esse problema possa ter. É esta a nossa posição sobre a quota de leite.

O nosso desafio é que haja uma medida excepcional, dentro de um regime de quota, correspondente à nossa capacidade de produção a instalar.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Medeiros.

**Deputado Luís Medeiros (PSD):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional:

V. Exa. fez história do que herdou a partir de 1996.

Eu gostaria de lembrar o que é que eu herdei quando assumi responsabilidades, embora nunca de secretário regional, nesta Região.

O que é que fizeram as Juntas Gerais dos Distritos Autónomos a bem da agricultura dos Açores? Foi essa a situação que eu herdei. Herdei 3 intendências de pecuária: organizar os serviços regionais; houve um processo de integração à Comunidade Económica Europeia que nos caiu em catadupa; toda a harmonização de legislação comunitária e a implementação das políticas comunitárias. A par e passo fixaram-se metas e objectivos, tanto no sector leiteiro, como na carne ou até mesmo noutros sectores.

Estavam em curso diversos estudos, como por exemplo, qual o tipo de bovino ou como é que se poderia organizar a produção.

Ter matadouros, salas de corte e de desossagem, mas não ter os circuitos comerciais organizados, não nós vai servir de nada. Vamos ter os excedentes à porta do matadouro.

Durante todos estes anos não se viu fazer nada nesse sentido e continuamos a ver os animais vivos a saírem pelos portos. Em termos de carne, basta ver que estamos a exportar, por ano, 47 mil cabeças de gado vivo e o que se exporta em carne não chega às 3 mil. Mesmo assim, estão incluídos aqui os animais que eram abatidos nos planos de erradicação da brucelose, de acordo com o Serviço Regional de Estatística até 1999.

Sr. Secretário, a minha postura, perante os problemas da agricultura desta Região que sirvo há 30 anos, não é demagógica, ou pelo menos eu não tenho isso nas minhas intenções. Vejo-os com muita seriedade e sei que em todas as ilhas há centenas de lavradores que me conhecem, que viram o nosso trabalho e o trabalho dos Governos do PSD que criaram uma situação que não foi um sucesso em tudo, mas foi a situação que os senhores herdaram e diga-se, em abono da verdade, que foi muito melhor do que aquela que nós herdámos.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** *Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**O Orador:** Quanto à resposta aos requerimentos, Sr. Secretário Regional, se eu insisto, é porque é com números oficiais que nós podemos pensar e avaliar. Podemos conversar, eu agradeço e é simpático, mas a verdade é que não aparecem números escritos.

Custa-me a admitir que a Secretaria, estando na posse de todos esses elementos, não tenha respondido a três requerimentos sobre a mesma matéria, feitos pelo mesmo deputado.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** *É uma prática!*

**O Orador:** Voltar à questão dos bovinos machos, Sr. Secretário, deixamos cair o prémio ou o complemento de POSEIMA.

Até pode ter vindo mais dinheiro para a Região, mas o que é certo é que se colocou a lógica do sistema. Esse suplemento era dado exactamente pelo nosso afastamento, pela nossa insularidade e por todas as questões que resultam da ultraperiferia.

Quando nós abdicamos disto, estamos a abdicar do princípio. Isso faz-me uma certa confusão.

Vamos entrar um pouco na questão da quota leiteira.

Está assente nacionalmente que a questão das 73 mil toneladas são um desígnio nacional. Isto está nas conclusões do último Simpósio das Indústria de Lacticínios, onde diz concretamente: “A incorporação das 73 mil toneladas do autoconsumo açoriano na quota nacional deve ser um imperativo nacional, pois caso não seja obtida, gerará um estrangulamento na produção leiteira, mas também na transformação industrial.”

Nesse mesmo dia, o Sr. Secretário de Estado Adjunto das Pescas, numa intervenção que fez disse: “por outro lado, o programa do Governo sempre assumiu... Concretamente no caso do leite, significa que é necessário consolidar as 73 mil toneladas atribuídas à Região Autónoma dos Açores”.

Parece-me que as declarações do Sr. Deputado Victor Cruz e líder do PSD são no sentido de que o Ministério da Agricultura já assumiu que o problema das 73 mil toneladas, que era uma solução transitória e que terminava em Março do próximo ano, é para continuar.

O Sr. Secretário levantou aí uma questão que é de um conceito dinâmico do autoconsumo.

Eu confesso francamente que tenho um certo receio disso, porque as 73 mil toneladas correspondem ao autoconsumo nos Açores. Será que a procura de leite e de lacticínios, nos Açores, aumentou assim tanto? Terá aumentado o autoconsumo? Esta é uma interrogação que deixo.

Voltando à questão das quotas, Sr. Secretário, eu não quero que o senhor diga que estamos a brincar com estas coisas, mas a verdade é que eu fico perplexo quando pego num jornal de Domingo passado e leio: “O Orçamento da Região para 2003

reserva uma verba para ajudar os agricultores a pagar as penalizações previstas pela ultrapassagem das quotas leiteiras.”

**Presidente:** Sr. Deputado, o seu tempo já terminou.

**O Orador:** O Sr. Secretário confirma que são 2 milhões de euros.

Em primeiro lugar, o Governo se pagar as multas contraria o que se encontra na legislação comunitária.

Em segundo lugar, isto é uma notícia que, propalada assim, traz um descansar a todos os produtores. Podem ficar à vontade, porque se houver multas o Governo paga.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Sabe que não é assim!

**O Orador:** Mas é o que as pessoas sentem e foram os ecos que eu colhi.

Em terceiro lugar, teremos que ver se isto é ou não uma medida altamente discriminatória na medida em que não foi dito, à partida, que o Governo assumiria encargos provenientes de multas das quotas leiteiras.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Era o que mais faltava!

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

**O Orador:** Já termino, Sr. Presidente.

Podem dizer o que quiserem, mas a verdade é que isto veio publicado no jornal de maior circulação na Ilha de São Miguel e todos falam nisso.

Sobre quotas haveria muito mais a dizer, mas o tempo não permite.

**Presidente:** Terá oportunidade, com certeza.

Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Paulo Alves.

**Deputado Luís Paulo Alves (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Para fugir à história, vamos às quotas.

Primeira referência:

Em 96 tínhamos 392 mil toneladas. Hoje temos 523.

Segunda referência:

É preciso ter cuidado ao ler os jornais, sobretudo ao ler os cabeçalhos, porque em qualquer uma das notícias que aqui foram referidas os cabeçalhos são alarmantes ou podem levar a situações complicadas.

A primeira que foi anunciada como sendo uma petição do Sr. Secretário Regional da Agricultura, percebe-se que aquele cabeçalho é um perfeito disparate, porque para além do mais é proibida aquela situação.

A notícia que ontem apareceu sobre o Sr. Deputado Victor Cruz, levou-me a ter algum ânimo. De facto, o texto vem falar de um assunto que já se fala desde que os direitos de produção foram concedidos, isto é, vai tentar-se que os direitos passem de direitos a quota efectiva, mas isto já tem mais que ano. Como anúncio de novidade de solução do problema das quotas, não traz absolutamente nada de novo.

Gostaria também de dizer que as posturas zigzagueantes são muitas e não são exclusivas nas acusações que são feitas ao lado de cá. Também se podem fazer ao lado de lá.

Na discussão do Orçamento do ano passado, o Sr. Deputado Luís Sequeira de Medeiros mostrava-se extremamente preocupado pela falta de confiança no Governo, porque a produção diminuía a um ritmo de 6%.

Na altura tive oportunidade de dizer que no fim da campanha as coisas iam ficar diferentes. Felizmente ficaram, mas o problema poderia ficar mais grave como, de facto, se veio a verificar.

Com isso manifestava que havia necessidade da Região não perder o comboio da produção. De alguma maneira incentiva a essa produção. Isto não é exclusivo apenas dos outros.

O senhor também participou nessas preocupações e agora temos a resposta. Aliás, na altura disse que o problema se punha na confiança dos agricultores, quando nós dizíamos que se punha nos abates.

Nessa altura veio a verificar-se que afinal não havia falta de confiança, porque o leite cresceu e aumentou o número de vacas novas.

O Sr. Deputado Paulo Gusmão não se encontra neste momento na sala, mas um dos problemas que reflecte estes grandes aumentos de confiança de produção não é as dificuldades do sector mas um certo âmbito que existe, porque de 90 a 96 o sector perdeu um quarto da sua população activa e nos últimos anos terá perdido uns 7%.

Essa é uma das razões que o sector constantemente vai aumentando os seus níveis de produção, porque mantém os efectivos.



Obviamente que traz outros problemas colaterais que têm que ser resolvidos e acompanhados.

De facto, em matéria de contra-sensos, gosto mais de ouvi-lo como Dr. Luís Henrique do que como Deputado Sequeira de Medeiros, porque muitas vezes tem que fazer um certo jogo político, o que é normal e foi para isso que foi eleito, mas não é tão lógico como Dr. Luís Henrique, pessoa extremamente admirada e respeitada na nossa Região (também será como Deputado, ressalve-se!).

**Presidente:** Para esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado Duarte Freitas.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu gostaria de começar por colocar uma questão ao Sr. Secretário Regional que, inclusivamente, já foi objecto de algum debate e tem a ver com a fileira da carne.

Gostaria de tentar perceber, no fundo, quais são os objectivos e, de novo, como já foi mostrado pelo Sr. Deputado Luís Medeiros, quais são as metas.

É afirmado e reafirmado que se está a fazer um investimento no sector do abate, concretamente nos matadouros. É público a criação da marca Açores, inclusivamente ela é objecto de meios de publicidade para participar alguns clubes açorianos. Portanto, já se tomou algumas medidas com impacto mais mediático.

Devo dizer, Sr. Secretário que aquilo que nós exportamos de gado vivo actualmente, dificilmente será alterado apenas por estas duas vias, pela marca e pelos matadouros. Tem que haver todo um trabalho, Sr. Secretário, desde o nascimento dos animais até à sua engorda/acabamento, até ao abate/desmanche e a partir daí até à comercialização. A marca e os matadouros são apenas 2 pontos do processo. O resto do processo, Sr. Secretário – por isso é que foram muito bem postas as estratégias e as metas – está esquecido.

Inclusivamente uma área que seria fundamental implementar um projecto seria a da fileira da carne para daqui a 5 ou 10 anos termos resultados, porque isto são dos tais processos, das tais metas que não são para 1 ano nem para daqui a 3 ou 4 anos.

Para que eles existam daqui a 5 ou 10 anos tem que se começar, ou melhor não se devia ter estragado o trabalho que já estava a ser feito, nomeadamente as experiências genéticas com a cobertura dos animais para escolher a melhor raça, a raça que melhor se adaptava à Região e que tinha as melhores características para fazer os acabamentos, ter boas carcaças. Essas experiências foram, pura e simplesmente, posta de lado.

Perdeu-se aquilo que se tinha investido, perdeu-se a evolução que se tinha feito e abandonaram-se essas experiências.

Essas experiências têm que continuar, têm que ser concluídas para que se possa perceber qual é a melhor raça que se adapta às nossas condições e que dá as melhores carcaças possíveis para os acabamentos.

Temos que saber e começar a implementar junto dos agricultores processos, estudando-os preliminarmente, sabendo que tipo de divulgação vamos fazer junto dos agricultores para que eles aprendam com a máxima eficácia a fazer os acabamentos dos animais que nós não sabemos fazer na Região.

Para além disto, temos que ter o matadouro, as unidades de desmancha, temos que investir nos circuitos de comercialização. É todo um processo completamente novo que é preciso implementar.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

É importante implementar-se um projecto e é isso que nós não conseguimos vislumbrar nas políticas deste Governo. Inclusivamente, aquilo que nos parece é que nalguns passos que tinham sido dados em frente de alguma forma há um retrocesso nesses passos.

É importante ser esclarecido se existe ou não e qual o projecto e estratégia que existem.

**Presidente:** Sr. Deputado, agradeia que terminasse.

**O Orador:** Eu já termino, Sr. Presidente e a seguir continuarei.

**Presidente:** Considerando as actuais condições no plenário, estão-se a verificar problemas com as gravações desta sessão, vamos fazer um intervalo de 30 minutos. Entretanto, a electricidade será completamente restabelecida.

*(Eram 17 horas e 25 minutos)*

**Presidente:** Srs. Deputados, vamos retomar os nossos trabalhos.

*(Eram 18 horas)*

Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Gusmão.

**Deputado Paulo Gusmão (PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional da Agricultura:

Vamos falar em demagogia.

Falei a V. Exa. da carne. V. Exa teve a bondade de fazer a comparação entre o aumento de hoje e o aumento noutros tempos do PS.

Aquilo que eu falei foi do aumento ou não da rentabilidade em relação a outros tempos, como por exemplo meados da década de 90. É esse desafio que gostaria de fazer a V. Exa.

Gostaria que respondesse se na percentagem da rentabilidade ou no aumento dessa mesma percentagem estamos melhor ou pior do que nessa época? Essa resposta será decisiva para sabermos quem está a fazer demagogia.

Em algumas ilhas continuamos a exportar como no século passado.

Aliás, nas alternativas, aquilo que se calhar retiraria alguma demagogia do processo político era, desde logo, V. Exa. cumprir com as suas obrigações. Pague atempadamente os subsídios que são devidos para os motomecanismos. Esses subsídios levam anos.

Será que a resposta aos agricultores nesses termos é que é o contrário da demagogia?

Vamos continuar a falar de demagogia!

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** O senhor é especialista!

**O Orador:** Vamos falar das alternativas.

Enquanto há pessoas a abandonar a agricultura, se calhar V. Exa. esquece-se de ouvir os senhores agricultores.

Ainda falando de demagogia, quando lhe falei em outros caminhos, falei em coisas simples que são seguramente rentáveis. Já foi assim no passado, não é nada de novo. É assim em tantos e tantos países da Europa.

**Deputado Nuno Amaral (PS):** É a agricultura moderna!

**O Orador:** Falei-lhe de cabras e ovelhas.

Não é preciso V. Exa. viajar num avião para ir buscar uma cabra. Basta juntar uma cabra com um bode e ela dá mais, seguramente.

Sr. Secretário, o problema é que V. Exa. faz de conta que não houve os senhores agricultores.

Sabe o que dizem às associações agrícolas? V. Exa. até sabe, quando vai lá discursar.

Sabe o que dizem aos senhores agricultores? Sorriem para eles e na prática esquecem-se que estão a abandonar os campos (demagogia!).

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Modernismo, Sr. Deputado!

**O Orador:** Campeão da demagogia! Ao seu lado, seguramente, sou um aprendiz!

Sou directo e gosto da política com convicções.

Julga que dá muitos votos falar do arrendamento rural?

Julga que dá muitos votos, em São Miguel, falar em touros como falarei dentro em pouco, com gosto?

É com a mesma amizade que lhe sigo: mais do que um aprendiz, apesar de tudo sou um apreciador da sua capacidade de ilusionista.

*(Risos dos Deputados da bancada do PSD)*

Vou a todo o sítio a onde vai. O senhor tem a capacidade de esconder, nesta sala, aquilo que está à vista de todos, porque lá fora todos sabemos, com mais ou menos sorrisos, que é diferente, basta falar com os senhores agricultores. Ouçam-nos e sempre que os ouvirem quero ver se V. Exa. terá a coragem de dizer que o senhor agricultor está a ser demagogo.

**Presidente:** Srs. Deputados, queria informar que houve uma avaria eléctrica na cidade da Horta, grave. Estamos a trabalhar com o nosso gerador, portanto peço a vossa compreensão para algumas limitações de iluminação que existem para além do plenário.

Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Deputado Luís Medeiros.

**Deputado Luís Medeiros (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Gostaria de colocar aqui mais duas questões que, para mim, não estão suficientemente esclarecidas, designadamente aquelas que se prendem com a posição que vai resultar, se reforma intercalar da PAC for aprovada tal como está, da dissociação das ajudas à produção.

Nós não nos podemos esquecer que em países como a Alemanha e a França, em que todas as explorações atingiram o máximo, digamos assim, das ajudas que poderiam receber, essa dissociação, em termos financeiros, não significa muito, na medida em que a nova ajuda é fixada globalmente à exploração com base no histórico daquilo que recebia.

No nosso caso, em que estamos muito longe de ter atingido esse máximo, em que se prevê inclusivamente que possa haver alguma necessidade de converter explorações

do leite para a carne, até mesmo não na totalidade mas parcialmente, será que essas ajudas unitárias à produção não vão comprometer essa conversão e a mobilidade que se pretendia?

A segunda questão, Sr. Secretário Regional, prende-se novamente com as quotas leiteiras. Aí, gostaria de subdividir em dois aspectos:

O primeiro é de natureza prática e tem a ver com a questão das 73 mil toneladas e com a utilização das mesmas.

Todos estão convencidos, pelo menos todos os produtores que eu falo, que a quota que dispõem é sobre a produção de 99/2000. Esta foi a mensagem que o Governo Regional fez passar e passou. Inclusivamente tenho exemplos práticos de produtores que se dirigiram a mim pedindo um conselho, porque tinham um filho para instalar, deram parte da terra e dividiram a quota proporcionalmente. Quando o IFADP lhe pede o papel a dizer que ele cede a quota e ele vai para o assinar, acautelou-se antes de saber que quota é que tinha no IAMA. Ficou muito admirado quando ficou saber que tinha a mesma quota, inviabilizando assim o projecto de instalação do jovem agricultor, que era o filho.

Outro dizia-me que tinha investido na sua exploração, fez sala de ordena fixa e outras coisas mais, contando poder continuar a produzir o mesmo que produzia em 99/2000. Agora dizem-lhe do IAMA que a quota é igual há que tinha antes.

É preciso esclarecer as pessoas.

Por outro lado, nem os produtores, nem os compradores sabem qual é que é a mecânica da redistribuição da parte não utilizada das 73 mil toneladas.

Passo a outro aspecto de natureza mais geral, mas relacionado com as quotas leiteiras.

Todos nós falamos do nº 2 do artigo 299º relativo às questões ultraperiféricas.

No caso da quota leiteira, acho que é a única via que nós temos para poder ultrapassar as questões que se nos colocam neste momento.

Pergunto: o Governo não pensa em termos uma sub-reserva regional, gerida autonomamente, calculada com base no nosso potencial produtivo e naquilo que se julga que é a produção mais conveniente para a Região, tendo em conta o respeito pelo ambiente, pela paisagem rural, enfim, por todos os novos objectivos da Política Agrícola Comum?

Pelo respeito do ordenamento jurídico comunitário tal e qual como se determina no artigo do Tratado, eu julgo que só assim poderemos ultrapassar esta situação e respirar mais tranquilos.

Gostaria de ouvir a sua opinião, Sr. Secretário, sobre estas três questões.

Muito obrigado.

**Presidente:** Para esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas.

**Secretário Regional da Agricultura e Pescas (Ricardo Rodrigues):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Há pouco tinha-me esquecido de falar sobre um assunto. O único tema que o PP, na minha opinião, não usa máscara nem demagogia, é relativamente ao arrendamento rural. Assume que é irremediavelmente favorável aos senhorios e aos grandes senhorios.

Nessa matéria nós já percebemos que temos um problema social com o arrendamento. Eu não posso ser tão favorável aos senhorios, porque tenho que ter em consideração os rendeiros, mas eu hei-de anunciar o que e o Governo pensa sobre esta matéria. Gostaria apenas que ficasse claro que o PP, nesta matéria, é muito claro, enquanto que noutras matérias faz alguma demagogia com o povo, com os pobrezinhos, com as velhinhas, etc.. Aqui em relação aos senhorios, aos donos da terra, assume verdadeiramente a sua convicção ideológica.

Relativamente a várias questões que têm a ver com a quota, começando pela última, Sr. Deputado Luís Sequeira de Medeiros, com sabe temos problemas jurídicos. Não há maneira de termos nem quota nem reserva regional. Estes conceitos nós não

podemos dispor deles como figuras jurídicas e de gestão autónoma daquilo que é a quantidade de referência do Estado-Membro e a sua reserva nacional.

Alguma ginástica se pode fazer e, como sabe, nós fazemos dentro daquilo que são as limitações e que o IAMA pode fazer dentro da gestão das quotas, mas não podemos contar com um conceito de reserva regional, nem com um conceito de quota regional. É um problema jurídico que temos e que não sei se será fácil de ultrapassar uma vez que já foi pedido, mesmo no seu tempo, relativamente à quota regional.

Portanto, esta é uma matéria onde existe alguns problemas.

Relativamente à quota e respondendo um pouco ao Sr. Deputado José Decq Mota, gostaria de referir que aquilo que o Governo Regional entendia sobre a quota e tinha com os parceiros sociais, não esquecendo os industriais que são uma parte importante nessa matéria, tão importante como os produtores são o reverso da mesma medalha (produção/transformação), já tínhamos combinado essa versão com o Sr. Deputado, ou seja, podíamos ter aqui 4 ou 5% mas do todo da quota regional. Essa era a versão que nós tínhamos apresentado.

Contudo, como sabe, nós não nos queremos desviar da política nacional relativamente a essa matéria.

Aquilo que o Sr. Ministro da Agricultura tem afirmado, repetidamente, é que vai solicitar o aumento da quota do país.

Nós integramo-nos na política nacional, quer queiramos, quer não. Temos as nossas posições, mas face à afirmação do Sr. Ministro da Agricultura de que vai solicitar o aumento de todas as quotas, inclusivamente reiterado pelo Sr. Secretário de Estado dos Assuntos Europeus em seminário – e os que se interessam por esse tema tiveram presentes – de que iam aumentar, e a minha convicção é de que o Governo da República dispõe de dados que eu próprio desconheço, parece-me que a conjuntura política não é nada favorável de que se renegocie.

De resto, tanto eu como o Sr. Deputado Sequeira de Medeiros ouvimos o Sr. Comissário Fischler dizer que “quotas são estudos, tem que se manter o regime”. Portanto, não vejo que seja possível aumentar a quota nacional.



Mas o Sr. Ministro diz que é possível. Se o Sr. Ministro diz que é possível, ele tentou readaptar a posição açoriana dentro da posição do Estado-Membro, ou seja, adquirido que está que o Sr. Ministro da Agricultura vai conseguir uma quota maior para Portugal, eu tenho que me readaptar à política do Estado-Membro e não peço já uma quota da Região na negociação.

À partida, a nossa posição era essa e devia ser negociado no domínio das Regiões Ultraperiféricas. Esse era o meu ponto de partida antes deste Governo e do Sr. Ministro da Agricultura dizer que iam solicitar um aumento de quota para o país.

Nós estamos integrados no país. Portanto, beneficiaremos daquela quota que vier para Portugal, tendo em conta a nossa percentagem, a nossa relação e peso relativo no sector do leite em Portugal.

Isso fez-me readaptar o discurso e, em sintonia novamente com os parceiros sociais, consensualizar esse conceito de que afinal nós não íamos pedir o aumento dos 4 ou 5% da quota total dos Açores (alegada quota dos Açores, ou seja, da produção dos Açores), porque nos integrávamos nas negociações do Estado-Membro, com o qual queremos manter boas relações. Portanto, não vamos afrontar.

Uma vez que disse ao Sr. Ministro e ao Sr. Secretário dos Assuntos Europeus que pensava que a conjuntura europeia não é adequada para o Estado-Membro conseguir a negociação de uma quota para Portugal e conseguir um aumento, e eles disseram que não, que temos essas condições, naturalmente que eu pensei que dispunham de melhores informações do que eu, porque não dispunha delas. Vamos para aí porque nós queremos também mais quota.

Não queremos deixar desprevenida a Região como Região Ultraperiférica. Então vamos para a actualização do nosso conceito de autoconsumo que dá um aumento não tão irrisório quanto isso. Se ele for a actualizar aos níveis de 99/2000, já nos permite mais 12 mil toneladas, o que é significativo e, no caso concreto, deixávamos de pagar multas.

Quanto a essa matéria, a quota é determinante para os Açores. Eu já percebi a posição do Grupo Parlamentar do Partido Comunista, mas ainda não percebi a

posição do PSD nem a do PP sobre essa matéria. Convinha que nesta sessão, que em boa hora foi promovida, percebêssemos do que é que estamos falando, percebêssemos ao nível de sabermos as diferenças ou as semelhanças que existem entre nós.

**Presidente:** Sr. Secretário, agradecia que terminasse.

**O Orador:** Gostaria de rectificar que saiu uma nota oficiosa a desmentir que a Região não vai pagar multas. Essa nota saiu na comunicação social. Foi pena o Sr. Deputado Sequeira de Medeiros não a ter lido, mas saiu.

Relativamente às 73 mil toneladas, convém que este assunto fique bem esclarecido para que todos percebam.

Eu tenho feito reuniões com os lavradores em todas as ilhas. Nós temos a decisão do Conselho de Nice que diz que é concedido aos Açores 73 mil toneladas e como sua aplicação o coeficiente entre a produção e aquilo que é concedido. Dá 17%.

Aplicando à letra aquilo que está no Tratado de Nice, eu tenho que dar 17% aos lavradores que estão a baixo da sua produção.

Aplicando administrativamente essa teoria, vai faltar para os que estão acima da quota.

O que é que fizemos?

Dissemos ao Estado-Membro que esse critério não é possível, porque continua a não ser razoável para a aplicação concreta. Então, utilizando o mesmo critério, vamos repetir tantas vezes quantas necessárias for esse tal princípio dos 17%, àqueles que estavam acima da sua quota e não àqueles que estão a baixo da sua quota.

Dar a quem está a produzir menos do que a sua quota, significa que vai perder na campanha seguinte, porque não produz o suficiente para ganhar aqueles 17%. Se ele não produziu o ano passado, quem é que me garante que vai produzir no ano a seguir? Portanto, temos que dar a eles.

Todos sabem, Sr. Deputado Luís Sequeira de Medeiros, acho que não há dúvidas quanto a essa matéria, de que essa quota de 73 mil é virtual. Todos ouvem falar.

Qual o único efeito desses 73 mil? É não pagar multas. Ela não é válida para transferência, não é válida para projectos, não é válida para nada disso.

Todos os lavradores com quem eu falo sabem disso, porque é quota virtual, não é real.

Portanto, tenho feito um esforço para explicar essa situação.

Ainda no tempo do Governo do Partido Socialista notificámos o Estado-Membro desse novo critério para Bruxelas e ainda não obtivemos resposta. Se não obtivermos resposta no prazo que achamos razoável, o IAMA procederá em conformidade com essa orientação.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Para esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado Duarte Freitas.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar, para renovar ao Sr. Secretário os pedidos de esclarecimento que fiz há pouco.

Em segundo lugar, para pedir outro esclarecimento e gostaria que o Sr. Secretário aproveitasse para fazê-lo no sentido de, tendo em conta que, com a retirada dos apoios, subsídios aos transportes dos adubos, há casos em que o preço de saco de adubo ao produtor agrícola, ao consumidor final, subiu cerca de 1 euro e meio (cerca de 300\$00), que outras maneiras vão ser implementadas e quando vão ser para poder resolver um problema que, pelos visto, por alguma falta de fiscalização, tomou contornos gravosos?

Obviamente que concordamos que quando esses contornos gravosos são importantes para o gasto das verbas que são de todos, é preciso fazer alguma coisa.

Podia-se ter feito mais fiscalização. Essa questão agora está ultrapassada, por isso é preciso saber o que é que vai ser feito.

Em terceiro lugar, gostaria de dar um esclarecimento.

Relativamente à questão das quotas leiteiras e à solução no curto e no médio prazo, penso que já foi várias vezes evidenciado o que é que o PSD pensa.

Queremos, e todos nós fazemos esforços neste momento, para que a tal quota virtual possa ser transformada numa quota real e quando houver possibilidade renegociação de quota, ela seja aumentada.

É importante referirmos aqui uma coisa. Por vezes, há maneiras de se fazer vincar a história e há aqui uma parte da história que não pode ser branqueada.

Qual é essa parte da história que não pode ser branqueada?

Quando Portugal teve hipóteses de negociar o aumento de quota, ele não foi negociado e essa responsabilidade histórica, esse erro gravíssimo, tem rostos, tem responsáveis: o Governo do Partido Socialista nos Açores e o Governo do Partido Socialista no Continente.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**O Orador:** Os senhores agricultores têm que saber de quem foi essa responsabilidade. Essa responsabilidade foi vossa.

Já tentaram corrigir quanto tentaram a tal quota virtual à última da hora.

Agora, o que PSD está no Governo da República, tal como o fez na Região até agora, vai tentar transformar essa quota virtual em real para depois poder aumentar. O PSD está corrigindo um erro histórico que os senhores cometeram.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Para terminar, gostaria de esclarecer que o Sr. Deputado Luís Paulo, na sequência da notícia que foi aqui referida das verbas referentes ao pagamento das multas, disse: “cuidado ao ler os cabeçalhos!”.

Penso que o senhor tem razão. Penso que se exige maior rigor e seriedade intelectual quando se lê os cabeçalhos, tal como foi lido duas vezes este cabeçalho que é da responsabilidade do Governo, quando o texto até é pequeno e passo a lê-lo para vermos a seriedade e o rigor intelectual onde é que pára quando se lê os cabeçalhos e quando se lê o texto. Este texto diz qual a posição e o que é o que o PSD tem vindo a defender, nomeadamente o seu líder:

“O líder do PSD/Açores anunciou ontem, na Ilha do Faial, que o Governo da República está a envidar esforços no sentido de resolver o problema da quota leiteira da Região.

Victor Cruz falava no final de uma visita à Associação de Agricultores e adiantou que o executivo de Durão Barroso está a procurar, em negociações com a Comunidade Europeia, transformar as 73 mil toneladas de autoconsumo, em quota efectiva.

«É tudo o que se pode fazer, pelo menos à partida neste momento», frisou o líder dos sociais democratas adiantando que esta solução irá minimizar o problema do excesso de produção leiteira no arquipélago.

O líder regional do PSD lembrou, no entanto, que não existe nenhuma renegociação da quota leiteira neste momento e ninguém sabe mesmo se é possível manter as 73 mil toneladas referentes ao autoconsumo.

No seu entender, o problema da quota leiteira dos Açores deve-se, em grande parte, aos governos socialistas da República e da Região, que em 2000 não acautelaram os interesses dos Açores nesta matéria, durante a revisão da quota leiteira.

«Essa ausência de uma solução para a quota leiteira, foi talvez um dos maiores erros da governação socialista», criticou Victor Cruz ao deixar a Associação de Agricultores.”

Este é o conteúdo do texto qu

e o senhor talvez não leu. Esta é verdadeira posição.

Muito obrigado.

**Presidente:** Para esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas.

**Secretário Regional da Agricultura e Pescas (Ricardo Rodrigues):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

De facto, essa é uma questão fundamental e convém que fique definitivamente clara como água, não como leite porque é muito turvo.

Vamos ver de que lado está a razão!

Como sabe o título é da responsabilidade do jornalista e não de quem faz as declarações.

O artigo diz: “O líder do PSD/Açores anunciou ontem, na Ilha do Faial, que o Governo da República está a envidar esforços no sentido de resolver o problema da quota leiteira da Região.”

Resolver o problema da quota leiteira da Região, a integração das 73 mil toneladas...

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Especifique-se, Sr. Secretário. Seja mais sério!

**O Orador:** Vamos chegar lá, Sr. Deputado. Vai ver com todo o rigor.

Qual é a novidade disso?

Primeiro, zero!

Segundo, não resolve o problema!

Os Srs. Deputados deviam saber disso, mas não estão atentos.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Os senhores é que deviam ter renegociado!

**O Orador:** Vamos a essa parte, porque os senhores também precisam de saber.

Nos tempos dos Governos do Partido Socialista, ouçam o que aconteceu à quota:

Antes de 96: quota – 392 mil toneladas.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Era ou não suficiente?

**O Orador:** Sr. Deputado, ouça!

Actualmente, 450 mil de quota...

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Era suficiente!

**O Orador:** Que rapazinho!

*(Risos dos Deputados da bancada do PS)*

Ouçá pelo menos para ver se fica esclarecido. Quem não sabe deve ter a humildade de ouvir para ser esclarecido.

Volto a repetir: a actual quota efectiva e real é de 450 mil ao que crescem as tais 73 que são válidas para não pagamento de multa.

Nesse período de tempo da responsabilidade dos Governos Socialistas da República e dos Açores, aumentou a capacidade produtiva da Região em 33,4%.

Das negociações que os senhores falam que ocorreram em 2000, não houve nenhum Estado que aumentasse 33%. As percentagens têm que ser vistas.

Vou-lhe dizer o que é aumentaram. Aumentaram 4 países em 2002 (2,86%, 6,18%, 10,8% e 11,11%).

Está negociado desde 2000, e os senhores vão fazer um figurão em 2005, que Portugal aumentaria em 2005, 2006 e 2007.

Por que é que nós não aumentámos?

Não aumentámos porque a nossa produção estava a baixo da quota.

Nós tínhamos uma quota de 1 milhão 830 e tal mil toneladas e estávamos a produzir 1 milhão 700 e tal mil.

Por que é que Portugal não aumentou?

Portugal não aumentou porque a nossa produção estava a baixo da quota. Previu-se então que todos os Estados nessas circunstâncias teriam um aumento em 2005, 2006 e 2007. Eu tenho aqui todas as quantidades.

Se os senhores nessa altura estiverem no Governo da República – o que não se sabe e eu desconfio – terão esse beneplácito de ver de graça um aumento da quota para essa altura.

O que é que aconteceu nos Açores?

No período de tempo dos Governos do Partido Socialista a capacidade produtiva da Região aumentou em 33,4%.

Oxalá que possamos contar com esses números outra vez.

Posso dizer-lhe que no mesmo período de tempo, nenhum Estado-Membro conseguiu aumentar a sua produção nessa percentagem. O máximo foi 11,11%.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** O senhor faça as contas à quota nacional e veja quanto é que dá!

**O Orador:** Todos outros situam-se em 1,6%, 1,5% e 1,3%.

Os senhores vão esquecer essa fase em que dizem que a culpa é do Governo do Partido Socialista e que não podem produzir mais porque os Governos do PS não obtiveram quota. É falso, Sr. Deputado, porque nesses anos aumentaram-se cerca de 200 milhões de litros, quase que duplicámos a nossa capacidade produtiva em 6 anos.

**Deputado Luís Medeiros (PSD):** Isso é demagogia!

**O Orador:** É verdade, Sr. Deputado. Foi de 33,4%. Para chegar a 50% faltam 17%.

Números são números. Falam por si.

Aumentámos de 392 para 523 mil. São esses os números.

Mesmo essa figura de estilo que em 99 ou 2000 não conseguimos do Estado-Membro uma alta da quota – nos estávamos a produzir 1 milhão e 700 mil toneladas e a nossa quota era de 1 milhão 800 e tal mil, ninguém dava quota porque a nossa quota estava acima da nossa capacidade produtiva – ficou negociado que em 2005, 2006 e 2007 essa quota aumentaria.



Depois de eu já ter dito milhares de vezes nos órgãos de comunicação social que nós estamos acima da nossa capacidade produtiva, que estamos acima das 73 mil toneladas, qual é a proposta do PSD para resolver este problema dos agricultores?

Eu já disse qual era a proposta do Governo Regional.

O Governo da República diz que consegue um aumento da quota nacional. Eles é que dizem que conseguem e eu conto com isso, não me vou armar mais papista do que o Papa.

Quero uma renegociação do conceito de autoconsumo que me permite, juntamente com o resgate, equilibrar a produção e ter um aumento sustentado da mesma. Essa é a solução que nós temos para o problema e é condicente ao não pagamento de multas.

**Presidente:** Para esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Gusmão.

**Deputado Paulo Gusmão (PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Secretário Regional da Agricultura:

Quero fazer dois agradecimentos ao Sr. Secretário Regional pelas palavras que nos foram dirigidas. Desde logo, gostaria de agradecer a coerência que foi reconhecida em relação à matéria do arrendamento rural.

Aproveito para dizer de uma forma clara e aberta que não temos qualquer complexo sobre a defesa da propriedade privada e até mesmo da liberdade contratual. Nem por isso alinhamos com aqueles que querem fazer crer que isso é defender os grandes interesses.

É verdade ou não – e V. Exa. bem saberá como jurista que é – que há incerteza temporal da posse da terra e que os subsídios europeus para investimentos de médio prazo não chegam a alguns agricultores?

É verdade ou não que quem fica arredado do mercado negro do arrendamento, que nós bem conhecemos, são os pequenos rendeiros que não têm capacidade económica?

Gostaria também de lhe agradecer o outro elogio.

**Presidente:** Sr. Deputado, agradecia que concluísse porque o PP já esgotou o seu tempo.

**O Orador:** Já termino, Sr. Presidente, mas ficaria mal com a minha consciência se não agradecesse ao Sr. Secretário o outro elogio que nos fez e talvez com um pouco de mais maldade, ou seja, de que somos os protectores dos pobrezinhos e dos velhinhos.

Somos! De facto, somos com muito orgulho.

Não o dizemos, fazemos.

A bonificação para aquisição de terra aos agricultores, fomos nós que a fizemos aprovar nesta Casa, tal como as pensões rurais, ainda na oposição ao guterrismo, e as pensões em geral. Há-de perguntar àqueles que vivem a maior miséria se valeu a pena ou não dispensar os senhores e passar a receber todos os anos mais uns contos de reis que bem merecem.

Não dizemos, fazemos. De facto, somos os protectores dos velhinhos e dos pobrezinhos.

**Presidente:** Sr. Secretário, eu neste momento não lhe dava a palavra, porque afinal o Sr. Deputado fez apenas um agradecimento. Portanto, não é necessário esclarecer agradecimentos.

Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Medeiros.

**Deputado Luís Medeiros (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Secretário Regional da Agricultura:

Começaria pela leitura dos jornais: o cabeçalho e o conteúdo. De facto, são da responsabilidade dos jornalista, mas é a mensagem que passa, é aquilo que as pessoas lêem e que crêem como sendo verdadeiro.

No caso do Açoriano Oriental de 13 de Outubro, o cabeçalho diz: “Governo Regional acautela verbas para multas da quota leiteira”.

Em seguida, o artigo diz: “o Orçamento da Região para 2003 inclui uma verba de 2 milhões de euros para fazer face a eventuais indemnizações pela ultrapassagem da

quota leiteira. Segundo o Secretário Regional de Agricultura e Pescas, Ricardo Rodrigues, esse valor corresponde ao aumento previsível...”. O conteúdo da notícia confirma o cabeçalho.

**Secretário Regional da Agricultura e Pescas (Ricardo Rodrigues):** Foi publicado um comunicado a desmentir!

**O Orador:** Quanto à questão da distribuição das 73 mil toneladas, Sr. Secretário Regional, o Regulamento Comunitário 1453, no seu artigo 23º, define claramente como é que a distribuição deve ser feita. A percentagem devia ter sido comunicada aos agricultores no início da campanha anterior.

**Secretário Regional da Agricultura e Pescas (Ricardo Rodrigues):** Estava-se a prestar um mau serviço, pelas razões que eu já expliquei!

**O Orador:** Não sei, Sr. Secretário, mas pelo menos era justo, claro e transparente. Cada um sabia com aquilo que contava e aquilo que podia fazer. Assim continuam todos a trabalhar no escuro e o Sr. Secretário há-de resolver o problema.

Quanto à questão do aumento da quota, todas as posições que tenho visto a nível nacional, apontam para a integração das 73 mil toneladas, aquilo que convencionou chamar-se quota virtual em quota efectiva, que será redistribuída na Região Autónoma dos Açores.

Claro que essas 73 mil toneladas têm que entrar na reserva nacional portuguesa, porque não temos outro meio.

Sr. Secretário, eu não posso deixar de dizer que me parece demagógico o senhor vir comparar aquilo que se aumentou de quota na Região e que o Partido Socialista conseguiu fazer, com o que os outros Estados-Membros não conseguiram.

Se virmos, 11,5% de 1 milhão e 800 mil toneladas (a quota nacional), estamos a falar de quase 200 milhões de litros de leite. A reserva nacional portuguesa poderia ter sido aumentada aquando das negociações da Agenda 2000 e não foi.

**Secretário Regional da Agricultura e Pescas (Ricardo Rodrigues):** Não podia!

**O Orador:** É só isso que nós dizemos.

Desses 200 milhões podia ter sido redistribuído na Região o quantitativo necessário para fazer face às nossas necessidades da altura, em vez de se ter caído nesse subterfúgio de quota virtual que, convenhamos estabelece alguma confusão.

Muito obrigado.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** *Muito bem!*

**Presidente:** Para esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas.

**Secretário Regional da Agricultura e Pescas (Ricardo Rodrigues):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Continuamos na questão da quota.

Sr. Deputado, não podia. Um país ou um Estado-Membro que está a baixo da quota não tem legitimidade para reclamar aumento da sua quota.

Nós estávamos cento e tal milhões de litros a baixo da nossa quota em 1999.

**Deputado Luís Medeiros (PSD):** O erro foi esse. Julgava mas não estava.

**O Orador:** Eram números oficiais, Sr. Deputado, de um instituto público.

Nessa matéria far-me-ão a justiça de relevar que, mesmo no tempo do Partido Socialista e do Governo da República do Partido Socialista, eu fiz aqui severas críticas a esses institutos públicos.

Esses 200 milhões que falou, de 1 vírgula tal por cento, foi o que nós aumentámos na Região. Não se diga em apertes, que até são regimentais e agradeço alguns, que em 96, 392 mil toneladas eram suficientes.

O Sr. Deputado Luís Medeiros se calhar recorda-se, de cor, que nesta altura haviam 600 candidaturas a projectos no IAMA, que não podiam ser aprovadas por falta de quota.

Na altura, o PSD não resolveu o problema. Foi o VII Governo Regional quem teve que o resolver.

Não se diga que as 392 mil toneladas eram suficientes.

Efectivamente, no vosso tempo, não deram aquilo que os senhores queriam. No nosso tempo também não deram aquilo que nós queríamos, mas deram-nos a capacidade de desenvolvimento sustentado desse sector e, hoje, não há candidaturas por falta de quota.

De facto, não temos reserva regional, mas todas as que transitaram do II Quadro Comunitário de Apoio foram deferidas e estão a decorrer os seus trâmites.

Gostava de responder a algumas perguntas colocadas pelo Sr. Deputado Duarte Freitas.

Relativamente aos adubos, uma matéria importante que tem que ser esclarecida, o regime que vigorava era de um apoio, através de um fundo, que subsidiava o transporte de adubo. Atingia centenas de milhares de contos.

A lógica de quem tem responsabilidades sectoriais é ver como é que se gere isso melhor. Um fundo regional tem os seus critérios, de apoio cego a um transporte, mas eu tenho responsabilidades no sector agrícola, tenho que gerir o melhor possível os dinheiros públicos, porque o dinheiro escasseia.

Desde logo, um princípio que me parece lapidar: entregar dinheiro a intermediários nunca é tão bom como entregar directamente aos destinatários.

Se nós queremos apoiar os lavradores na aquisição de adubos, por que é que os damos aos intermediários?

Estávamos a dar aos intermediários centenas de milhares de contos e não sei – e não quero levantar aqui falsos testemunhos – se esse dinheiro se reflectia directamente numa poupança de aquisição de adubo aos agricultores.

Parecia-me de uma evidência e de uma clarividência esse princípio.

Segunda questão:

Nós temos preocupações ambientais. Nós temos preocupações no desenvolvimento sustentado dessa actividade.

Subsidiar e apoiar quem compra 1000 toneladas de adubo e quem compra 10 toneladas ao mesmo valor, não me parece razoável. Nós não podemos subsidiar a

compra de adubo para quem aplica a mais do que aquele que devia aplicar. Temos preocupações de um desenvolvimento sustentado.

Nós estamos a equacionar e a estudar a nova aplicação, cuja candidatura irá ocorrer entre Novembro e Dezembro e terá em consideração a área, o número de animais bovinos e se é candidato às medidas agro-ambientais, porque o candidato às medidas agro-ambientais tem um encabeçamento menor do que aquele que não é candidato e, portanto, não precisa de tanto adubo.

Nós vamos exigir alguns parâmetros e será atribuído um plafond. Vamos determinar qual a capacidade de carga média para determinada área e essa é que será apoiada.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas:

Eu volto à questão da quota de leite e gostava de deixar duas ou três notas.

Em primeiro lugar, acho que há uma evolução na consideração do problema se nos reportarmos a algum tempo atrás.

Hoje, toda as bancadas, com excepção do PP que não os ouvi pronunciar sobre isso, associaram o conceito de ultraperiferia à resolução deste problema. Isto é uma realidade e é uma novidade importante, porque não estava presente no discurso a algum tempo atrás.

Em segundo lugar, penso que é mais importante olharmos para o presente e para o futuro do que estarmos a fazer, embora não seja ilegítimo, sempre e só – e o só é que me preocupa – a história do passado.

Em relação ao futuro, tenho ideia de que se tem que encontrar uma solução que tenha em conta a realidade vivida, concreta, de todos os dias e que não tenha que esperar indefinidamente ou por 2005, 2006, 2007 ou seja quando for.

Ela tem que ter em conta que temos uma capacidade produtiva instalada de leite que é excedida, que está a ser excedida e o seu não aproveitamento leva a percas, porventura, irremediáveis em termos produtivos.

A evocação da ultraperiferia como uma medida excepcional que procure até usar outra terminologia do que a terminologia associada a esta problemática das quotas, manchando a sub-reserva com uma medida excepcional, com o seu regulamento próprio, obviamente com a condicionante de ter que ser de acordo com o Tratado, com as suas normas e princípios a que isso obriga, é uma urgência.

É evidente que estamos de acordo que essa urgência tem que ser vista na perspectiva do lavrador, do produtor e na perspectiva de quem transforma.

Estamos de acordo com essa perspectiva. Portanto, tem que se arranjar um mecanismo que possibilite que se existir essa produção, ela seja absorvida pela transformação e seja – desculpem-me a expressão – despachada pela comercialização. É dentro deste contexto que se tem que encontrar uma solução.

O que eu queria deixar dito nesta altura é que me parece que seria fundamental que as forças políticas desta Região – desde logo o Governo e os partidos políticos –, o Governo da República e as forças políticas do plano nacional, entendessem de uma vez por todas que este problema da produção de leite nos Açores é estratégico e tem que ser resolvido. A forma de resolução é no quadro da ultraperiferia.

Tem que se encontrar uma medida ou um conjunto de medidas, alguma transição mais definitiva na altura própria, mas tem que se encontrar e mobilizar esforços nesse sentido. Este é o único caminho que tem que se seguir.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Paulo Alves.

**Deputado Luís Paulo Alves (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Penso que colocar esta questão no plano do futuro é fundamental e importantíssimo, embora me pareça haver aqui alguma dificuldade, porque em termos de futuro próximo, que é o que está de imediato a preocupar as pessoas, o PSD tem uma palavra muito forte a dizer, porque estas soluções passam muito pelo Estado Português.

O que aqui assusta e nos preocupa é que neste quadro de futuro próximo, dizer que em matéria de quotas a solução pode estar encontrada na passagem das 73 mil toneladas, é falsear a questão, é nada dizer. Esta questão, no futuro próximo, não resolve as preocupações que neste momento se estão a colocar.

Sendo assim, é uma preocupação que do ponto de vista da tal notícia continuamos a derrapar.

O PSD não tendo soluções para o futuro próximo, atira e coloca as coisas no Plano do passado.

A estratégia foi tomada ontem por uma simples razão, ou seja, porque a única forma de trazer novidades ao debate, era vir debater o problema da falta de negociação em 2000.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** E houve!

**O Orador:** Mas essa questão é muito simples. Quando o PSD negociou as quotas em 1990, já nessa altura havia também as posições especiais para os DOM's, só que se colocavam noutra plano.

**Deputado Luís Medeiros (PSD):** Não senhor!

**O Orador:** Os DOM's não tinham situações exportadoras e o autoconsumo também já existia.

Em seguida, foi peregrino numa coisa, foi arranjar uma quota regional com medo que a quota fugisse para algum sítio.

**Deputado Luís Medeiros (PSD):** Não era assim!

**O Orador:** É sim senhor.

Essa quota foi fixada em 21% da quota nacional, o que perspectivava um futuro para o sector delimitado, tanto é que nós hoje produzimos 27% da produção nacional.

Portanto, em matéria de constrangimentos, eles são colocados há muito tempo e noutras negociações que não são as da Agenda 2000.



Depois acresce a esta situação o facto de em 2000 ter presente uma situação e a realidade dessa altura. Foi dada permissão de produção a três ou quatro países (a Irlanda, a Espanha, a Itália) que ultrapassavam há anos a sua quota e que eram multados. Os seus produtores tinham imposições suplementares. Não era o nosso caso.

Nessas reuniões discutiu-se a questão de retirar quota a Portugal, porque nunca atingíamos.

A questão que se veio colocar aqui é que era impraticável naquele quadro. Esses países conseguiram essas quotas e nem por isso deixaram de continuar a ultrapassá-las nos anos seguintes.

Vir localizar o problema das soluções que nós precisamos para o futuro numa mera passagem de quota virtual à quota real, coisa que já não resolve coisíssima nenhuma e atirar o problema para a Agenda 2000, é não querer fazer rigorosamente nada para resolver os problemas do futuro.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Deputado Duarte Freitas.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Luís Paulo Alves:

Eu fico verdadeiramente impressionado.

O senhor está a culpar o PSD por estar a tentar resolver um problema que os senhores não resolveram. Por amor de Deus!

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**O Orador:** Há bocadinho falámos de demagogia. Isto é um paradigma da demagogia.

O senhor diz que já nem sequer os 73 mil vão resolver essa solução que o PSD está tentando arranjar pelo menos.

**Deputado Luís Paulo Alves (PS):** E bem!

**O Orador:** E por que é que está tentando resolver? Por que é que é preciso resolver agora de uma forma que não é a mais simples?

Porque na altura em que deviam ter resolvido, os senhores não resolveram.

Se erraram nas contas a nível da República, erraram. Se não erraram, não erraram. Se esqueceram de negociar por causa desse erro, se trocaram a negociação por outra negociação de outro produto qualquer no âmbito da Agenda 2000, isso são minudências da história.

O que é facto é que estamos agora a tentar arranjar soluções e este não é o momento certo para as arranjar.

**Deputado Dionísio Sousa (PS):** Os Governos existem é para isso!

**O Orador:** Os senhores têm que ouvir isto. Os senhores estão culpando pessoas, estão culpando o passado sempre que querem, mas têm que ouvir, porque a responsabilidade foi vossa.

Os agricultores açorianos sabem e têm que saber sempre – os senhores não podem reescrever a história – que a responsabilidade da situação complicadíssima a nível das quotas leiteiras, é vossa (PS/Açores, PS da República). Isto é iniludível.

Muito obrigado.

**Deputado Dionísio Sousa (PS):** Isso nem serve para título de jornal!

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Deputado Luís Medeiros.

**Deputado Luís Medeiros (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

As quotas leiteiras vão ter que continuar em debate, porque foram ditas aqui várias coisas que não se podem deixar passar em claro.

Vamos recuar um bocadinho ao passado, porque às vezes é bom avivar a memória.

Em 1995 começou-se a notar que as entregas de leite na Região se aproximavam vertiginosamente da quota que dispúnhamos. Nessa altura começou-se a sensibilizar o Ministério da Agricultura para o problema e de que precisávamos de transferências da reserva nacional para distribuir na Região Autónoma dos Açores.

Ao longo de todo o ano de 1996 essa pressão foi feita junto do Sr. Ministro Gomes da Silva e do Sr. Secretário de Estado Capoulas Santos que veio à Região reunir com o Governo do PSD. Na altura era Secretário da Agricultura o Dr. Adolfo Lima. Toda a vida nos tranquilizou dizendo que não havia razões para preocupações porque a reserva nacional dispunha efectivamente de quantitativos que podiam satisfazer as necessidades da Região Autónoma dos Açores.

Enquanto Portugal não atingisse a quota que lhe estava estabelecida não havia razões para nos preocuparmos.

Nessa altura, mensalmente, comunicávamos ao INGA as nossas necessidades e a posição das quotas na Região, com a solicitação das transferências que precisávamos para darmos andamento aos processos que estavam “encalhados” no IFADAP, à espera de financiamento e isso nunca veio.

Quando PS ganhou as eleições o discurso manteve-se: “não há problemas porque a reserva nacional aguenta”.

Começámos a ver algumas transferências. Começaram a haver problemas.

A grande surpresa aparece quando em 99/2000, na negociação da Agenda 2000, Portugal não põe qualquer questão para o aumento da sua quota leiteira, quando já a tinha ultrapassado. Isso por ignorância, por omissão do Ministério da Agricultura.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Gostaria também de avivar a memória do Sr. Dr. Luís Paulo Alves que talvez não conheça os pormenores, mas referiu que quando se negociou em 1990 já haviam precedentes para os DOM's. Não é bem assim.

O POSEIDOM ainda não estava em vigor e nós já tínhamos as quotas negociadas. Não se esqueça que houve uma primeira e uma segunda fase de adesão. Na segunda fase entrámos como membros de pleno direito tendo que acatar todas as disciplinas da Organização Comum do Mercado.

É preciso que se veja que os DOM's não produziam leite suficiente. Produziam uma quantidade absolutamente ínfima e tinham um consumo bastante elevado.

Na aplicação do POSEIMOM verificámos que não fazia sentido estar-se a aplicar quotas a uma Região que nem sequer produzia para o seu autoconsumo. O que dissemos foi que até que se atingisse a produção equivalente ao nosso autoconsumo, estávamos isentos de quotas. Foi esse precedente que nos serviu para irmos buscar as 73 mil toneladas.

É preciso ver a diferença de perspectivas das duas situações.

O POSEIMA é de 1992 e nós aplicámos o regime de quotas desde 1990.

Quanto à quota regional, gostaria de referir qu  
e não foi por vontade da Região que tivemos naquela altura uma quota regional. Havia um regulamento comunitário que dizia que a quota de um Estado-Membro era subdivida pelas regiões agrárias desse Estado-Membro e definiam inclusivamente o conceito de Região.

Para Portugal foi estabelecida uma Região Continente, uma Região Madeira e uma Região Açores.

Só em 1992, com a publicação do Regulamento 3950, que revogou o anterior, é que passou a haver uma reserva nacional única, daí que se tenha negociado, nessa altura, as 400 mil toneladas.

**Deputado Luís Paulo Alves (PS):** Lá deviam dizer também que era 1%!

**O Orador:** Como é que aparecem as 450 mil toneladas?

Quando se negociaram quotas, o rendimento médio das vacas nos Açores era 3.150 litros de leite.

Tínhamos como objectivo o rendimento médio europeu, que era de 5.000. Pretendíamos aumentar o nosso efectivo para as 80.000 vacas. Se multiplicarmos os 80.000 por 5.000 obtemos as 400.000 toneladas. Essa era a nossa meta e foi atingida na altura certa.

**Presidente:** Sr. Deputado, agradeça que concluisse.

**O Orador:** Eu já termino, Sr. Presidente.

Inclusivamente as revisões dos regimes de quotas estavam todas estabelecidas nos Regulamentos Comunitários.

Se se der ao trabalho de ir ver os Regulamentos 804 e o 1500 e não sei quantos, verá que o sistema será revisto em... . Da mesma maneira o actual estabelece até 2008 e depois se verá.

É preciso ter presente estas questões quando se fala nisto. Tudo isto tem uma evolução histórica.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD e do PP)*

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas.

**Secretário Regional da Agricultura e Pescas (Ricardo Rodrigues):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

De facto, a quota é um elemento fundamental nesta matéria, mas eu alinhava mais, passo a expressão, pela solicitação do Grupo Parlamentar do Partido Comunista. O que é que os senhores querem para o futuro? O passado está visto!

A resposta foi dada. Nós aumentámos 33% a nossa quantidade de referência. Nessa matéria estamos esclarecidos.

O eco do que aqui se passa nesta Casa deve passar para o exterior e devemos ter a noção da responsabilidade (os senhores foram eleitos, eu também fui, mas agora estou a exercer outras funções) do que é que o partido político pensa para que os agricultores e os lavradores saibam o que é que os seus representantes estão a defender em cada momento.

A posição do Partido Comunista eu já percebi, ou seja, pretendem um aumento da quota, negociando ao nível das regiões ultraperiféricas um aumento de 4 a 5% que fosse sustentado.

Eu já expliquei que o Governo primeiro optou por essa teoria, mas o Governo da República não quis negociar isso no domínio das Regiões Ultraperiféricas, porque dizia que ia negociar um aumento de quota para o Estado. Eu tenho que aceitar e estou à espera dessa matéria do Governo da República. Em simultâneo, acho que não devemos perder a oportunidade de negociar em termos das Regiões Ultraperiféricas.

Os senhores ainda não disseram como é que vão resolver o problema de ultrapassagem da quota, porque em relação ao período homólogo do ano passado, nós estamos a aumentar a cerca de 7%, o que nos dá um resultado de ultrapassagem da quota e, portanto, de imposições suplementares. É face a esse cenário que nós estamos.

Eu gostava de ouvir a proposta do PSD sobre o que é que pensa para o futuro.

Já percebemos que os Governos do Partido Socialista conseguiram aumentar 33,4%. Gostaria de saber agora qual a pressão que o PSD faz junto do Governo da República e para que níveis é que nós vamos aumentar a quota, a fim de que os lavradores possam ser esclarecidos.

Nesta matéria era importante caminharmos para o futuro e não ficarmos sempre no passado.

Tal como disse o Sr. Deputado Luís Paulo Alves, a integração das 73 mil toneladas é velha. Nós sempre pedimos isso. Isso é válido até Março de 2003.

Nós não negociámos em 2000 e em 2001 uma questão que só tinha aplicação em 2003. Estávamos à procura do timing mais adequado.

Eu já tive que escrever uma carta ao Sr. Ministro da Agricultura a manifestar a nossa preocupação, porque Março de 2003 está próximo.

É preciso ser breve sobre o resultado disso e por isso gostaria de ouvir a opinião do PSD sobre essa matéria.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Hernâni Jorge.

**Deputado Hernâni Jorge (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Não querendo alimentar mais polémicas relativamente ao passado, não posso deixar de dar razão ao Sr. Deputado Duarte Freitas quando diz que o problema que atravessamos da quota leiteira na Região Autónoma dos Açores é – pelo menos em grande parte – da responsabilidade do Governo do Partido Socialista.

Efectivamente é assim, Sr. Deputado Duarte Freitas e já lhe explico porquê:

Até 96, em algumas ilhas e particularmente na nossa, o Pico, e em ilhas como as Flores, não se pagava à produção.

Entre 1992 e 1996, os Açores não aproveitaram a distribuição da reserva nacional.

De então para cá passou-se a pagar à produção. De então para cá a capacidade produtiva da Região Autónoma dos Açores foi aumentada em 33,4%, o que corresponde a 131 mil toneladas. Efectivamente é verdade, Sr. Deputado Duarte Freitas e não podia deixar de lhe dar razão.

Se o PSD continuasse a ser Governo o problema da quota não se punha, pelo menos em algumas ilhas, como o Pico, porque tinha deixado de haver produção leiteira.

**Deputado Renato Leal (PS):** *Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas:

Na sua intervenção inicial V. Exa. refere o artigo 299º do Tratado da União Europeia.

Gostaria que me esclarecesse qual a diferença entre o actual nº 2 do artigo 299º, relativamente à presença da Ultraperiferia no Estatuto e aquilo que se passava anteriormente em relação a essa terminologia que está no anexo ao Tratado de Maschtrich?

Em nosso entender há uma diferença muito grande e tem a ver com a imperatividade da lei.

Também gostaria de voltar a um outro aspecto deste nosso debate onde fiquei com a impressão, em função da importância do sector leiteiro e da importância do problema da discussão da quota leiteira, que está a passar ligeiramente despercebido neste debate, ou seja a fileira da carne que, a meu ver, é muito importante no sector primário desta Região.

O Sr. Secretário diz na sua intervenção inicial que a carne é um complemento em muitas explorações. É verdade. Mas tenho a impressão que se esquece um outro aspecto, é que a carne é fundamental, é prioritária e é essencial também em muitas explorações, na medida em que há muitas explorações cuja sustentabilidade se baseia exactamente na produção de carne.

Eu estou mais ou menos de acordo com os Srs. Deputados Duarte Freitas e Luís Medeiros naquilo que foi dito em relação a esta matéria. Efectivamente há aspectos no sector da carne que, neste momento, não têm efeitos, em nosso entender, em relação à exploração agrícola.



O Sr. Secretário fala na certificação da carne. É muito importante, mas nem tão pouco nós temos hoje a certificação de origem da carne açoriana no mercado nacional.

Pergunto: não seria importantíssimo para os produtores açorianos se a certificação de origem existisse no mercado continental? Não seriam mais valias que seriam reproduzidas na exploração agro-pecuária açoriana?

É evidente que sem uma rede regional de abate, sem uma tecnologia de carnes implementada, sem os circuitos comerciais organizados, isto é impossível.

Admito que uma parte destes aspectos compete ao sector privado, mas o estilo, a capacidade de intervenção e a orientação política tem que partir do Governo Regional dos Açores.

Essa orientação política e implementação, em nosso entender, está a tardar e está a ter aspectos negativos na valorização do produto açoriano.

Já referi aqui as salas de desmancha necessárias. Penso que a Região tem responsabilidades nessa matéria.

O Sr. Secretário também fala na rede regional de abate. Eu pergunto: quando é que teremos certificada uma rede regional de abate em todas as ilhas desta Região ou na maioria das ilhas?

Quando é que teremos possibilidades de exportação de carne embalada com o certificado de origem e colocada no mercado nacional ou internacional?

Não me venham falar no problema do acabamento, porque hoje, em Itália, determinadas categorias de carne que nós produzimos em algumas ilhas, concretamente a carne até aos 9 ou 10 meses de idade, é altamente valorizada.

Em nosso entender, essa valorização desse nicho de mercado também podia ser utilizada na Região Autónoma dos Açores.

Outra matéria que também ainda não vi discutida neste debate e que penso que é importante é o apoio existente neste momento, por parte da Região, às Associações

Agrícolas e às Cooperativas, no que diz respeito às melhorias tecnológicas e ao apoio técnico.

**Presidente:** Sr. Deputado, agradecia que concluísse.

**O Orador:** Vou concluir, Sr. Presidente.

Todos nós temos conhecimento que o PROAGRI, em determinada época, foi importante no sentido preparar associações e cooperativas e de incentivar inclusivamente aspectos técnicos que no passado pertenciam aos serviços do Estado na Região.

Qual a situação actual?

Eu tenho falado com muitas associações, com muitas cooperativas e todos me dizem que as falhas, desde há dois anos a esta parte, são significativas, no que diz respeito à manutenção de determinados serviços e apoios técnicos.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas.

**Secretário Regional da Agricultura e Pescas (Ricardo Rodrigues):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

De facto, este não é o momento adequado para filosofar ou dissertar sobre o que se entende juridicamente sobre o artigo 299º, mas devo-lhe esse esclarecimento porque lhe fiz algumas críticas.

O que eu quis dizer é que o artigo 299º, nº 2, é um normativo aberto, ou seja, é um comando programático na medida em que deixa campo livre para integração do seu conteúdo.

Ainda bem que ficou inscrito e versado no Tratado de Roma, com as suas actuais versões. É uma melhoria significativa. O anexo não tem o valor jurídico que tem o Tratado.

Não é uma norma imperativa, porque ela estava preenchida nos seus objectivos e nós devíamos imperativamente atingir aqueles objectivos. A norma programática é aquela que deixa o campo aberto para a sua integração como conteúdos a negociar e

a exercitar. Foi isso que lhe quis dizer e foi isso que disse relativamente à diferença entre a norma programática e a imperativa.

Para que fique claro, o senhor falou nas características da norma. Eu falo na classificação das normas. São coisas distintas.

Relativamente à carne, nós não desistimos das experiências que no Pico e nas Flores estão se fazendo ao nível da carne. Continuam a ser feitas.

Se calhar o Sr. Deputado já não deve passar muito por esses sítios, mas elas estão a ser feitas.

O Sr. Deputado Paulo Valadão deve ter conhecimento disso, no que se refere às Flores, mas se não tem, gostaria de dizer que eu já fui visitar e já me transmitiram os resultados dessas experiências.

O que eu devo dizer é que o PECA deixou de ser uma exploração pecuária de vacas leiteiras, porque essa experiência já era vastíssima. De anos e anos a experimentar vacas leiteiras já chega!

Os agricultores já sabem muito de vacas leiteiras e isso está a ser transformado num campo experimental de bovinos machos.

Eu estou a informar do que é que eu estou a fazer e o Sr. Deputado está com uma cara de espanto, até parece que eu estou a fazer uma coisa completamente absurda.

Recordo que em São Miguel houve alguém que se dedicou muito a essa actividade, que é o senhor seu pai.

Nós queremos montar um campo de experiência a esse nível e o senhor está muito admirado como se isso fosse um crime. Não é Sr. Deputado. De facto, é uma experiência que nós vamos utilizar em São Miguel nessa área.

Quanto à certificação de carne, decorre um prazo de reclamações que ainda não está findo a partir do qual muitas acções podem ter lugar.

De resto, nem tudo o que não se vê não existe. Há muitas negociações e eu já me encontrei com vários grupos industriais da carne para abordarmos o problema da certificação.

Por último, o Programa PROAGRI foi substituído pelo AGRORURIS.

Está feito um convite às Associações e Cooperativas para apresentarem as suas candidaturas e dadas instruções à Direcção Regional para apoiar todas as candidaturas e todas as solicitações que sejam feitas para a instrução desses respectivos processos.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Medeiros.

Informo que o PSD dispõe de dois minutos.

**Deputado Luís Medeiros (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Muito rapidamente para dizer que os 33% de aumento que o Governo Regional do Partido Socialista conseguiu para a quota dos Açores inclui as 73 mil toneladas. Isto quer dizer que da reserva nacional para a Região, não chegam a 15% as transferências que se conseguiram.

A carne daria outro debate, Sr. Secretário, se calhar mais vasto do que este.

Obviamente que não queria referir as experiências do PECA porque elas até aqui têm sido francamente desastrosas. Foi uma página infeliz.

Não sei se as novas obedecem a protocolo ou não, mas é experiência a não repetir.

Relativamente às quotas, o Sr. Secretário desafia qual a posição de futuro.

Obviamente que temos perspectivas talvez um bocadinho diferentes, mas eu partilho um pouco da opinião dada pelo Sr. Deputado José Decq Mota. Nós precisamos de uma quota regional calculada com base nas nossas capacidades produtivas, num respeito pela protecção ambiental e paisagística, inserida numa subreserva regional, gerida autonomamente (ao critério do Governo Regional, de acordo com a legislação e regulamentação comunitárias), o que poderá talvez ser conseguido ao abrigo das disposições da ultraperiferia (nº 2 do artigo 299º do Tratado).

Obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

Informo que dispõe de três minutos.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas referiu, no sector da carne, a experimentação. Eu conheço tão bem como o senhor porque estivemos na mesma apresentação, no que se refere à Ilha das Flores. Espero que os serviços das Flores tenham meios financeiros para continuar a experimentação, porque ela é importante.

O Sr. Secretário também refere dados em relação ao problema da comercialização da carne. Eles são importantes e eu tenho conhecimento de alguns, mas é fundamental que se vá à procura de interesses comerciais, dimensionados à nossa Região, às nossas ilhas e aos nossos passos.

Todos nós sabemos que não temos ilha nenhuma na Região com capacidade de fornecer carne a uma grande superfície nacional, mas se houve negociação com pequenos nichos de mercado, aí já temos possibilidade de grande valorização ao contrário dos outros.

Estes são aspectos que penso que são importantes clarificar.

Em relação às candidaturas e à substituição do PROAGRI, gostaria de lhe dizer que há um interregno entre estas candidaturas e posteriormente a implementação dos resultados e o terminus do PROAGRI. Este intervalo tem que ser resolvido em muitas associações e cooperativas.

Outro aspecto que penso que também é importante na discussão da Política Agrícola é a modernização e o atraso em relação à aprovação de projectos.

Esta é uma matéria que se coloca e que, infelizmente, se continua a colocar no sector agrícola desta Região.

Há um outro conjunto de aspectos que penso que são importantes e um deles já foi referido, isto é, o abastecimento de água, o problema da electricidade e dos

caminhos agro-silvo-pecuários. Esta é outra matéria onde as deficiências, em nosso entender, têm sido graves.

É preciso não esquecer que, hoje, o fornecimento de água à exploração pecuária, a uma exploração de leite, tem que ser água potável. O que é que se tem feito nesta Região no que se refere a esta matéria? É importante saber-se, Sr. Secretário.

Em relação aos caminhos, o que é que tem sido feito?

O estado dos caminhos agro-silvo-pecuários desta Região coloca muitas dificuldades aos agricultores.

Hoje, não se prende apenas com uma ou duas ilhas. Durante algum tempo reivindiquei melhorias nos caminhos da Ilha das Flores, mas infelizmente hoje chego à conclusão que há várias ilhas nesta situação, inclusivamente ilhas com maior potencial e produções no sector agro-pecuário em que os caminhos agro-silvo-pecuários continuam em estado bastante degradado.

Finalmente, foi aqui referido o problema do transporte dos adubos. O Sr. Secretário já deu a sua explicação, mas é importante não nos esquecermos que hoje, o nosso agricultor está orientado pelo chamado guia das boas práticas agrícolas. Por outro lado, está fiscalizado pelos planos de exploração.

O enquadramento na maioria das explorações do uso de adubos está devidamente controlado. Por isso mesmo, há uma realidade em que se nota que, no campo da produção agrícola, os agricultores de um momento para o outro viram aumentado o preço dos adubos e a consequência desse aumento foi o fim do apoio ao transporte.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu penso que é importante que todos nós façamos um esforço no sentido do nosso agricultor deixar de sentir as incertezas e as intranquilidades que hoje sentem no sector todos aqueles que estão ligados à agro-pecuária.

Penso que é fundamental os agricultores continuarem a produzir tendo um fruto compatível com aquilo que produzem.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas.

**Secretário Regional da Agricultura e Pescas (Ricardo Rodrigues):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Relativamente às últimas questões que foram colocadas a nível de caminhos e de abastecimento de água, gostaria de lhe dizer, Sr. Deputado, que nunca se investiu tanto nos Açores como neste momento se está a investir em caminhos agrícolas.

Em caminhos agrícolas da responsabilidade do IROA, neste momento temos em obra 15 milhões 539 mil 528 euros, ou seja, temos em execução neste momento 55,1 Km nos perímetros de ordenamento agrário.

Portanto, estamos a executar no limite das nossas capacidades financeiras.

Nós temos um programa comunitário que tem limitações em termos do financiamento e, naturalmente, vamos ultrapassar, para obtermos a reserva de eficiência. Classificando o programa da agricultura nos 8 programas nacionais, o nosso está em segundo lugar em execução e aprovação do projecto.

Em caminhos, nós temos isso, para além do investimento que nós fazemos ao nível da Direcção Regional dos Recursos Florestais. Estou só a falar do IROA e neste momento são 15 milhões e 539 mil euros.

Em abastecimento de água, neste momento temos 7 milhões 168 mil 684 euros. Nós estamos a fazer abastecimento de água em Santa Maria, na bacia leiteira de Ponta Delgada, em Vila Franca do Campo e na Povoação. Também estamos a fazer na Terceira no perímetro da Agualva, das Cinco Ribeiras e, como sabem, no Faial, em Castelo Branco.

Nunca se investiu tanto.

Esta é uma prioridade do Governo Regional na área da agricultura.

Estamos a investir dessa maneira, mas, em simultâneo, estamos a investir naquilo que os senhores já disseram várias vezes que era secundário, a rede regional de abate. A rede regional de abate é indispensável, é prioritário.

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** Faz parte do processo!

**O Orador:** Sem rede regional de abate os senhores não conseguem nenhuma certificação.

Nós estamos a investir 5 milhões, 74 mil e 154 escudos. Naturalmente que vamos fazer os matadouros da Terceira, de Santa Maria e do Pico.

Temos que ficar nos Açores com uma rede regional abate verdadeiramente regional.

Depois vamos olhar para as questões que têm a ver com a desmancha. Os matadouros de maior dimensão já contêm uma sala de desmancha nos próprios projectos e na execução. O de Ponta Delgada já tem e o da Terceira terá e os outros terão naturalmente essas capacidades de desmancha.

Nós estamos preocupados com a parte que diz respeito ao bem-estar animal. Sabemos que essas regras vão ser impostas e temos que ter capacidade para dar resposta a isso.

Quando cá chegámos não tínhamos um matadouro em condições. Em simultâneo com esses milhões de euros que eu referi,...

**Presidente:** Sr. Secretário, informo que está a esgotar o seu tempo.

**O Orador:** Penso que não utilizei o tempo da última intervenção.

Se o Sr. Presidente me autorizar, uma vez que estamos no fim do debate.

**Presidente:** O Sr. Secretário tem 10 minutos para uma intervenção final.

Neste momento estamos na fase dos esclarecimentos.

**O Orador:** Por aquilo que me apercebi, só o Partido Socialista dispõe de tempo.

Eu não vou ficar aqui a falar sozinho duas horas.

Eu tenho ainda muito para dizer e vou continuar a falar, porque se eu me calo, termina o debate, a não ser que o Partido Socialista tenha perguntas para me colocar e eu terei muito gosto em responder.

**Presidente:** O Partido Socialista tem ainda um deputado inscrito.

**O Orador:** Então eu termino por aqui e depois faço a minha intervenção final.

Obrigado, Sr. Presidente.



**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Paulo Alves.

**Deputado Luís Paulo Alves (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu não gostaria que este debate acabasse sem que ficasse perfeitamente claro a necessidade que há de se encontrar, num quadro de uma solução excepcional, a ultrapassagem das quotas previsível para esta campanha.

É bom que os responsáveis dos Açores e da República procurem, num quadro excepcional, uma solução para esta situação. Uma parte do tecido das explorações mais rentáveis dos Açores poderá correr riscos se este problema não for resolvido.

Penso – e estou de acordo com as outras bancadas que enveredaram por este caminho – que a solução estrutural poderá ser encontrada no quadro da ultraperiferia sob formas que assim se adequem.

Por último, gostaria de fazer um pequeno reparo à situação das 400 mil toneladas. Efectivamente 5.000 litros por vaca, em 80.000 vacas, dá 400 mil toneladas, mas falta acrescentar que era esse o entendimento que o Sr. Secretário Regional da altura tinha quanto ao limite de produção que a Região devia ter, porque era aquele que era mais adequado à capacidade da pastagem.

Portanto, dito tudo isto de seguida até aqui, pode-se perceber que hoje, felizmente, esse limite já se perspectiva nas 700 mil. Estamos quase no dobro.

Isto quer dizer que as 400 mil toneladas tinham por fim uma meta e não uma transição.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, era para pedir um intervalo regimental de 5 minutos.

**Presidente:** Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Segundo o nosso Regimento, para intervenções finais, o Governo e o partido interpelante dispõem de 10 minutos.

Se reiniciarmos os nossos trabalhos às 19 horas e 40 minutos, dá exactamente 10 para cada um e encerramos de seguida os trabalhos.

Estão suspensos os nossos trabalhos por 10 minutos.

*(Eram 19 horas e 30 minutos)*

**Presidente:** Srs. Deputados, agradeça que ocupassem os vossos lugares para darmos continuidade aos nossos trabalhos.

*(Eram 19 horas e 40 minutos)*

Para uma intervenção final tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Pescas que neste momento está a exercer as funções de Presidente do Governo Regional.

**Secretário Regional da Agricultura e Pescas (Ricardo Rodrigues):** Exm<sup>o</sup> Senhor Presidente da Assembleia Legislativa Regional dos Açores, Ex<sup>as</sup> Senhoras e Senhores Deputados, Caros Colegas do Governo:

O sector agrícola passa, neste momento, por um período de estabilidade que resulta essencialmente da capacidade de resposta e do comportamento que tiveram os nossos agricultores na adaptação a uma conjuntura difícil, exigente e de grande responsabilidade.

Com empenho e determinação, conseguimos ultrapassar aqueles tempos de má memória de há meia dúzia de anos atrás, em que os lavradores esperavam mais de um ano para receber a justa e merecida contrapartida do seu trabalho, sobretudo no que se refere à retribuição pela venda de leite, onde se acumulavam insolvências seguidas de insolvências.

Vencemos também aquele período difícil em que sobre as próprias unidades de transformação, designadamente as de cariz cooperativo, recaiam as complexas e

quase permanentes crises financeiras, que inevitavelmente se reflectiam em prejuízo concreto na vida de cada um dos nossos lavradores e de cada membro das suas famílias.

Hoje, felizmente, o clima que se vive é de optimismo responsável e de muita esperança no futuro. Um clima que evidencia, pelo esforço feito, a nossa capacidade de ultrapassar dificuldades e, por isso mesmo, nos permite a necessária confiança para conquistar os novos desafios que vão surgir, já que é uma realidade evidente o facto de o investimento no sector da transformação e comercialização atingir um valor global de cerca de 100 milhões de euros.

Por outro lado, importa referir que o investimento dos privados no sector agrícola, no que se refere a projectos já aprovados, atinge um valor superior a 47 milhões de euros, enquanto o investimento público em execução nos caminhos agrícolas e rurais, no abastecimento de água e de rede eléctrica às explorações e na Rede Regional de Abate, se aproxima dos 36 milhões de euros.

Estes são números, que não são imaginários, nem apenas constituem prova indubitável do esforço privado e público neste sector de actividade tão indispensável à economia dos Açores, revelam também a "saúde" e o vigor por que passa esta actividade e os seus agentes, directos e indirectos, como resultado da vontade e do trabalho políticos dos Governos do Partido Socialista. É que foi duplicado o investimento público neste sector, quando comparado com o de há seis anos atrás.

No entanto, estamos plenamente conscientes de que muitos obstáculos existem, mas estamos ainda mais conscientes e certos da nossa vontade de trabalhar e da nossa determinação no apoio à agricultura e aos agricultores açorianos.

Sabemos das imposições da União Europeia à limitação administrativa da produção de leite, isto é, sabemos das exigências comunitárias no que diz respeito ao cumprimento dos valores e das regras estabelecidas para a convencionada quota leiteira da Região.

Mas, se por um lado é verdade que essa restrição cria sérios inconvenientes ao natural crescimento deste sector nos Açores, não é menos verdade que a existência de quotas no âmbito da União Europeia estabelece e permite a nossa garantia na estabilidade do preço do leite o que, por essa via, não deixa de ser um elemento

protector das especificidades da nossa agricultura e das nossas condições de produção.

A União Europeia concluiu recentemente um estudo, no qual se revela que a liberalização da produção de leite no espaço comunitário teria como consequência inevitável a redução de preço deste produto em 40%. Esta possibilidade concretizada - Senhor Presidente e Senhores Deputados - seria perigosamente penalizadora para a economia da Região e, diria eu, que dramática para todos os nossos lavradores.

É por isso que entre as propostas apresentadas à Comissão Europeia pelos Presidentes das Regiões ultraperiféricas, se salienta a recomendação à Comissão que deverá proceder a uma análise profunda do papel determinante e incontornável das produções tradicionais, com vista ao sucesso da estratégia de crescimento e desenvolvimento para as Regiões Ultraperiféricas, no quadro das evoluções previsíveis dos mercados e dos desenvolvimentos tecnológicos neste sector. Que a problemática da ultraperiferia europeia deverá ser sempre tida em linha de conta na formulação de políticas comuns que envolvam as actividades económicas tradicionais destas regiões, através de uma prévia análise de impacto; que deverá existir flexibilidade na definição e gestão dos limites administrativos, impostos as produções tradicionais, onde as Regiões Ultraperiféricas disponham de vantagens comparativas, devendo ser-lhes permitido desenvolvê-las, em função das suas potencialidades, dos limites ambientais de sustentabilidade e dos recursos existentes em cada caso. Incluem-se nesta situação de produção tradicional, o leite e o açúcar.

Neste sentido, julgamos animador o facto de o Comissário Michel Barnier ter considerado na sua última intervenção muitas das expressões consignadas na proposta das RUP, tendo presente que esses argumentos deverão ser levados em devida conta no trabalho do Comissário Franz Fischler sobre a reforma da Política Agrícola Comum.

Mesmo assim, manteremos a nossa pressão e insistiremos nas nossas diligências junto dos parceiros com interesses comuns no desenvolvimento das ultraperiferias para, em uníssono, valorizarmos as nossas produções principais e, deste modo, justificarmos e exigirmos o tratamento especial que, por um lado, nos julgamos merecedores pela demonstração de que o peso da nossa produção agro-pecuária será

sempre irrelevante no contexto concorrencial europeu e, por outro lado, por acreditarmos que tal distinção nos é justa e devida por parte da União Europeia .

Em simultâneo, as nossas propostas apresentadas no âmbito nacional, isto é, ao nível do Estado-Membro, quanto a quantidade de referência na produção de leite e a obterem êxito, como esperamos, permitirão alguma tranquilidade através de um crescimento sustentado desse produto na Região.

Com o objectivo de aprofundar o conhecimento e divulgar o máximo de informação útil sobre todas as possibilidades a equacionar para o desenvolvimento e progresso da nossa agricultura, o Governo Regional dos Açores pretende promover, em 2003, um amplo debate com todos os parceiros sociais do sector, tendo em vista a imprescindível conjugação de esforços e de vontades na conciliação de três medidas essenciais para este ramo de actividade. Refiro-me, com objectividade, ao emparcelamento desejável para a reestruturação fundiária das explorações agrícolas; ao ajustamento coerente e adequado às necessidades do arrendamento rural e à revisão do Sistema de Apoio à Aquisição de Terras (SICATE) pelos arrendatários.

**Termino, registando em justo reconhecimento, o contributo que os parceiros sociais tem trazido à Região na definição da nossa política agrícola, num interesse que é de todos, e reafirmo aqui a conveniência para a nossa economia e a motivação do Governo Regional em manter o investimento público neste sector, aos mesmos níveis, com a mesma predisposição e com a mesma importância relativa com que os VII e VIII Governos Regionais iniciaram um novo período de confiança e de expectativa para os agricultores açorianos.**

A obra feita, nesta e noutras áreas de desenvolvimento das nossas ilhas, prova que estamos no caminho certo e que o impacte das políticas implementadas pelo VIII Governo Regional dos Açores é já matéria perfeitamente contabilizável.

Finalizo com alguns comentários como decorreu este debate.

As expectativas que eu, pessoalmente, e o Governo depositávamos eram enormes. De resto, é a primeira vez que nesta Legislatura e tanto quanto me recordo na anterior, é feita uma interpelação ao Governo.

Saio daqui mais esclarecido quanto às posições que são assumidas por alguns partidos políticos no que diz respeito à Política Agrícola Comum e em questões muito concretas do sector agro-pecuário. Refiro-me concretamente à quota.

Nessa matéria devo concluir que a posição que o PSD assumiu neste debate não corresponde nem às expectativas do Governo, nem às expectativas dos agricultores açorianos.

Manifesto pesar por ter verificado que o PSD não conseguiu dar um passo em frente no sentido de, em conjunto com todos os partidos, podermos apresentar uma versão que fosse a favor dos açorianos e mais uma vez preferiu optar por apoiar o Governo da República em detrimento dos agricultores açorianos.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Deputado Duarte Freitas (PSD):** O PSD pode fazer tudo o que fizer que o vosso discurso é sempre igual!

**Presidente:** Para uma intervenção final tem a palavra o Sr. Deputado José Decq Mota.

**Deputado José Decq Mota (PCP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo Regional em exercício, Srs. Membros do Governo:

A realização desta Interpeleção contribuiu, não só para uma discussão interessante em si mesmo como a que acabámos de realizar, mas contribui principalmente, para a realização de uma responsável discussão política, neste que é o principal Órgão do Sistema Autónomico, sobre aquele que é o principal sector e a principal e mais segura potencialidade da nossa economia regional.

O Grupo Parlamentar do PCP orgulha-se, natural e legitimamente, de ter tido o papel de partido interpelante, mas mais do que orgulho, sentimos que cumprimos uma obrigação que resulta, directa e inequivocamente, dos compromissos que assumimos com a nossa sociedade quando nos propusemos exercer um papel de representação política institucional.

De facto, o PCP/Açores tem tido sobre a Agricultura açoriana uma posição muitíssimo clara, que não dá lugar a equívocos ou a avaliações hesitantes subjectivas, de gabinete ou outra natureza qualquer.

Para o PCP/Açores a Agricultura em geral e a agro-pecuária em especial constituiu o sector económico que tem sido, que é, e que é desejável que continue a ser, o pilar fundamental desta nossa pequena e distante economia regional insular.

Temos um território pequeno mas que tem excelente aptidão agrícola; temos uma população pequena mas que tem uma excelente aptidão criada por gerações para as nossas práticas agrícolas e pecuárias principais; temos condições climáticas excelentes para a cultura de ervas forrageiras, mas que simultaneamente permitem outras práticas e culturas agrícolas; temos um sector leiteiro que se impôs há dezenas de anos no contexto nacional; temos, no sector do leite, uma importante capacidade de transformação instalada com uma enorme repercussão em toda a economia e em toda a sociedade; temos tradição e muitas potencialidades no sector da carne dado o tipo de produção natural e extensiva que nos caracteriza.

Temos tudo isto e por isso temos também que ter, sem hesitações, sem preconceitos e sem facilitações, uma linha de orientação política que seja de defesa do sector, que facilite a sua modernização, que garanta, no plano das infraestruturas as melhores condições de trabalho e mais razoáveis custos de produção; que permita uma racional e equilibrada ocupação do território, que, numa palavra permita que esta economia regional, pequena, distante, necessariamente dependente e inevitavelmente frágil, continue a ter um alicerce próprio, uma capacidade reconhecida e com algum peso, uma possibilidade real de existir de acordo com as suas próprias, reconhecidas e celebradas potencialidades.

O PCP/Açores defende há muitos anos esta ideia e com o evoluir do tempo essa opção ainda mais se acentua dadas as condições actuais de produção, de enquadramento e de mercado.

Não tem cabimento defender hoje uma agricultura pulverizada sem produtos principais e sem estar associada a um sector de transformação extenso, moderno e com elevadas produtividades. Defender a diversificação agrícola, como nós a defendemos, é defender um bom e naturalmente diversificado aproveitamento da

nossa Superfície Agrícola Utilizável (SAL), com todas as vantagens equilibradoras e racionalizadoras, nos planos ambiental e económico. Defender a pulverização produtiva sem que se associe à qualidade a quantidade é o mesmo que defender o regresso a uma economia de subsistência ou quando muito e apenas em certo grau, de abastecimento do mercado interno.

É pois essencial defender a nossa produção leiteira.

É essencial defender a produção de carne e criar mecanismos de transformação.

É essencial zelar por uma boa ocupação dos solos e não fazer, por exemplo, floresta onde há muito que se faz produção de leite, havendo sim lugar à floresta onde ela é possível e desejável.

É essencial acalantar as experiências positivas já feitas em produtos de qualidade para exportação nas áreas da floricultura e da fruticultura.

É essencial defender as culturas industriais tradicionais especialmente a beterraba sacarina e o tabaco, quer por razões de equilíbrio agrícola quer por razões de ordem económico-social de muito peso.

Mas também queria afirmar, em nome do PCP/Açores, que esta nossa visão em relação à agricultura, a sua importância e o seu peso, não é impeditiva de pensarmos que há outros sectores económicos cujo desenvolvimento ou consolidação é essencial para que esta economia insular e distante cresça e gere desenvolvimento. Assumem naturalmente esse papel os sectores da pesca e transformação de pescado e o sector do turismo.

Erro clamoroso seria o de pensar que qualquer destes sectores deva ser resposta principal absoluta ao nosso desenvolvimento.

Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

Outra questão existe que, por vezes é bem mal tratada e bem mal equacionada por alguns sectores da nossa sociedade.

Estou a referir-me à relação geral entre produção e preservação ambiental e em especial à relação entre produção agrícola e defesa do ambiente.

Todos sabemos que existem na nossa Região zonas vulneráveis onde se instalaram desequilíbrios, nomeadamente nas bacias hidrográficas das Furnas e Sete Cidades. Esses casos carecem de rectificação, de recuperação e de reequilíbrio, objectivos



esses que podem ter que passar, nessas bacias, pela diminuição do esforço agrícola. Têm que se encontrar essas soluções não só com urgência, mas também num quadro de verdadeiro respeito pelos interesses dos produtores agrícolas aí instalados.

Mas se é verdade que existem essas zonas vulneráveis é também verdade, à parte tais excepções, que a agro-pecuária açoriana, com a superfície agrícola que utiliza e com a manada que dispõe, não prejudica o sistema eco-ambiental, antes contribui fortemente para o ordenamento do território.

O PCP/Açores não defende um crescimento de áreas nem o crescimento do encabeçamento, defende, sim e com toda a energia, a criação de condições para que sejam atingidas as produções que a actual área e o actual encabeçamento permitem.

**Podemos evitar erros que outros cometeram no passado nessa relação com o ambiente, não podemos é aceitar que se considere estarmos numa situação de desequilíbrio em que de facto não estamos.**

Seria, permita-se-me a expressão, verdadeiramente criminoso, em termos regionais, se se procurasse mutilar as nossas potencialidades agrícolas invocando realidades que não são as nossas.

Temos uma prática agrícola muito marcada pela extensividade, pelo uso da natureza, pelo manejo tradicional. Essas são características que se enquadram na nossa realidade ambiental, que são positivas na procura de mercados e que são essenciais na estrutura de explorações e empresas de raiz familiar que temos.

Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Existe hoje, na nossa realidade, uma situação de algum desencanto, de muita preocupação, de alguma ausência de perspectivas no sector agrícola, em geral, e no sector agro-pecuário, na produção do leite, em especial. É absolutamente essencial vencer esta etapa.

É absolutamente essencial criar condições para que os produtores acreditem que a sua actividade tem futuro, acreditem que o esforço e demonstração que fizeram da sua capacidade, especialmente quando se empenharam em grande número na modernização das suas explorações, poderá e virá a ser compensado no futuro.

Este é um desafio principal que neste momento se coloca: restabelecer a confiança, fazer com que se volte a um grau de confiança bastante cimentado e firme, mas isso depende da evolução e do tratamento dos principais problemas.

É evidente que, como foi afirmado aqui ao longo deste debate, existem vários constrangimentos exteriores e para muitos dos quais a sua resolução não depende apenas de nós.

Eu gostaria de repetir aqui nesta tribuna e para terminar aquilo que há pouco procurei expressar numa das intervenções que fiz e que me parece essencial: o problema fundamental, em relação a este problema da confiança, é o problema da produção leiteira, de podermos produzir de acordo com a capacidade produtiva que existe e que está instalada.

Esse problema só pode ser resolvido se, em conjunto, o Governo Regional, os partidos políticos na Região, o Governo da República e os partidos políticos no plano nacional, tiverem a rigorosa consciência de que esta é uma questão particular dos Açores, que os Açores é uma Região Ultraperiférica e que se têm que encontrar medidas mais estáveis, definitivas e, possivelmente, medidas de carácter de emergência.

Temos que tomar essa posição junto da Comunidade Europeia.

Eu lembro que em relação à questão das pescas foi possível chegar-se a um desiderato desses, foi possível chegar-se a uma situação de voz forte, com as suas diferenças, mas no essencial em consonância para este sector da produção do leite.

Para a criação de perspectivas para a agricultura todos temos que ter coragem de fazer isso.

Muito obrigado.

**Presidente:** Srs. Deputados e Srs. Membros do Governo, estão terminados os nossos trabalhos. Retomamos amanhã às 10 horas.

Boa noite e até amanhã.

*(Eram 20 horas)*

*Deputados que entraram durante a Sessão:*

*Partido Socialista (PS)*

**Dionísio Mendes de Sousa**

**Fernando Rosa Rodrigues Lopes**

**Manuel Herberto Santos da Rosa**

**Nélia Maria Pacheco Amaral**

*Partido Social Democrata (PSD)*

**Aires António Fagundes Reis**

*Partido Popular (PP)*

**Alvarino Manuel Meneses Pinheiro**

**Paulo Domingos Alves de Gusmão**

*Deputados que faltaram à Sessão:*

*Partido Socialista (PS)*

**Cláudia Alexandra Coelho Cardoso Meneses da Costa**

*Partido Social Democrata (PSD)*

**Manuel Ribeiro Arruda**

**Manuel da Silva Azevedo**

**Victor do Couto Cruz**

DOCUMENTO ENTRADO

**Projecto de Decreto Legislativo Regional Adaptação à Região da Lei n.º 92/95,  
de 12 de Setembro, alterada pela Lei n.º 19/2002, de 31 de Julho.**

**Peâmbulo**

1. A tradição ibero-mediterrânica das touradas, em todas as suas variantes e modalidades, é das manifestações da cultura popular, que se tem revelado, ao longo dos tempos, simultaneamente, como das mais arreigadas e resistentes, mas também das mais violentamente combatidas, em nome de variadíssimas motivações ideológicas.

Também neste aspecto se pode dizer que a tauromaquia justifica a afirmação de um dos mais lúcidos pensadores da nossa cultura e dos que mais subtilmente a analisou – Ortega y Gasset - ao considerá-la como “o espectáculo que não tem semelhança com nenhum outro e que tem repercussão em todo o mundo”.

É precisamente porque a tourada encena alguns dos aspectos mais perenes e dramáticos da relação do homem com as forças da natureza, num jogo de diversão e de risco, e mesmo de vida e de morte entre touro e toureiro, que a sociedade sempre sentiu

necessidade de manter em estreita vigilância legislativa e regulamentar a sua singularidade ritual e artística.

Desde as mais antigas cominações da Igreja, sempre ignoradas pelas populações, até às históricas decisões contraditórias do poder político nacional, que, já no século XIX, num ano proibiu o que, no ano seguinte, se viu obrigado a autorizar; até às disposições da ditadura militar de 1928, cuja proibição terminante dos toiros de morte só sobreviveu até à actualidade, porque permitiu a sua violação habitual em numerosos casos e ininterrupta em pelo menos um; para terminar nas mais recentes deliberações do parlamento nacional em que, em sucessivos debates anuais, algumas das diferentes forças políticas alternaram entre si posições contraditórias de defesa e de ataque de determinadas modalidades das corridas de touros em Portugal, consoante a sua situação conjuntural de governo ou de oposição.

2. Em termos legislativos, estas vicissitudes históricas resultaram, em Portugal, na situação actual consagrada na Lei n.º 92/95, de 12 de Setembro, alterada pela Lei n.º 19/2002, de 31 de Julho, sobre a matéria, consistente em vários princípios fundamentais e algumas regras concretas.

Entre os primeiros, salientem-se :

a) A licitude das touradas;

b) A proibição genérica dos touros de morte, do acto de matar o touro na arena e da sorte de varas, mas ressalvando-se os casos excepcionais cujo regime se fixa para os touros de morte;

c) Prevê-se este regime de excepção para os touros de morte “no caso em que sejam de atender tradições locais que se tenham mantido de forma ininterrupta (...) à entrada em vigor do presente diploma como expressão de cultura popular, nos dias em que o evento histórico se realize”.

Na categoria de simples regras concretas, específicas do regime jurídico estabelecido para os touros de morte naquela Lei, podem considerar-se as seguintes:

a) A imposição dos 50 anos para a tradição ininterrupta dos touros de morte;

b) A indicação da entidade que, no caso do país, concede a autorização para os mesmos;

c) O prazo de 15 dias de antecedência para apresentação do requerimento.

3. Saliente-se que a omissão, neste conjunto de regras, de qualquer excepção para a sorte de varas só se compreende por duas razões. A primeira, resulta da consciência do legislador nacional sobre a ausência de qualquer tradição ininterrupta no continente português da sua prática. A segunda, deduz-se do próprio debate ocorrido na Assembleia da República. Na falta de qualquer referência a um caso concreto, ao contrário do que acontecia com os touros de morte, a disposição legislativa que autorizasse a sorte de varas só podia ser feita em termos de permitir a sua generalização a todos os casos possíveis e não de limitá-la a uma situação concreta. Esta consequência, considerada indesejada pelo legislador nacional, levou à retirada da proposta apresentada no sentido de estabelecer um regime jurídico concreto de excepção para as touradas com sorte de varas.

4. De acordo com a delimitação de competências das Regiões Autónomas consignadas na alínea a) do n.º 1 do artigo 227.º da Constituição, a impossibilidade de a Assembleia Legislativa Regional legislar no sentido da criação de um regime específico para as touradas com sorte de varas, só teria fundamento, verificando-se cumulativamente as seguintes condições:

a) Não se tratar de matéria de interesse específico, por inexistência de tradição regional consolidada dessa prática, à semelhança do que ocorre a nível nacional. Ou então, pela ausência de tradição ininterrupta por um determinado número de anos.

Não é o caso. Nos Açores, existe uma tradição consolidada de touradas com sorte de varas, durante as antiquíssimas festas Sanjoaninas em Angra. Tradição com total cobertura legal, por força dos princípios gerais e das medidas gerais de protecção dos animais, expressos na alínea b) do n.º 2 do artigo 1.º e das regras do artigo 3.º, ambos da Lei n.º 92/95, de 12 de Setembro, sobre a protecção dos animais, na sua versão original. Tradição que, além de consolidada e antiga, se manteve sem interrupção por mais de uma década.

Tudo isto confere a esta prática a forma mais forte de especificidade – o carácter de exclusividade.

b) Haver qualquer razão constitucional para considerar esta matéria específica incluída na reserva de competência dos órgãos de soberania. Não se vislumbra qual seja. Acresce que a Assembleia da República prescindiu do exercício dessa competência, na mais recente oportunidade que teve para exercê-la.

c) O princípio fundamental da proibição genérica, estabelecida pelo n.º 3 do artigo 3.º da Lei n.º 92/95, de 12 de Setembro, alterada pela Lei n.º 19/2002, de 31 de Julho, ser incompatível com os casos excepcionais nele tipificados - touros de morte, morte do touro na arena e sorte de varas.

Também não é o caso. Aquelas exceções estão incorporadas no próprio conteúdo genérico da proibição. Por isto mesmo, é que o legislador nacional, sem infracção daquele princípio, pôde estabelecer regime próprio para a única excepção que entendeu considerar no âmbito nacional.

Nada impede, pois, que o legislador regional lhe siga o exemplo, no seu âmbito específico.

Assim, os Deputados signatários apresentam, ao abrigo da alínea a) do n.º 1 do artigo 227.º da Constituição e das alíneas x) do artigo 8.º e c) do n.º 1 do artigo 31.º do Estatuto Político-Administrativo da Região, o seguinte:

## **Projecto de Decreto Legislativo Regional**

Adaptação à Região da Lei n.º 92/95, de 12 de Setembro, alterada pela Lei n.º 19/2002, de 31 de Julho

### **Artigo 1.º**

#### **Objecto**

A aplicação à Região Autónoma dos Açores da Lei n.º 92/95, de 12 de Setembro, alterada pela Lei n.º 19/2002, de 31 de Julho, faz-se tendo em conta as especificidades constantes do presente diploma.

### ***Artigo 2.º***

#### **Sorte de varas**

Na Região, é excepcionalmente autorizada a realização de qualquer espectáculo tauromáquico com sorte de varas, tratando-se de tradição local que se tenha mantido, como expressão da cultura popular, de forma legal e ininterrupta, pelo menos, nos 10 anos anteriores à entrada em vigor do presente diploma.

### **Artigo 3.º**

#### **Adaptação de competências**

As referências feitas no artigo 3.º da Lei n.º 92/95, de 12 de Setembro, alterada pela Lei n.º 19/2002, de 31 de Julho, à Inspeção-Geral das Actividades Culturais reportam-se, na Região, à Direcção Regional com competência em matéria de espectáculos.

### **Artigo 4.º**

#### **Regulamentação**

São estabelecidas por portaria do membro do Governo Regional com competência em matéria de espectáculos, a publicar no prazo de 60 dias a contar da entrada em vigor do presente diploma, as condições em que devem decorrer os espectáculos tauromáquicos com sorte de varas.

Horta, Sala das Sessões, 15 de Outubro de 2002

Os Deputados Regionais: *Dionísio Sousa, Francisco Oliveira, Andreia Cardoso, Paulo Messias, Francisco Barros, Clélio Meneses, Bento Barcelos, Raúl Rego, Alvarino Pinheiro e Paulo Gusmão.*

---

### **Projecto de Decreto Legislativo Regional**

#### **Republicação do Decreto Legislativo Regional n.º 11/2002/A, de 11 de Abril**

A redacção do Decreto Legislativo Regional n.º 11/2002/A, de 11 de Abril, difere substancialmente da redacção aprovada pela Assembleia Legislativa Regional, em reunião plenária do dia 21 de Fevereiro de 2002.

De facto foi votada e aprovada a redacção dada pela Comissão Permanente de Política Geral para a proposta de Decreto Legislativo Regional "Alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 14/2000/A, de 23 de Maio (Instrumentos de gestão territorial - adaptação à Região Autónoma dos Açores do Decreto-lei n.º 380/99, de 22 de Setembro)".

Considerando, portanto, que o Decreto Legislativo Regional n.º 11/2002/A, de 11 de Abril, se encontra afectado na sua eficácia, o que cumpre suprir.

Assim, a Assembleia Legislativa Regional, nos termos da alínea a) do n.º 1 do artigo 227.º da Constituição e da alínea c) do n.º 1 do artigo 31.º do Estatuto Politico-Administrativo, decreta o seguinte:



### **Artigo 1.º**

*(Objecto)*

O Decreto Legislativo Regional n.º 11/2002/A, de 11 de Abril, é republicado em anexo ao presente diploma, que dele faz parte integrante.

### **Artigo 2.º**

*(Produção de efeitos)*

O Decreto Legislativo Regional n.º 11/2002/A, de 11 de Abril, na redacção do anexo a que se refere o artigo anterior, produz efeitos ao dia 12 de Abril de 2002.

### **Artigo 3.º**

*(Entrada em vigor)*

O presente diploma entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

### **Anexo**

**(a que se refere o artigo 1.º)**

*Artigo 1.º*

O artigo 16.º do Decreto Legislativo Regional n.º 14/2000/A, de 23 de Maio, passa a ter a seguinte redacção:

*"Artigo 16.º*

1- Em áreas não abrangidas por plano director municipal eficaz, a declaração de utilidade pública para efeitos de expropriação por iniciativa das autarquias locais só pode ocorrer se se verificarem, cumulativamente, os seguintes requisitos:

a) (...)

b) (...)

c) (...)

2- (...)

3- Só é possível a celebração de contratos de desenvolvimento entre a administração regional autónoma e a administração local, na forma de cooperação financeira indirecta, em municípios que disponham de plano director municipal eficaz, ou que já disponham de plano director aprovado e remetido para ratificação governamental.

4- Relativamente aos municípios que não disponham de plano director municipal eficaz só é possível a celebração de contratos de desenvolvimento entre a administração regional autónoma e a administração local, na forma de cooperação financeira directa, até 31 de Dezembro de 2002."

#### *Artigo 2.º*

Os prazos previstos nas alíneas a) e b) do artigo 17.º do Decreto Legislativo Regional n.º 14/2000/A, de 23 de Maio, entendem-se reportados a 1 de Janeiro de 2003 e a 1 de Julho de 2003, respectivamente.

#### *Artigo 3.º*

De 1 de Janeiro de 2002 até à entrada em vigor do presente diploma são aceites candidaturas à cooperação financeira indirecta.

*Artigo 4.º*

O presente diploma entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

**Os Deputados Regionais,** *Vasco Cordeiro, José Manuel Bolieiro, Alvarino Pinheiro e José Decq Mota.*

—

**A Redactora:** *Maria da Conceição Fraga Branco*